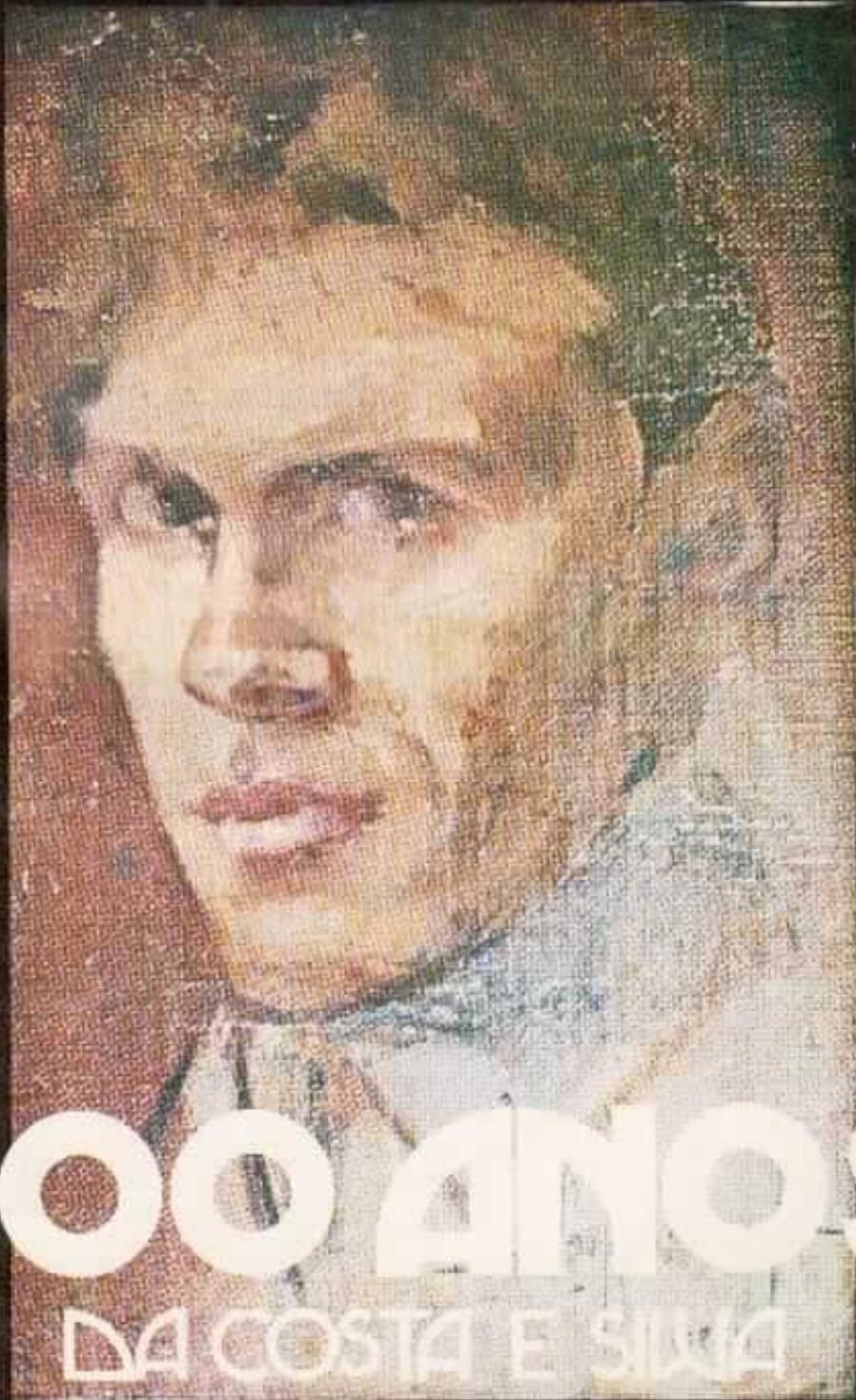


EDIÇÃO ESPECIAL

RESENHA

ORGÃO DA SECRETARIA DE CULTURA, DESPORTO E TURISMO DO PIAUÍ
ANO VI - Nº 13 - TERESINA - PIAUÍ



100 ANOS
DA COSTURA

*O homem que deseja crescer
não pode deixar a terra
entregue ao abandono.*

*Cada plano da natureza está
ao dispor do homem para ser
dominado.*

*Amar ao próximo como Deus
deseja é contribuir para
que não falte alimentos a ninguém.*

*Ocupe a terra, plante. Faça
brotar nos quintais, sítios
e fazendas a sua força de
vontade de produzir.*

Crie! Plante!

Orgulhe-se de ser um produtor.



MINISTÉRIO DA AGRICULTURA



GOVERNO
RIO GRANDE DO SUL

EDITORIAL

Esse edição especial da revista *Presença*, publicação que se impôs pela seriedade do seu conteúdo, é dedicada a um poeta que se tornou o mais rico e expressivo intérprete de nossas emoções: o amarantano Antônio Francisco Da Costa e Silva, cujo centenário de nascimento transcorre este ano.

Nascido em 23 de novembro de 1885, Da Costa e Silva é o autor consagrado de um dos mais belos sonetos da língua portuguesa - *Saudade* - um hino de profunda sensibilidade ao mais grato sentimento da evocação da lembrança.

Resumindo suas opiniões, condensando opiniões as mais diversas, colocando em debate os pontos fundamentais de sua poética, esta edição comemorativa reúne depoimentos lacrivos e imparáveis, escritos por notáveis intérpretes da poesia do grande vale amazônico.

Da Costa e Silva foi um herói, um lutador. Espalhou pelos quatro cantos do país o facho da inteligência piauiense. Lutou com a palavra, porquanto sete "luta mais val", na expressão de Drumond, é, entretanto, a forma pela qual os gigantes do pensamento se revelam para o mundo.

Lutou com a palavra, enfrentando ventos e tempestades, ruminando estradas tortuosas e manhas de incompreensões. Mas saiu da lide vitorioso, cobrando o nome do Piauí como legenda na história literária do Brasil.

Sua poesia, se traz a vitalidade encantadora das concepções incomparáveis de Sangue e de Zodíaco, onde se bifurcam as correntes numeráceas de um simbolismo vigoroso e o parnasianismo

estrutural de uma época exigente, traz também o turismo das emoções vinculadas à terra; o calor das quinhadas e o remanso acalentador; o rio, a cidade de suas nascentes, a vida do nosso povo e os costumes do meio. Ao lado disto, a amarga tristeza da via crucis de Verônica e Pandura, onde a poesia de circunstância assume uma fisionomia universal.

Se foi o mágico da interpretação dos mais subjetivos sentimentos da alma, foi o construtor de uma poesia que percorreu variados patamares da forma. Simbolista e parnasiano nos primeiros livros, no encapuzado da existência foi o neomodernista que abriu a sua tendéncia às experiências de uma poesia de configuração plástica.

Este é o poeta que recorre do seu passado a homenagem mais cara - a permanência na memória de cada tempo.

De parabéns o Secretário Jervaldo Cavalcanti Barros pela felicidade de reunir, numa só revista, depoimentos tão importantes para a história literária de nosso Estado.

Um parabéns ao povo piauiense que comece a conhecer melhor, através do esforço do Governo, aquele que, na vida e na morte tem sido o maior intérprete de massas emoções.

Este é o poeta que fica, hora e sempre a terra onde nasceu.



RESENHA

Órgão Oficial da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Piauí

Governador do Estado do Piauí
HUGO NAPOLEÃO

Vice-Governador
JOSE RAIMUNDO BONA MEDEIROS

Secretário de Cultura, Desporto e Turismo
JESUALDO CAVALCANTI BARROS

Presidente do Conselho Executivo de Cultura
BENJAMIN DO RÉCO MONTEIRO

Editora
LENA MONTEIRO DE CARVALHO

Conselho Editorial
Carlos Evandro Filho
Clóris Sandes Freitas
Amáury Teixeira Nunes
Diretor Comercial
José Elias Martins Arêa Leão

Redator:
Francisco Leal

Secretaria
Sonia M. Setúbal Cinha e Silva
Colaboraram nesta Edição Especial
Gonçalves Lima, Camba e Silva,
Francisco Leal, Clemente Furtado,
Humberto Guimarães, Luís Mendes
Ribeiro, Antônio Carlos Vilaga, M.
de Souza Neiva, Da Costa e Silva,
Alberto da Costa e Silva, José
Guilherme Merquior, João Filho
Falcão, Hercílio Moraes, M.
do Socorro Ribeiro Magalhães.

M. Figueiredo dos Reis, Sebastião
O. G. Martins Nogueira
Coelho, Tristão de Almeida, Benedito
Travassos, Pompélio Santos, Antônio
Silveira dos Reis, Correia Júnior, José
Ortiz, Helvécio Nunes, Celso Barros,
Coelho, José Luis Maia, Walf Ferreira,
e Cid T. de Abreu

Redação:
Pça. Marshal Dourado, 810 - Centro
Fones: 223-4556, 223-4657

Teresina - Piauí - Brasil
Os conceitos e opiniões aqui emitidos
sao de responsabilidade exclusiva de
seus autores.

Montagem: Carlos Alberto e
Denisio Lopes

Arte-final e Ilustrações:
Paulo Moura
Composição: Fotolito e impressão
Gráfica e Editora Júnior Ltda.

SUMARIO



— Começa o Ano Da Costa e Silva	5
— Indicações para o estudo de Da Costa e Silva José Guilherme Merquior	40
— O poeta e sua visão do mundo	22
— Homenagem do Congresso Nacional a Da Costa e Silva.	30
— O Aprendizado de Orfeu - Alberto da Costa e Silva	42
— Da Costa e Silva e a inteligência das mãos.	49
— A Divida Resgatada - Herculano Moraes	72
— João Emílio Falcão no Encontro Nacional de Escritores sobre Da Costa e Silva.	74
— Itinerário Nostálgico do Poeta.	46
— A crítica e Da Costa e Silva ontem e hoje	52

Nossa
Capa



Da Costa e Silva -
óleo do artista
plástico Mauricio Juhim

NOVEMBRO

Começa o Ano Da Costa e Silva

O "Ano Da Costa e Silva", instituído pelo Governo Hugo Napoleão para assinalar o centenário de

nascimento do poeta almarantino Antônio Francisco da Costa e Silva, foi oficialmente instalado no último dia 23 de novembro, em solenidade

Francisco Leal

realizada no Teatro 4 de Setembro com a presença do governador Hugo Napoleão, do secretário de Cultura Desportos e Turismo, Jessuído Cavalcanti, e convidados.

A abertura foi feita pelo secretário Jessuído Cavalcanti, com um discurso que demonstrou a preocupação do Governo do Estado em dar destaque especial à comemoração. Após seu pronunciamento, o diplomata e escritor José Guilherme Merquior, que veio de Londres especialmente para essa festa, proferiu palestra sobre a obra de Da Costa e Silva.

O MAIS PIAUTENSE

O secretário de Cultura, Desportos e Turismo, em seu pronunciamento, destacou que "para justificar a instituição de Ano que ora se inicia, não direi apenas que Da Costa e Silva é o maior poeta do Piauí, de todos os tempos. Como piauiense preocupaço com a afirmação de nossa identidade cultural e, assim, em busca permanente de valores que o caracterizam e enriqueçam, prefiro vê-lo, também, como o mais piauiense de nossos poetas".

Para Jessuído Cavalcanti, "em verdade, ninguém como ele, se identificou tão profundamente com a sua terra e soube cantá-la em versos de rara beleza e sensibilidade, e isso sem comprometer a universalidade de sua mensagem poética".

Sob este aspecto - prossegue Jessuído - essas comemorações assumem caráter também político. O Piauí, orgulhoso, quer nivelar-se à grandeza espiritual de seu poeta maior.

Ao final, o secretário de Cultura, Desportos e Turismo destacou que "se os poetas nos revelam, como ensina Carlyle, o que devemos amar, a obra de Da Costa e Silva é uma permanente e incansável lição de amor ao Piauí".



Foto: Alcides Filho

Deputado Jessuído Cavalcanti, na abertura do Centenário Da Costa e Silva

COMEÇA O ANO DA COSTA E SILVA

CONVIDADO

O escritor, ensaísta e crítico literário José Guilherme Merquior - diplomata que serve ao Governo brasileiro em Londres - foi o convidado do Governo Hugo Napoleão para falar sobre a obra de Da Costa e Silva, na abertura das comemorações.

Merquior, durante mais de uma hora, destacou a beleza da poesia do ariano. Da Costa e Silva, comparando-o e igualando-o com os maiores poetas da língua portuguesa.

Também participaram da solenidade de abertura, como convidados, o embaixador Alberto da Costa e Silva, filo do poeta; jornalista João Emílio Faústo Costa, professor Manoel Paulo Nunes e Ricardo José da Costa Pinto Neto, representante do Ministério da Educação e Cultura.

PROGRAMAÇÃO

No dia 24, a programação comemorativa ao centenário de nascimento do poeta Da Costa e Silva prosseguiu, às 9 horas, no Auditório Herbert Parentes Portes, com uma conferência do embaixador Alberto da Costa e Silva, sobre a vida de seu pai. A noite, na Praça Da Costa e Silva, foram feitas apresentações musicais e teatrais calendarizadas na obra do poeta.

No dia 25, também no Auditório Herbert Parentes Portes, foi realizado um painel de debates sobre o tema "O papel das instituições

culturais na divulgação da obra de Da Costa e Silva", envolvendo representantes da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo; Secretaria da Cultura do MEC;

apresentações folclóricas, musicais e teatrais.

Em Brasília, um dia antes da instalação oficial do "Ano Da Costa e Silva", Câmara Federal e Senado



Flagrante da abertura do Centenário Da Costa e Silva, no Teatro 4 de Setembro

Universidade Federal do Piauí, Secretaria de Educação, Academia Piauiense de Letras, União Piauiense de Escritores, Sindicato dos Jornalistas, Sindicato dos Radialistas e estudantes.

No mesmo dia, em Amarante - terra do poeta - foram promovidas

realizações especiais em homenagem ao maior poeta piauiense. No Senado, falaram os senadores Helvécio Nunes e Nelson Carneiro, enquanto que na Câmara os oradores foram os deputados Celso Barros Coelho e Wall Ferraz.

François Léon
jornalista



Prof. Manoel Paulo Nunes, Secretário Juvaldo Cavalcanti e esposa, Governador Hugo Napoleão, Embaixador Alberto Da Costa e Silva e senhora.

RECORTES

Comissão tem reunião programada

Tendo como presidente o secretário de Cultura, Desportos e Turismo, Jequelineiro Cavalcanti, a Comissão Organizadora do Centenário de Vida do Poeta da Costa e Silva, formada pelo embaixador e escritor Alberto da Costa e Silva, Ricardo José da

Costa Pinto Neto, A. Tito Filho, Atiba Lira, Benjamim do Rego Monteiro, Manoel Paulo Nunes, João Emílio Fausto Costa Filho, Pompilio Santos, Franciscó Aureliano de Queiroz, Câmara e Wilson Fernando, realizará sua primeira reunião hoje, às 9 horas, na Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo.

Na reunião, segundo o secretário Jequelineiro Cavalcanti, serão tratados as atividades que deverão ser desenvolvidas de agora até 23 de novembro de 1985, dentro da programação do centenário de Da Costa e Silva.

Jornal O ESTADO

Estudantes revivem Da Costa e Silva

O grupo teatral da Escola Técnica Federal do Piauí, dirigido por Paulo de Tarso Libório, vai encenar os poemas "A queimada", "A derrubada" e "As árvores", de Da Costa e Silva, no próximo sábado, a partir das 20 horas, dentro das comemorações pelo centenário de nascimento do poeta amarantino. A informação é da subsecretaria de Cultura, Desportos e Turismo, Lena Monteiro de Carvalho.

A encenação será na Praça Da Costa e Silva, dentro do quadro "Revivendo Da Costa e Silva", que também contará com apresentação musical calcada na obra do poeta. Nesta parte serão apresentados os poemas "A moenda" e "Saudade", musicados pelo compositor piauiense Francys Monte.

O "Ano Da Costa e Silva" será instalado oficialmente no próximo dia 23, sexta-feira, às 20 horas, com uma solenidade no Theatro 4 de Setembro, presidida pelo governador Hugo Napoleão. Após a instalação haverá conferência sobre a vida e a obra do poeta amarantino, a cargo do escritor e diplomata José Guilherme Merquior.

Merquior serve ao Governo do Brasil em Londres e vem ao Piauí especialmente para proferir a palestra. Ele chega a Teresina sexta-feira, ao meio dia, acompanhado do ex-secretário da Cultura, Manoel Paulo Nunes, do embaixador Alberto da Costa e Silva, filho do poeta; e de Ricardo Costa Pinto, do Ministério da Educação e Cultura.

Jornal O DIA

Cultura prepara festa de Da Costa e Silva

A Subsecretaria da Cultura, Desportos e Turismo, Lena Monteiro de Carvalho, e o Assessor de Planejamento do órgão, Juarez Elias Martins Arêa Leão, encontram-se em Amarante mantendo reuniões com os principais representantes da cidade para a elaboração do programa local para a solenidade de comemoração do Centenário do Nascimento de Da Costa e Silva. O poeta nasceu em Amarante a 23 de novembro de 1885 e faleceu no Rio de Janeiro em 29 de junho de 1950.

Lena Monteiro de Carvalho, antes de ir para Amarante disse que a programação da Secretaria da Cultura, Desportos e Turismo será desenvolvida no período de 23 a 26 deste mês. A abertura oficial do Ano de Da Costa e Silva, será às 20 horas do dia 23, quando haverá também assinatura do Decreto instituindo o Ano de Da Costa e Silva, e talaráo o governador Hugo Napoleão e o Secretário Jequelineiro Cavalcanti Barros; apresentação do Coral Nossa Senhora do Amparo, e palestra do Dr.

Diplomata José Guilherme Merquior sobre a vida e a obra do Príncipe dos Poetas Piauienses.

A programação prosseguirá às 9 horas do dia 24 no Auditório Herbert Parente Fortes, com uma conferência do Embaixador Alberto da Costa e Silva, filho de Da Costa e Silva, com a participação dos escritores e acadêmicos A. Tito Filho e M. Paulo Nunes; às 13 horas haverá almoço de confraternização no Centro de Convivência e às 20 horas um show intitulado Revendo Da Costa e Silva.

No dia 25, às 8 horas, será realizado um painel de debates sobre O Papel das Instituições Culturais na Divulgação da Obra de Da Costa e Silva, que contará com a participação da Academia Piauiense de Letras, da União Brasileira de Escritores (UB), União Piauiense de Escritores, Conselho Estadual de Cultura, Universidade Federal do Piauí, Secretaria de Educação, entre outras. Durante a tarde e a noite serão realizadas atividades em Amara-

Jornal da Manhã

Merquior abre Ano Da Costa e Silva

Uma conferência do diplomata e escritor José Guilherme Merquior, que serve ao Governo do Brasil em Londres, vai marcar, no próximo dia 23, a abertura oficial do "Ano Da Costa e Silva", instituído pelo governador Hugo Napoleão para comemorar o centenário de nascimento do maior poeta piauiense, o amarantino Antônio Francisco da Costa e Silva.

A conferência de José Guilherme Merquior, que também é membro da Academia Brasileira de Letras, será às 20 horas, no Theatro 4 de Setembro. Antes, o governador Hugo Napoleão presidirá a solenidade de instalação do "Ano Da Costa e Silva". A informação é do secretário de Cultura, Desportos e Turismo, Jesualdo Cavalcanti Barros.

A programação prossegue no dia 24, com uma conferência do embaixador Alberto da Costa e Silva, filho do poeta, no auditório Herbert Parentes Fortes.

À noite, na Praça Da Costa e Silva, a partir das 20 horas, a Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo promove "revivendo Da Costa e Silva", com apresentações musicais e teatrais calcadas na obra do poeta.

No dia 25, no auditório Herbert Parentes Fortes, será realizado um painel de debates sob o tema "O papel das instituições culturais na divulgação da obra de Da Costa e Silva". Às 18 horas, em Amarante, serão realizadas apresentações musicais, teatrais e folclóricas.

Transcrição O ESTADO - 19.11.84 - Pág. 6

O senador Heitor Nunes e o deputado César Barros, ambos do PDS piauiense, prestarão homenagem ao poeta piauiense, Da Costa e Silva, no próximo dia 22, respectivamente nas tribunas do Senado Federal e da Câmara dos Deputados. O "Ano Da Costa e Silva" será instalado oficialmente no próximo dia 23, no Theatro 4 de Setembro, com uma conferência do diplomata José Guilherme Merquior, de acordo com programa divulgado pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Piauí.

Transcrição O ESTADO - 19.11.84 - Pág. 6

POETA

A Comissão criada para organizar os 100 anos do poeta Da Costa e Silva esteve reunida ontem de manhã em Karnak. Estavam lá o Presidente, Embaixador Alberto da Silva e Silva (filho do Homenageado) e jornalista João Emílio Fausto, (vai hoje a Brasília) e o Secretário Jesualdo Cavalcanti.

Transcrição JORNAL O DIA

Amarante festeja centenário do poeta Da Costa e Silva

Com apresentações musicais, teatrais e folclórica, foi encerrada em Amarante, domingo à noite, a primeira etapa das comemorações alusivas ao centenário do poeta Da Costa e Silva. Estiveram presentes o secretário da Cultura, Desportos e Turismo, Jesualdo Cavalcanti, e o embaixador Alberto da Costa e Silva, filho do poeta.

As comemorações foram iniciadas na última sexta-feira a noite, no Theatro 4 de Setembro, com a presença do governador Hugo Napoleão, quando o secretário Jesualdo Cavalcanti oficializou a instalação do "Ano Da Costa e Silva" que vai até o dia 23 de novembro de 1985. Até lá, serão realizados simpósios, exposições e promovidos debates sobre a obra do maior

poeta piauiense.

Ainda na sexta-feira, no Theatro, o ensaista, crítico literário e diplomata José Guilherme Merquior fez uma conferência sobre a obra de Da Costa e Silva, comparando-o aos grandes nomes da literatura brasileira. Merquior serve ao Governo do Brasil em Londres e veio ao Piauí a convite da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo.

Sábado pela manhã, no Auditório Herbert Parentes Fortes, com a presença do governador Hugo Napoleão, o filho do poeta, embaixador Alberto da Costa e Silva, falou sobre a vida de seu pai. À noite, na Praça Da Costa e Silva, houve apresentações musicais e teatrais. O coral Nossa Senhora

do Amparo cantou o poema "Saudades", um dos mais famosos de Da Costa e Silva, musicalizado pelo compositor Francisco Monte, que também cantou o poema "Mucenda".

Domingo pela manhã, foi realizado no Herbert Parentes Fortes um painel de debates sobre "O papel das instituições culturais na divulgação da obra de Da Costa e Silva", contando com a presença de um grande número de pessoas.

Em Amarante, participaram das comemorações o secretário de Educação, Atila Lira, o representante do MEC, Ricardo Costa Pinto, além dos deputados José Luiz Maia, Homero Castelo Branco e Wilson Brandão.

Transcrição O DIA - 27.11.84 - Pág. 6



Da
Costa e Silva

Da Costa e Silva

Cunha e Silva

Transcrição do Jornal do Piauí -
12/11/84.

Em 1929, a convite do Secretário Geral do Conselho Piauiense de Letras, Antônio Neves de Melo - inteligência das mais brilhantes da nova geração piauiense -, inscrevi-me para ocupar a cadeira de Da Costa e Silva, como patrono, no sobredito Sindicato de Letras e fui eleito por unanimidade pelos sócios, todos moços intelectuais de grande talento. Escrevi, então, o discurso de posse no Conselho e remeti-o para Antônio Neves de Melo, fazendo minhasas estudo acerca do ilustre vate amarantino. A respeito dele, posteriormente, escrevi mais de um artigo publicados em jornais de Teresina, Antônio Francisco da Costa e Silva nasceu em Amarante a 23 de novembro de 1885. No próximo ano, se vivo fosse, completaria cem anos de idade. O primeiro centenário do grande poeta chegou a ser comemorado com antecedência no Piauí e fora dele, sob os auspícios da Secretaria da Cultura, da Academia Piauiense de Letras e da União Brasileira dos Escritores, seção do Piauí, já tendo sido organizada a Comissão encarregada dos festivais e homenagens a serem prestadas ao inspirado autor da "Saude". Com amarantino, não poderia deixar de homenageá-lo através deste artigo sem variedades de crítica literária. Quando morrivo, em Amarante, comoveu de viste o pai de Da Costa e Silva - Rodolfo - velhote baixo, simpático, que gostava de usar boné na cabeça e golas. Era comerciante dos mais importantes da cidade, tal como o meu saudoso e querido pai - Manoel Alexandre Silva. Dos irmãos de Da Costa e Silva os únicos que conheci foram Osvaldo da Costa e Silva e o Noca. Os outros irmãos eram o Rodolfo, o Eurípedes e uma irmã, casada com o Dr. Alarcão Pancho, médico em São Luís do Maranhão. Das minhas relações pessoais foi sobretudo Osvaldo da Costa e Silva - cirurgião-dentista -, que ingressou na política de Floriano e colaborou comigo no jornal "Floriano", jornal dos caribenhos que o Piauí já possuiu. Osvaldo da Costa e Silva era jornalista talentoso, seu belo estilo, vibrante e incisivo na crítica ao adversário. Foi diretor da Fazenda, Vice-Governador do Estado e Prefeito de Floriano durante o Estado Novo. Indo a Floriano - cidade das mais prósperas do Piauí desde aquele tempo, fui visitar o jurídico Osvaldo da Costa e Silva. Recebeu-me cordialmente e entreteve com ele uns a hora de palestra amistosa na qual tratamos mais de política. Ele, então, me convidou para ir com ele, no dia seguinte, dar um passeio pela matinha, na cidade, de carro, e me contou-me tudo o que ele já havia realizado na sua profícua gestão.

Um poeta simbolista

GUTMARAES LIMA

O Estado do Piauí, a cuja frente há um Governador de alto nível intelectual, que prestigia a cultura, vai comemorar por um ano de solenidades o centenário de seu poeta maior, Antônio Francisco da Costa e Silva, que nasceu na cidade de Amarante, em 1885.

Da Costa e Silva foi, sem dúvida, dos maiores poetas simbolistas, entre nós, que receberam a influência direta de Antônio Nobre, Antero do Quental e Cesário Verde, portugueses.

Entre os latino-americanos, Rubén Darío foi igualmente dos poetas que exerceram influência sobre Da Costa e Silva, como dos europeus, o francês Mallarmé e o belga Verhaeren.

Manoel Bandeira chega a dizer da influência de Augusto dos Anjos em Da Costa e Silva, mas Agrípino Grieco, e com muita razão, nega essa influência, pois o Eu, do poeta paraibano, surgiu sete anos depois de Sangue, daquele já consagrado entre os simbolistas.

Da Costa e Silva serviu em altos postos da administração federal, em vários Estados brasileiros, mas nunca se esqueceu do seu Piauí, de cujas tempos é rica a sua poesia.

Dentre esses temas podemos lembrar Amarante (sua terra natal), Parnaíba, que é o principal rio piauiense, «carpindo» as suas mágoas, Rio das Garças, «uma verde catedral da floresta», A Batsu, A Moura e tantos outros.

Aliás, neste último, o a meu ver, está a mais bela onomatopeia de nossa língua, ao imitar a moenda triturando a cana:

*«Ringe e range, rouquenta, a frígida moenda;
E, ringindo e rangendo, a cana fa tritura».*

A impressão do triturar da cana é perfeita... ringindo e rangendo.

José Montello, que é um dos estudiosos da obra de Da Costa e Silva, mostra a influência crescente de Antônio Nobre na sua poesia.

Um dos sonhos de Da Costa e Silva era ingressar na carreira diplomática, a que sempre se opôs o nosso Barão do Ilo Branco, no seu longo período de chanceler. Perguntando o motivo dessa prevenção, explicou-se o barão: «Na diplomacia não basta a beleza intelectual, que é subjetiva, mas é necessário, e sobretudo, a beleza física».

Convenhamos, porém, entre nós: a prevalecer essa tese, grande parte dos nossos intelectuais seriam, apenas, meros representadores do sítio Itamarati...

Pedro Nava, em *Balanço Catto*, Memórias, pág. 170/71, descreve o tipo lírico de Da Costa e Silva: «... cuja cara amarela parecia um bolo de mola de pão, com o furo da boca, dos olhos e ventosa».

Realmente, feio de repantar.

Não obstante, segundo ainda Pedro Nava, era casado com uma verdadeira virgem de lábios de mel, da noiva José de Alencar.

A poesia de Da Costa e Silva, que o immortalizou e tornou ídolo de seus coetâneos, me fez lembrar a poesia de Léo Lyne, que também por coincidência, completou o seu centenário de nascimento este ano.

Ambo são poetas maiores, que viverão na memória do povo, enquanto se falar a bela língua que Portugal nos legou.

Transcrição do Jornal do Piauí - 12/11/84.

Gerais

administrativa. Finalmente, Oswald da Costa e Silva foi um bom administrador, honesto, voltado, principalmente, para os problemas do emmto. No regresso, convidei-me para entrar num bar da principal rua da cidade. Pediu ao garçom uma garrafa de cerveja para mim e uma garrafa de guaraná para ele. Ao contrario do seu irmão Da Costa e Silva, Oswald era abstêmio. Conversávamos ali uns bons pedidos, e ele contou-me alguns fatos da vida do seu irmão, o poeta, no período da sua juventude, em Amarante. Daí vim a saber que Da Costa e Silva fazia imagens de santos e outros trabalhos esculpidos de madeira, sendo apreciados também de senhoras goiás de noite; acim da vizinha, com companheiros de boêmia, entre os quais o José Maurício da Costa, depois, tabellão público na cidade. Lembrava-me também de outro irmão de Da Costa e Silva, de que já falei, o Nicanor, casado com Dona Lúcia, da família Ribeiro Gonçalves. Nica era comerciante e foi quem primeiro adquiriu uma bicicleta na cidade. O velho era cheio de admiração da pessoa. Nica era homem um pouco alto, alourado, loiro, bem rosado, tipo de alemão. Disseram-me que Rodolfo era o mais inteligente dos irmãos e morreu muito moço alguma. Lembrava ordenei-se sacramento e era velho, mas bocarrao, falavendo também bem moço. Da Costa e Silva, quando jovem, em Amarante, tinha o apelido do Lôla e já cultivava os primeiros rôbos para o cultivo das molas. Nas suas reuniões noturnas, recitava versos seus e de outros poetas. Leis Mendes Ribeiro Gonçalves, paulista dos saraus cultos e talentoso ex-senador da República, falecido recentemente, foi um grande animador da obra poética de Da Costa e Silva, como ele, também amarantino, dos mais eminentes. Amarante é mesmo a terra gloriosa de grandes intelectuais e de verdadeiros gênios, como Nardino Soárez, Eduardo Neiva, Joca Castro, Winston Roosevelt, escultor José de Deus do Nascimento, Juiz de Castro Lima, Joca Castro, ficou paralítico aos nove anos de idade - vítima de sífilis - conservando-se preso ao leito desse entorpecimento, até a morte, mas assim mesmo, resignado e ventadinho, tornou-se autoridade, conseguindo bons conhecimentos de Português, de Aritmética, de Geografia, de História do Brasil, de Música. Teve uma Escola em sua residência. Deitado na rede, dava aulas e ensinava missas. Foi aluno dele Joca Castro era exímio compositor e fundou uma banda de música e Carlos Gomes - rival da Fábrica - outra banda de música da cidade, ambas de facções políticas diferentes, havendo animados duelos entre elas entrando pela noite até ao amanhecer. Bons e alegres tempos aqueles em minha gleba natal! João de Deus do Nascimento era também músico, mecânico, eletricista e ferreiro. Em sua tosca oficina de ferreiro, fabricou uma bômbola e um candeeiro PETROMAX - igualzinhos aos que vêm das fábricas. Ambos morreram na maturidade, deixando fama da sua genialidade.

Caixa - Rio Juruá, escavação
- membro da tradição paulista de bômbolas

Velho Monge

José Maria Souza Ribeiro

* José Maria Souza Ribeiro
* Fotografia: Henrique

"Talos cantam sua terra.
Também vou cantar a minha...
Nas débeis cordas da lira.
Hei de fuzé-la rainha".

(Gonçalves Dias).

Numa manhã de inverno do mês de março, a luz fraca do sol escovava entre nuvens escurecas anuncianto, para breve, novas chuvas. O vento fresco do amanhecer movimento tangu as folhas secas no chão do jardim que ficava no lado da igreja de São Francisco, em Amarante. Os pássaros, no topo das árvores, cantavam se agasalhando entre os ramos, pipilando, para se protegerem do vendaval que se aproximava.

Elevava-se, em meu ânimo Vicente, passando mais um dia de semana na casa de uma tia-avó, que ficava no lado da igreja, quando chegaram os meus primos Eustálio e Derval e nos convidaram para passear nas encostas do morro em frente. Atendemos o convite e, como de costume, caminhando o passo subindo à torre da igreja.

Amarante, vila planície, situada à margem direita do Rio Parnaíba, onde nasceu o poeta Antônio Francisco DA COSTA E SILVA, em 23 de novembro de 1885, é banhada, também, pelo Rio Canindé, que a montante ieri sua foz, e pelo Riacho Muísto, que a

jusante tem sua barra; é, em verdade, mais uma península fluvial cercada de água por todos os lados, com exceção de uma estreita faixa de terra (isomo) que a liga ao município. Nessa época do ano costumam acontecer as grandes enchentes dos rios e riachos da região. Crescem as águas do Parnaíba e do Canindé que, na sua foz, quando de igual volume as águas soham, viajando que se abraçam, se equilibram e param, momentaneamente. Os boscos de espumas pardas traçadas pelo Rio Parnaíba, ai se aglutinam e se avolumam formando um espesso lençol em torno de um vértice de terra, que penetra na superfície líquida das águas, na confluência dos dois rios. As espumas vistas à distância, como as velas das jangadas, tornam-se brancas, envolvendo um queixo (vértice de terra), em forma de um longo cavanhaque que desce e se alonga sobre o ventre do pântano, até perdoa pedra-granite, verde, no remanso, se desfaz e desaparece na superfície tremula do rio. A figura desenhada no val, para quem olha de alto, lembra a de um frade deitado, com os braços estendidos, para cima. O braço esquerdo é o Rio Parnaíba; o braço direito é o Rio Canindé; o queixo é o vértice de terra que encerra o pescoço; a cabeça é a pequena elevação colossada entre os



Foto: Alcides Filho

Rio Parnaíba

Gerais Da Costa e Silva

ANTÔNIO CARLOS VILAÇA

braços; "a barba branca alongando" é o espesso lençol de espumas que deixa, sobre a batina; é a batina, sem cintura, é o próprio leito do rio.

Ao galgarmos o último degrau da escada ingreme, sem corrimão, que nos levava à sala do sítio, no alto da terra, assomamos presurosos às janelas para contemplarmos o vale, para vermos o horizonte. O vento, naquela altura, soprava forte esfumando as blusas de pijama, com que estávamos vestidos; os galhos das árvores estavam raiados e os espíques ródicos das palmeiras do arco da igreja encurvados pela ventania, pincelavam o espaço anunciando a procissão, quando exclamei, apontando para baixo, no rumo do rio:

Ola Derval! o "VELHO MONGE"...

Lá estava ele, desenhado, no fundo do vale, circundando a cidade.

Ainda hoje eu vejo com os meus olhos de adolescentes, como uma visão encantada de minha juventude.

O Velho Monge existe, embora muitos o ignorem; basta que subhamos à torre, no período das enchentes (nos meses de fevereiro, março e abril) que ele, todos os anos, aparece majestoso, imponente, lindo, de braços abertos, envolvendo a terra, abençoando a gente.

Voltamos à casa da tia-avô molhados e encolhidos, como uns pintos peleiros, em noite de chuva, ao pé do muro, e ela, já octogenária, com o passo incerto e a cabeça trêmula, num misto de afeto e de censura, sentenciou:

"Vocês são uns cabeças de vento, não podem ficar sózinhos, começam a sonhar, perdem o juizo".

A chuva, lá fora, continuou molhando a terra, lavando tudo, e o rio, seguindo o seu destino, em rumo ao oceano...



Há 25 anos, morria o poeta Da Costa e Silva. Morria pobre e desamparado, no seu refúgio da Tijuca. Vivera longo tempo doente, enterrado, silencioso - quase 20 anos. A 23 de junho de 1958, sentiu-se mal. O filo médico, Mariano, diagnosticou: um enfarto. O poeta repousou na terra de origem. As 11 horas da manhã de 29, enterrou sozinho, apoiado em seu filho Alberto.

Terminava o exílio de si mesmo. Alguns poucos amigos fiéis, entre Gustavo Lisharré, Rondoniello e Pedro Corrêa Pinto, o fizeram sair da Capela da Ordem Terceira de São Francisco de Paula. Quando eu o vi, em 1945, era já um senhor. Desinteressado, solitário, repetindo para si versos deles e de outros, ainda para si sóltimo, num autodenominado de impressionista. De pijama cinza, lavallière, colos perdidos, setaria, ruge, o corpo desajustado e magro. A voz era seca, longinqua. Assim, os vi e os fiz (O Sarcófago do Poeta).

Fazia Canha canções de sua existência: "O poeta de Sangue vos dei uma obra forte e séria, em que se manifestaram os exigências de uma aristocracia erística e de imponções de uma sensibilidade profundamente popular. Sabeis reconhecer as seu esforço?". Foi promovido, almejista e modestista.

A sua infância é entre a hortinha e Armutins. Banhava-se no Rio Cachandé e no Rio Paranaíba. Irmãos: na ponte acima a irmão Maluta, Corrêa pelo nome. O senhor da noiteira. Em 1906, chega ao Rio, bacharel pelo Liceu Fluminense, para se matricular na Faculdade de Direito. São seis grandes amigos: Augusto Rodrigues, Carlos Dias Ferreira e Assis Chateaubriand. Em 1908, aos quase 22 anos, publica Sangue, o livro de estreia. Maria Rodriguez é sua pinta: "Rapaz amante, de espaldas estreitas e olhos estrábicos, imberbe e luminosamente feio". Assim o vi Pedro Neiva, em Rodão Cativa. F. Antônio diz: "Um aquilo negro, polido, desengonçado, mas pouco estrábico, de olhos toscos".

Augusto Frederico Schmidt, que o admirava tanto, o recorda com extrema ternura, por ocasião da morte, em artigo de 12 de julho de 1958: "Homen baixo, moreno, de olhos indecifráveis, pouco falador". Schmidt aconselhou, em 1919, Da Costa, no simplicissimo Da, para as suas intuições, a entrar no ensinamento e a instrução, o clínico e o economista Augusto Meyer, Antônio Queiroz, Abgar Renato, Abelardo Barizzi, Crispino Camilo Branco e o ensinavam simultaneamente um artista e um ensaísta inseguidor.

Laurencio Ledo é a influência maior da sua formação: na Faculdade, Lá Veracruz, Cruz e Souza, Mallaret, Antônio Nogueira, Brandão, Leal, Verdi, Sangue e um livro-simbolista, o primeiro da última geração do simbolismo. Não se prende ao pensamento modernista de Lourenço Leão, mas canta a solidão, o amaro, o desgraça, o incompleto. Dávalo Damasceno o estudo em Simbolismo e Transição, o Neoparnassianismo, em A Literatura no Brasil, E. Antônio Muzzi, no Positivismo da Simbolista, diz que ele trazia "uma evolução lógica, um isolamento econômico, uma virtuosidade harmônica e forte, um belo impeto arrabizado" (Positivismo do Movimento Simbolista, vol. III, p. 27).

Alberto Da Costa e Silva nota que há três níveis em Sangue: o amor maternal, a paixão à terra (a distância e um exílio) e o Rio Paranaíba. Esses três temas aparecerão sempre na obra do poeta. A mãe, a terra e o Rio. Publicado no Recife, pelo Litorânea Editora, o livro de estreia logo se esgota. As duas grandes edições de 1908 são Apóstolos, de Hermas Pinto, e Sangue, de Da Costa e Silva. Críticos e público se consagram. Da Costa une a simbologia religiosa e a linguagem popular, o catolicismo e a sexualidade.

Olegário Mariano o testemunha, em

Academia, poucos depois da morte do poeta: "Foi uma das estreias mais expressivas que pode aplaudir na minha vida". Foi comparado a Poe, Astero Leonardi, Cruz e Souza. Tinha a carreira diplomática, por volta de 1910, mas Rio Branco o nomeava severamente, por causa de sua beira. Administrador, sim, se visse a maior, o combateamento da Unigás, mas a alegria excessivamente forte para diplomata. O filho é que o vendeu, seis anos depois da morte.

Fiz Da Costa e Silva uma peregrinação a Mariana para conhecer pessoalmente Alphonse de Gimaraes. Foi dia que eu revelei aos meus a importância de Alphonse. E, no depoimento de Augusto Meyer, fiz ainda Antônio Francisco da Costa e Silva quem inventou Alphonse, aos acadêmicos do Rio Grande, na década de 20. Em 1917, logo no começo do ano, Da Costa publica Zodíaco. Foi um grande êxito. Foi um dos uns maiores expoentes. Willibald Lowin o diria: "A fascinação que nascia feito nesse exemplo apurado da língua simbólica europeia, massas entrelaçadas somáticas, o que é mais estranho e admirável, trazido pela marinha não de um metropolitano, mas de um filho do campo Pinto".

A revista Apolo, do escritor e caricaturista Vieira da Cunha, editava o livro Ilustrações de Getúlio Díaz, para uma nova edição, se persistisse. Poema sobre a natureza, era a presença do Pinto, da sua paisagem, da sua vida simples, da sua poesia. O poeta foi sempre um pincelado apaixonado. A nostalgie da terra, tão própria e ressentida, a mata, o mágico das flores. O sonho Santinho é bem um resumo de tudo a sua obra. Socio popular, recitadamente: "E a Passarola, solho mynho, as barbas brancas alongado, e ao longe o magico dos bosques da minha terra..."

Viveu ainda simbolista, apesar da influência parnasiana. Livro-pesado, mo, despois profunda ocidental que encantava a obra de Da Costa e Silva. A crítica se avverte: Verma da Silva, José Otávio, Mário Motta, Getúlio Barbosa. O Brasil o deslumbra. A qualidade suaveza do meu dos poemas luços e reconhecida. Getúlio Barbosa: "Jornal do Recife, 1917, diz que os poemas mais parecem muzais, na sua alegria. Flechado da cesta, exposta da imaginação e sinceridade viva são paralelo ou um grãozinho, observe Dani Domenec".

K. Funari Cunha: "O uso em vereduras demonstrativas da mistria ritmico-sonora... Paraíso Fugitivo da Silva Ramos tem undas que algumas poesias de Zodíaco são precursores do concretismo. Por causa das esferas analíticas formais. As alterações, a onomatopeia, as purismas... Faz o que fizer que fui das extraições a estranhar...". A sua técnica trocou não só seu apelido num Albertino de Oliveira, aliás, Januário Canha. Há nele, certa paixão e me-meu crítico, a tentação do puro cerebralismo esquematizador. Mas a sua capacidade de inspiração minhista era tão funda que só superava o poeta. O poema Verbaerem já escrito no Correio da Manhã, de improviso, em 1912, quando o poeta soube da morte do grande confrade. A revista Apolo o publicaria em folhetos.

Antônio Carlos Vilaça - Escritor e crítico literário.

Transcrevi da Littera Itala
jornalista fluminense 20/02/2002.

Gerais

Revivendo Da Costa e Silva

Extrado da Revista "Sôl do Meridiano" N° 03 - Setembro 1950, sob a direção de Hindemburgo

Dobal, O. G. Rêgo de Carvalho e
M. Paulo Nunes - Teresina-PI

Ao Sol do Meridiano

O Governador Boechat Furtado, que nos conta como leitor dista vadiaria, anche interpretava a sinalmoria que isolante as suas passagens pelo falecimento da mais expressiva de nossas bermudas, a prima romancista Antônio Francisca da Costa e Silva. Logo bastou um descontado luto ofício para todo elas, quando que ganharia uma aspirina demais com pressunção e verdadeiramente este mundo estaria disto desaparecer.

A Academia de Letras, de que era
funcionario o poeta, homenajeó o em hon-
ra do seu nome na sede da Rua das Flores, em que
fazem nosso museu subsistente, poeta
Mário Braga, expondo a figura do
museu no nome de "Veracruz".

A Associação Brasileira de Escritores, Seção do Piauí, também prestou seu tributo de saudade a Da Costa e Silva, numa reunião de sua majestade, à qual compareceram todos aqueles que em nossa terra amam as lettras. O Prof. Cláudio Furtado - mestre andaluz e brilhante mestre da oratória - pronunciou uma conferência, adotando uma parábola que culminou com o estudo da poesia.

Лю Аланумъ, тета фо роял, презентирала
зимогодъ юбилейната до първото, изнадиграване
по ало-бо роял чи тошинко - винаги де
сатиши де роял конструиране + нито

Ainda se distinguem o nome de Da Costa e Silva em muitos dos grandes literários do colégio da nossa capital, em seu trabalho de Ama, pelo imenso, pelo racional, por seu gênero de alto-falante, e especialmente no ensino onde Da Costa e Silva fincou a intuição e a carinha a nêgo de todos nós.

ALBERTO DA COSTA E SILVA

Não podemos deixar de agradecer a colaboração valiosa que prestou a este número nosso querido e estimado amigo Alberto da Costa e Silva, poeta de sumo talento, cuja literatura, traços preciosos contém. E Alberto não é só o Tia Costa e Silva, e aí os estimáveis perturbações gentis pelos inimigos apreciados, tanto como pelo poema inédito de que falei, que me orgulhaço de apresentar.

NUEVA PROVINCIA DE SÃO PEDRO

As pequenas vinheta que ilustram este número são nomeadas de "Provincias de São Pedro", que, segundo já fizemos em nosso primeiro número, é a melhor publicação literária do país. Esperamos que M. Velho

DIREÇÃO

MÍNDEM BURGÓ DOKAL

O G. RÉGO DE CARVALHO

M. PAULO NUNES

Durante meses acomete da cidade letres, respeçõez, a procura de um santo de estatuto, nossa querida revista, com edição especialíssima dedicada à divulgação de uma das mais puras expressões da poesia romântica, a edição que nos leva ao



Leben der Freiheit und der Menschenrechte.

primeiro ministro das C.R. muito simpática, arranjando-lhe a seu empreendimento de viagem, para de todo lado lhe deixar suspeitos a grande e magnifica causa de "Verdades". Nesta causa querentes expostos nossos gloriosos padres descrevendo todo o que é de Genuíno Boa Fé. Fazendo tanto mal, vemos quando se vê a impossibilidade de tanto preceito serem cumpridos.

Correspondência para: Italo Lins de Souza
Nogueira, nº 1229.

TESTS & PRACTICE

Nº 3 - SETEMBRO - 1970

NENHUM «ingre» ou «expatriado» mais «Coração de poeta» amarissimo do que seu autor lheu seu resultado numha literatura da Ribeira; «edico» era modesta, e o nefummo administrador do Antônio Francisco da Costa e Silva quishera a edição dos «Inscrições» e resultou o ultimo exemplar do «Sanguis». Encantador das maiores poetas brasileiros de todos os tempos pelo critica de Clóvis Beviláqua, Tristão de Athaúde, Antônio Teixeira, Sávio Romery, José Veríssimo, Mário Rodrigues, e

também sucede, que não conseguem o passo dominante, apto a revoluções de um grande artista, que momentaneamente se afasta da Corte e só em certos momentos se reencontram com o mesmo, ou noutros sonhos de um mundo fantástico e leste. Deste é o seu encantado silêncio, «Meus dias prestam um tributo às mudanças sempre tristes no coração» e assim é o seu senso de desilusão. «Todas as coisas que ainda acreditava» — dizia Plinio — «estavam deitadas ao chão». Toda parte se acaba por ganhar novo nome que unifica. Da Corte e da existência no «lame» para os aristócratas sob novas espécies, «sob um ressor de laca dourada». Ele porta dizer: «Aventura».

Sabed, terra mia, que vos arred
tessas almas das flores que possam
operar na vossa terra mutação e am
or vosso meu.

to the *ManCom* library.

Governo do Estado inaugura barragem no Vale do Itaueira

A ação do Governo Hugo Napoleão para o desenvolvimento agrícola fundamenta-se no princípio estratégico da agricultura priorizada.

Consiste em concentrar esforços em regiões e atividades agropecuárias cujas possibilidades de exploração permitam mais rápidas respostas aos objetivos do desenvolvimento do Estado.

Tal princípio requer a adoção de uma política voltada prioritariamente para beneficiar os pequenos produtores rurais, que são os grandes responsáveis pela produção agrícola do Piauí.

Seguindo essa estratégia, o Projeto Vale do Itaueira, de desenvolvimento rural integrado, está dirigido para o atendimento direto aos produtores de baixa renda, através da distribuição de terras e acesso aos recursos hídricos na área do Vale, além de outras ações de apoio direto à produção.

Na área do Projeto, a exploração agrícola resumir-se-á cultivos em regime de sequeiro, no período das chuvas. A perenização do rio Itaueira, através da construção de uma barragem,



com capacidade de acumular 43 milhões de metros cúbicos de água, permitirá o controle de cheias do rio Itaueiras e a exploração intensiva do Vale, através da irrigação, que permitirá a certeza da colheita, a multiplicação da produtividade e a obtenção de 02 safras no ano, com a consequente expansão na produção

agrícola e na geração de empregos permanentes no campo.

O Projeto Vale do Itaueira servirá, igualmente, de exemplo para o aproveitamento de inúmeros outros vales férteis do Piauí, distribuídos ao longo dos rios que compõem a bacia hidroagrícola do rio Parnaíba.



PROJETO MAPRENSE
PROJETO VALE DO ITAUEIRA
SECRETARIA DE PLANEJAMENTO

O que se deve ler para estudar e conhecer Da Costa e Silva

Pomphilio Santos



Cesário Verde



Alphonse de Quental



Charles Baudelaire

Por alguns motivos do conhecimento de poucos, é relativamente pobre a bibliografia sobre a obra e a personalidade do poeta Antônio Francisco Da Costa e Silva. Não temos ainda uma biografia circunstanciada do burgo de Amarante e os poucos estudos esparsos sobre sua criação poética não foram sequer reunidos numa fortuna crítica tendo em vista uma avaliação do poeta.

Como lembra Alberto da Costa e Silva, autor da única análise expositiva e penetrante da obra dacostiana, o autor de *Saudade* foi prejudicado pelo indeciso de tendências poéticas que lhe marcou a obra literária, caracterizada pelo caráter experimental que vai de "Sangue", fase claramente parnasiana, até "Alhambra", o livro inacabado de teor moderno na linha de Rubén Dario e Verhaeren, passando pelo simbolismo de "Zodiaco", seu maior livro como expressão estética.

O que se segue é um simples esforço de pesquisa no sentido de oferecer subsídios aos que, doriante, pretendem estudar e analisar a mensagem poética do nosso Poeta Maior, ao longo dos próximos meses que marcam a passagem, a 23 de novembro vindoulo, do centenário de nascimento de Antônio Francisco Da Costa e Silva. Uma simples e modesta contribuição, é preciso frisar bem. Os mais dotados podem produzir subsídios de mais substância e de maior interesse literário. Tudo vale a pena, se a alma não é pequena, disse Fernando Pessoa. E eu escrevi estas linhas sob o impulso de uma alma gigantesca: o amor pela poesia dacostiana.

Em "A Literatura Comparada", de Marius François Guyard, temos "O equipamento do comparativista", para usar a expressão do Autor, destinado a nos auxiliar no exame de certos relacionamentos entre Da Costa e Silva, como epígonos, e seus prégones como Antônio Nobre, Camões, Baudelaire, Rubén Dario, Emile Verhaeren e tantos outros. Como expressão de uma literatura nova - a brasileira -, Da Costa e Silva teria que, colocar em sua Poesia as ressonâncias de uma herança poética e cultural

Muitas tentam reduzir o interesse pelas questões das influências ou empréstimos literários. O campo da literatura comparada seria para essa gente o campo de um esforço inútil - e nesse sentido a própria vida seria um esforço inútil. Na verdade, porém, o estudo das literaturas é o estudo na base do comparativismo. No caso dacostiano, são fundamentais as buscas e aproximações com um Alphonse de Guimaraes, um Astero de Quental; de tantos outros, num esforço no mínimo de relevância didática para a compreensão da mensagem do poeta de Amarante. E o livrinho de Guyard é um excelente subsidio.

"A Literatura Comparada" - coleção Saber Atual, tradução de Mary Leite de Barros, Difusão Europeia do Livro, 1956, São Paulo.

"A Essência Literária", de Antônio Quadros, insere alguns estudos de maior interesse, tais como "Da angústia germânica à saudade portuguesa", "Invenção e Loucura" e "Modernidade e Tempo". O primeiro é particularmente importante para o estudo da saudade na obra de Da Costa e Silva, num confronto com o saudismo de Teixeira de Pascoal, o português filho de Amarante lusa e considerado fonte dacostiana.

"A Existência Literária", da saudade, Sociedade de Expansão Cultural, 1959, Lisboa.

"A Essência da Poesia" (The Poet and one Poetry), de T. S. Eliot, tradução de Maria Luisa Nogueira e introdução de Affonso Romano de Sant'Anna. Embora nenhuma relação direta componha de Da Costa e Silva, esse volume é fundamental para a compreensão do fenômeno poético e criativo poético do autor de *Saudade*. Tanto quanto as unilíricas de Paul Valéry, poeta francês muito ligado a Da Costa e Silva na mesma linha de um Baudelaire Elliot com suas iluminações levava a entender a "poesia primeira linha" (para usar a expressão dele próprio) do amarante. Affonso Romano de Sant'Anna em sua notável introdução, faz esforço de literatura comparativa

sem o qual não avançaremos muito no caso do poeta piauiense.

"A Essência da Poesia", Editora Artenova, 167 páginas, 1972, Rio de Janeiro.

- "Teoria e Hermenêutica Literária" - de Joaquim Ribeiro. Apesar de texto meio passadista, "para uso das Faculdades de Filosofia", esse volume insere alguns estudos do maior interesse sobre Poesia e teorias literárias, interessantes para quem busca um embasamento para analisar Da Costa e Silva. Os textos sobre Camões (onte importante do Poeta de Amarante) e Manoel Bandeira são particularmente interessantes.

"Teoria e Hermenêutica Literária", 1ª edição, Livraria José Olympio, 1969, Rio de Janeiro.

- "O que é Poesia", de Fernando Pássaro. Para contrabalançar o passadismo dos textos de Joaquim Ribeiro, este trabalho bem moderno e atual, além de bem didático. Fernando Pássaro faz parte da jovem miríada e seus textos são inovadores, simples e translúcidos.

"O que é Poesia", 2ª edição, Brasiliense, 1983, S. Paulo, Coleção "Primeros Passos".

- Poesias Completas, 2ª edição revista e anotada por Alberto Da Costa e Silva - Editora Catedra - MEC, 1976, Rio de Janeiro. Na verdade, não temos ainda as Poesias Completas do poeta de Amarante, pois há inéditos por publicar. Apesar dos numerosos erros de revisão, temos neste volume de 449 páginas o material mais confiável para um estudo de fôlego sobre a criação poética de Da Costa. A introdução de Alberto Da Costa e Silva (44 páginas) insere o melhor trabalho crítico-analítico já publicado sobre o poeta e sua obra. Esse trabalho indica que Alberto dispõe de todas as condições para o estudo definitivo, tanto biográfico quanto analítico, que esperamos ver editado ao longo do Ano Da Costa e Silva.

Da Costa e Silva - Antologias - 2ª edição revista e ampliada pela Livraria Corisco, em convênio com a Secretaria de Cultura do Piauí e a Prefeitura de Amarante. Introdução também de raro poder de análise do fenômeno poético de autoria de Alberto Da Costa e Silva, filho do poeta. Não houve revisão, pois foi aproveitada a primeira edição para a fotostagem. Nessa edição o soneto "Sandade", por exemplo, ostenta cerca de 8 modificações, o que é no mínimo digno de um exame minucioso. Publica-se interessante bibliografia sobre Da Costa e sua obra, da qual se pode

destacar os estudos de Tristão de Athayde, Darcy Damasceno, Willy Lewin e Antônio Carlos Vilas. Excelente ponto de partida para a formação da futura crítica do poeta.

- Poesias Completas - de Rubén Darío - Aguilar Ediciones, Madrid - 1952. Introdução e notas de Alfonso Méndez Plancarte. O poeta de Azul é uma das principais fontes estrangeiras de Da Costa e Silva, cuja obsessão pela cor azul parte da criação rubéndariana. A palavra azul aparece 82 vezes nas poesias dacretianas. Em poema "Velha Interrogações", que encerra Alhambra, livro inacabado, é uma clara referência a "Lo Fatal", que também encerra os "Cantos de Vida Y Esperanza, Los Címes Y otros poemas", publicado em 1905.

História da Literatura Hispânico-Americana das origens à atualidade - de Bella Jozef - Editora Vóres, 1971, Rio de Janeiro. Obra publicada em convênio com o Instituto Nacional do Livro. De maior interesse os capítulos 6 (Modernismo) e 7 (Pós-modernismo), em especial na parte ligada a Rubén Darío, "a figura culminante do modernismo" e uma das fontes de Da Costa e Silva, como se disse anteriormente. "O programa estético do modernismo", diz Jozef, já estava encunciado quando apareceu a revista Azul (não confundir com o livro de Darío com o mesmo nome) mas Darío aperfeiçoou e ampliou seu cimento, refazendo a linguagem poética espanhola".

Emile Verhaeren, talvez a principal fonte estrangeira de Da Costa e Silva. Por ocasião da morte trágica do poeta belga, em 1916, Da Costa e Silva chegou a escrever um poema intitulado Verhaeren, publicado em folheto em 1917, no Rio de Janeiro, pela Oficina Tipográfica Apolo. Para o estudo das relações Verhaeren-Da Costa e Silva sis quatro obras fundamentais: "Les Meilleures Pages d'Emile Verhaeren", de L. Christophe; "Fond Verhaeren, Hier et Aujourd'hui", de R. Bodart; "Poèmes Choisis d'Emile Verhaeren", por R. Vivier; e "Le Centenaire d'Emile Verhaeren", todas publicadas em Bruxelas, Bélgica. No nosso entender, Rubén Darío e Emile Verhaeren são os principais progenitores de Da Costa e Silva.

- Poesias Completas de Da Costa e Silva - Edições O Cruzeiro, 1950. Edição organizada por Alberto Da Costa e Silva. Valiosa essa edição, tendo em vista um confronto com a segunda edição da Editora Catedra. Nas notas de orelha são citados, como fontes do poeta, apenas Antônio Nobre,

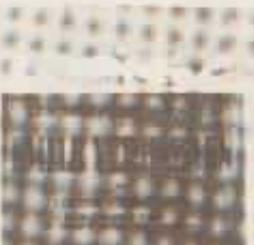


Rubén Darío

EMILE VERHAEREN



Emile Verhaeren



COLLECTION
ANTHOLOGIQUE
BELGE

Les Meilleures Pages



Augusto dos Anjos



Augusto dos Anjos

Baudelaire, Verlaine, Cruz e Souza e Verhaeren.

A modernidade e os Modernos, de Walter Benjamin (Biblioteca Tempo Universitário, 1975, Rio de Janeiro). De muito interesse o segundo capítulo, "Sobre Alguns Temas de Baudelaire", no qual se pode estudar as relações Baudelaire/Da Costa e Silva. Como já notou Alberto Da Costa e Silva, a crítica brasileira parece desconhecer o verdadeiro espírito do simbolismo, cometendo em consequência uma série de equívocos a respeito do experimentalismo, do nosso Poeta Maior. Esse livro de Walter Benjamin é muito esclarecedor no que se refere à análise do simbolismo e temas afins.

"Toda a poesia de Augusto dos Anjos", com excelente estudo crítico de Ferraria Gullar, Paz e Terra, 1976, Rio de Janeiro. O poeta paraibano está presente em algumas criações dacostianas de seu "Sangue", com o qual Da Costa estreou em 1908, no Recife (Livraria Francesa). Os sonetos *Odo Bendito e Irosia Eterna*, por exemplo, são evidentes ressonâncias do imenso poeta de EU e outros poemas. O ensaio de Ferraria Gullar é definitivo, sendo mesmo o melhor estudo já publicado sobre a obra de Augusto dos Anjos.

- *Genio Y Locura*, de Karl Jaspers - Aguilar S/A de Edições, 1961, Madrid. Tradução do alemão por Agustín Caballero Robredo. Notáveis ensaios sobre Strindberg, Van Gogh, Swedenborg e Holderlin. Da Costa e Silva pode ser colocado nesse contexto jasperiano que coloca o gênio na zona fronteira da loucura. De fundamental importância o capítulo dedicado ao poeta Holderlin, bem como o capítulo 6º: "La esquizofrenia Y La Cultura Actual".

- Cruz e Souza - Coleção Fortuna Crítica. Seleção e textos de Afrânia Coutinho, Civilização Brasileira/MEC, 1979, Rio de Janeiro. No plano nacional, Cruz e Souza projeta fortes justos simbolistas sobre a obra de Da Costa e Silva, que entretanto marcou sua trajetória poética mais no sentido do experimentalismo, ou do sintcretismo de estilos e processos, sem se denunciar e se caracterizar como simbolista, o que de certa maneira o colocou em situação complexa no meio da crítica da época. Há muito - diga-se de passagem - Da Costa e Silva devia campor essa notável Coleção Fortuna Crítica.

O Mito de Prometeu - ensaios literários - de Roberto Alvim Corrêa. Livraria Agrícola Editora, 1951.

Rio de Janeiro. Peço menos três ensaios deste livro nos ajudam a aprofundar a análise dacostiana: Baudelaire, cristão, Relendo Verlaine e O Cemitério Marinho, este o famoso livro de Valéry. Com efeito, o estudo do grande simbolismo francês é fundamental pelo menos para desfazer os imensos equívocos de certa crítica brasileira quanto ao tão calunioso simbolismo no Brasil.

- Homens que iluminam, de Cristiano Castelo Branco. Gráfica Editora Aurora, 1946, Rio de Janeiro. O capítulo Letras Piauienses (Odealdo Freitas e Da Costa e Silva) insere notas curiosas sobre o processo de criação poética do nosso Poeta Maior. Apenas não aceitamos aquela explicação a respeito de soneto *Saudade*. O soneto famoso é muito bem elaborado para ter sido produzido de im proviso, como se fosse obra de cor del. Da Costa decretou, já o tinha na cabeça, nos seus 14 versos, quando o declamou para os amigos de república.

- A continuidade Poética em Da Costa e Silva, de J. Carlos de Santana Cruz. Editora Nossa, 1977, Teresina. Apesar de alguns equívocos, trata-se de esforços positivos para uma análise séria e profunda da criação dacostiana. O soneto *Saudade*, por exemplo, é transcrito de forma errada por culpa de um beletrista local que escreveu o balbúlio de circunstância sobre a vida do poeta. Ero, alias repetido painel da Praça Da Costa e Silva Santana Cruz transcreve bibliografia muito interessante a respeito Da Costa e Silva, da qual destacam os trabalhos de Tristão de Athayde, Nestor Vitor, Agripino Gricos, Fernando Gois.

- A Literatura e o Mal, Georges Bataille. Editora Ulisa, 1957, Lisboa. Trabalho importante, o capítulo dedicado a Bandeira, uma das fontes estrangeiras nosso Da Costa.

- De Poetas e de Poesia, Manuel Bandeira, Edições de O, 1967, Rio de Janeiro. Penetra estudos sobre Mallarmé e André Gide e Raul de Leoni. A tempestade de Da Costa e S. Bandeira foi de certa maneira experimentalista da linha do de Zodíaco. Do mesmo modo também valioso o trabalho "P e verso", no qual Bandeira exerce muita sensibilidade a poesia grega e muitos troianos.

- Em "As origens da formarte", de Herbert Read, há menos dois notáveis trabalhos iluminam o processo poético e



Costa e Silva, bem assim a personalidade do poeta: O Poeta e Sua Musa" (pág. 121) e Beleza e Feltura (pág. 33). Aquela controvérsia levantada por Cristiano Castello Branco, por exemplo, em torno do soneto Sandade, que teria sido declamado de improviso por Da Costa, à maneira de cordel, será melhor entendida através das páginas de Read. Parece, aliás, que o que faltou a Cristiano ao defender esse ponto de vista, foi simplesmente embasamento teórico quanto

a processos poéticos. A parte do ensaio dedicada às teorias de Valéry, um dos mestres do poeta de Amarante, é particularmente valiosa e esclarecedora.

"As Origens da Forma na Arte" (The Origins of Form in Art) Herbert Read, Zahar Editores, tradução de Walmir Dutra, 1967, Rio de Janeiro.

"A Face Visível", de Fábio Lucas, dedica 70 páginas sob o título Poesia: Renovação e Tradição, mas quais estuda de maneira lucida

Alphonsus de Oliveira

e penetrante a função da Poesia Renovadora. Destaque especial para alguns poetas mineiros, como Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura e (no passado) Bernardo Guimarães. Dada a ligação de Da Costa e Silva ao "espírito de Minas", através de Alphonsus de Guimarães, a análise de Fábio Lucas é oportuna e digna da melhor atenção.

"A Face Visível", Fábio Lucas, Livraria José Olympio Editora, 1973, Rio de Janeiro. ■

* Prêmio São Paulo
Jornalista, pesquisador e tradutor literário.
Membro da Comissão do Centenário Da Costa e Silva

Gerais Um instantâneo do poeta

Nascu a 25 de novembro de 1865, à Rua das Flores, em Amarante, Piauí. Ali estudou as primeiras letras, não tendo oportunidade de ser traçadas uma educação severa impondo-lhe as tendências condenáveis. aos 14 anos dava aulas a garotinhos pobres, tendo ido para Pernambuco ainda adolescente. Numa república da Huá, da Sandade escreveu os primeiros versos, e aquidé célebre "Sandade", que ditou a um companheiro de quarto. Possuiu, como Humberto de Campos, seu espírito, que não plantou nem regou. De Huá foi estudar medicina na Bahia, induzido pelo poeta Ildefonso Távora. Desse primeiro contacto saiu o poema "Sangue", do seu livro de estreia. Voltando a Teresina fez concursou para a Fazenda, e, nomeado, mudou pelo Maranhão, onde fez iminentes. Amazonas, Minas, São Paulo e Rio Grande do Sul, alcançando as mais elevadas funções. Como recordação desse tempo guardava, com carinho, uma placa de prata, ovóide, circundada de relieves brilhantes, tendo no centro o "Sandade" e esta dedicatória: "Ao Dr. Da Costa e Silva, homenagem dos seus colegas da Delegacia Fiscal, Manaus, 23-11-92". Em Porto Alegre lhe ofereceram uma Justiça de bronze, simbolizando sua integridade e a admiração dos colegas. Casou-se no Recife, em 1913, com D. Alice Salmon e dessa

união vieram os filhos: Mário, Mário, Benedito, respectivamente médico, bacharel e funcionário do Ministério da Educação. Em 1919 morre-lhe a esposa, acontecimento que lhe inspira "Verônica". Nove anos depois entra matrimônio com D. Cícera Fontenelle, casando, de cujo consórcio tem Alice, Alberto (também poeta de suas lidas) e Elisabete. Irão para o Rio, Amadeu, Amorim, Olegário Mariano e outros lhe ofereceram um almoço. Algumas de suas preferências literárias: Verhaeren, Bandeira, Mallarmé, Antônio Nohr, Ilíac, Cruz e Sousa. Seu soneto predileto: "Hu das Garças". No modernismo, considerava volta notável, Maria de Andrade, Mauá, Bandeira e Menotti del Picchia. Seus livros: "Sangue", chamado "avô raro" por Antônio Tórrer, "Zodiaco", premiado pela Academia Brasileira, "Verhaeren", dedicado ao mestre e amigo, "Pandora", tão elogiado por Antônio Sales, e "Verônica", um peito de tecitura a memória da primeira esposa. Conhecia o francês, o inglês, o italiano e o espanhol. Da sua produção capta-se há alguns versos publicados e seu lindíssimo Huá dedicado à terra mineira, composto em 1923. Anunciou um livro intitulado "Altamira", que permaneceu a lume. Morreu a 20 de junho de 1950, no Rio de Janeiro. ■

Conversando com Da Costa e Silva

REPORTAGEM DE
Salustiano Coelho

Especial para "O Ceará do Recôncavo" - n.º 1

*Em sua residência, recanto ameno de Fortaleza, a Rua Barão do Rio Branco. Um pouco da vida e obra do grande poeta que silencia. Com saudades de sua terra e de sua gente.
«Morreu um mím o sabia que cantava...»*

Da "Coluna da Hora" saem quatro panfletos. Moacir Campos, Acácio Marçal e eu deixamos o "Café Glória", num dos angulos da Praça do Ferreira, onde borboletinha muita gente, numa confusão de traços e de linguas. Tomarmos o ônibus e partimos silenciosos, cada um revendo crónicas da passado que o pensamento evoca num instante. Há sombras, deante de nós, que surgem vestindo a roupação vaporosa de outros mundos envoltas pelo halo maravilhoso que circunda a imagem dos mortos, nas aparições tranquilas que a inteligência fantasia. Passamos em revista os maiores representantes das lettras piauienses dos tempos idos — Marquês de Paranguá, Davi Caldas, Coelho Rodrigues, Glodesaldo Freitas, Hermínio Castelo Branco, Anísio de Abreu, Félix Pachêco, Abdias Neves, José da Silva, Antônio Chaves, um construmprido de glórias imortais. Estamos emocionados, corações comprimidos, diferentes. E que, abandonando as banalidades cotidianas, vamos viver uma hora sublime e eterna, conversando com um vulto sagrado, a expressão viva e grandiloquente da literatura do nosso Estado, o princípio das poetas piauienses, modelador supremo de símbolos que marcam uma época — Da Costa e Silva, nome que é um sol a espalhar raios de luz sobre todo o território nacional, nome luminosidade tão forte que os seus reflexos atingiram também a pátria de Castilho.

OUVINDO O SOLUÇAR DAS MÚSAS

O veículo para, e desse modo. O poeta mora ali à Rua Barão do Rio Branco, 2027. Poucos minutos após entramos à porta daquela residência que contemplamos com respeito e veneração, deante da qual nos des-

cobrimos com humildade e amor. Aquele mansão, situada dentro de um jardim, que as flores enfeitam e perfumam, para nós guarda umas relíquias, é um sacrifício que o turbuloso da nossa admiração vai incensar. Batemos palmas. Da, Gressa nos vem receber com um sorriso a dançar na face alva e simpática.

— Da Costa — anuncia, à nossa

apresentação, falando para a alegre esposa de vinte — aqui estão rapazes do Piauí que vieram visitar. Ele aparece em pijama, bracos zadios, na mesma postura solen que já se deixara fotografar vezes. Vinha com o semblante a repetir comovidamente — "Be do Piauí". E quanta ternura punha voz melódica ao pronunciar a



querido! Abraçou-nos com afabilidade, e sentamo-nos.

Mozzi Campos comunica a homenagem que os alunos do "Ateneu Paulista" e "Academia de Comércio" lhe haviam prestado, fundando um gabinete literário a que deram o seu nome. Da Costa e Silva agradece e, sensibilizado, comenta: "É, mas eu já não escrevo, já não faço versos, morreu em mim o saudor que cantava...". Então, parecermos ouvir o soluçar das minhas esquecidas peles canas, alguma coisa está chorando dentro de mim, há gemidos e suspiros pelo ar. Sua esposa me conta que faz 5 anos que ele vive diante nervoso, coquecido. Porém, agora, afirma ela, está assim muito mais viva, bem melhorado. E tudo vai mudando a vida triste, de infinidades e desgostos, que eu levava. Já Deus vai me proporcionando motivos de ter prazer. O que bastaria é extrair-se é não possuir mais aquela inspiração que me vivia de antes. Diz ele que nunca mais publicaria uma poesia inédita. Para que, se não tem o valor a beleza e perfeição das que já produziu. Acho que tem razão. O conteúdo de que



Alice de Salomon, primeira esposa do poeta, em foto tirada por volta de 1914.



Da Costa e Silva na época em que publicou "Saúda".

gosa, quem é Da Costa e Silva...?" E termina numa reticência, o pensamento longe.

O POETA FALA DE SUA VIDA

— Queremos fazer uma entrevista com você, pedimo-lhe. E ele accende, repetindo, uma versão que escreveu sobre a sua terra e perguntando qual todo o seu nome, quando nasceu.

— Antônio Francisco da Costa e Silva. Nasceu a 23 de Novembro de 1885, na Rua das Flores, em Aruaná, Piauí. O bardo pôe na infância da sua voz leona o amargor delicíoso de uma saudade enternecida, os seus olhos perpétuos se comprimem, procurando ver o passado distante e inesquecido. Ali estudou os primeiros letres, brincou sobre os lugubres fríos daquele morro que vem terminar dentro da cidade. Nas claras manhãs de Junho correu pela Avenida Amaral, a nemar banhos nas águas limpidas do Paranaíba. Não teve tempo de ser man e traquina, uma educação severa amordaçou-lhe as tendências consideráveis. Com 14 anos dava aulas alguns garibás pobres iam receber as lições que ministrava com interesse. Aos 15 foi para Pernambuco, deixou as plagas queridas de que iria ver tantas recordações, reminiscências que o obrigariam a escrever, mais tarde, num "replíquia" da Rua da Saudade, os seus primeiros versos um soneto clássico na nova literatura, que dão a certeza de que o nome de seu autor permanecerá entre as gregas, como diz Mário Leão. Quem não há de gostar mesmo daquela lírica encantadora o termo de "Saudade", que anda por aí em revistas, livros e jornais, sendo declamado em toda reda, interpretação magistral de um sentimento que todos temos dentro de nós — o amor acanhado à terra berço que a distância acriola. Possuiu, como Humberto de Campos, o seu caixote, que não plantou e nem negou todas as manhãs, com a água calda no rosto tenro, como fizera o filho de



Foto dos filhos do poeta, publicada no Jornal "A voz do Leste", n.º 61 de 30/12/1940.

Miritiba. Em sua casa de Amazônia reservava a árvore estimada porque suportou nos galhos, o aguajánum, à sombra, mesmo sônia, o canário imortal.

FOI UM BOEMIO APAIXONADO

— E de Pernambuco, para onde foi?

— Estudar medicina na Bahia, induzido por Bastos Tigré, o grande poeta da Mauricéia. Mas abandonou o desejo de ser médico um ano após. Esse negócio de estudar abraçado com cadáveres que sangram, nas aulas de anatomia não era comigo. Sorrido, acrescenta: — E sabem que esse contato com a ciência de Hipócrates só serviu, me inspirou um poema elogiado, "Sangue". Voltando a Pernambuco, se formou em direito, fez um concurso para a Fazenda e, nomeado, andou pelo Maranhão, Amazonas, Mato Grosso, Rio Grande do Sul, Distrito Federal, passando por todos os postos da estrada, numa ascensão rápida e mercenaria, sempre mestre, elogiado e sendo escolhido para desempenhar altas comissões. Como recordação desse tempo, Da Creusa nos mostra uma placa de prata, trófeo, circundada por relíquias buriladas, tendo gravado no centro o lindo soneto "Saudade", e trazendo no alto um encerramento: "Ao Dr. Da Costa e

Silva, homenagem dos seus colegas da Delegacia Fiscal - Manaus, 23-11-1928". Apresentou-nos, também, um brinco simbolizando a Justiça, o que traduz o elevado conceito em que era tida a dignidade do ilustre homem de letras, exercido ao chefe como testemunho de amizade e recordação de sua estada no Rio Grande do Sul.

O poeta fala de sua vida de estudante em Pernambuco e Bahia. Vida boêmia e durante de apimentado, passada entre tantas compras e vendas involuntárias. Lembrantam-lhe o nome de Jaime Rio, aquele colega para a barba de quem endereçava, em uma quadriga humorística, as pulgas impermeáveis da "república". Da Costa e Silva viu medita. Casou-se na Beira, em 1913, com Da Alice Salomé, e dessa união são os seus filhos: Mário, Márcio, Benedito, respectivamente médico, bacharel e funcionário do Ministério da Educação. Em 1919 morre-lhe a primeira esposa, acontecimento que enche de desalento e melancolia a sua alma sensível, angústia que chora nos versos comentados da "Verdade". Nove anos depois, contraiu matrimônio em Manaus, com Da Creusa Fontenele, maremota, de cujo consórcio tem Alice, Alberto e Elisabeth, todos bem vivos e inteligentes. Alice, a mais velha, que fura com os outros tirar as roupas para uma fotografia, volta, apressada, dizendo que o seu marido de 5 anos vai

ser poeta e que para isto já fez o soneto. Alberto confirma com risos, orgulhoso acrescenta que sabe, de muitas produções de seu pai.

NUM ALMÓÇO, ENTRE LITERATOS

Indo para o Rio de Janeiro, Amadeu Amaral, Gonçalves de Andrade, Adelmar Tavares, Olegário Mariano e outros, lhe ofereceram almoço. Conheceu Silvio, Romeu, Graciosa Aranha, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, Vicente de Carvalho Machado de Azevedo, Paula Ney, Coll Neto, Humberto de Campos, Paes de Seputal, e conviveu com vários outros literatos. Os seus autores preferidos: Verhaeren, Baudelaire, Mallarmé, Verlaine, Gonçalves Crespo, Euzebio de Castro, Antônio Nobre, Castro Alves, César Lacerda, Abreu, Bilac, Cruz e Senna, Augusto de Aguiar.

Cada autor tem uma produção reputada melhor, por motivos íntimos e vários, decorrentes das condições em que a escreveu. Perguntam então, ao grande poeta, que o seu soneto preferiu: qual o seu soneto preferido: — "Rio das Graças, aladrino", respondeu-nos. Pedindo opinião sobre a poesia nova, disse que a admira, mas não seria capaz abandonar, por ela, a sua maneira de fazer versos. Rema-

cente de escolas anteriores ao modernismo, considera voltas notáveis Mário de Andrade, Menotti del Picchia e Mauá Bandeira.

O MAR, UMA IMAGEM DA VIDA QUE LHE INSPIRA

Em olhando o Atlântico majestoso, a rendilhar de espumas as alvas praias cariocas, que Da Costa e Silva compôs esse primor de arte simbolista, que é "O engenho de madeira", elogiado por Júlio Dantas, o português respeitável de "A Caia dos Cardais". Poeta pelo sentimento, sem artifícios, espontâneo, harmônioso e fecundo; poeta na mais alta expressão, em todo a extensão do termo, publicou: — "Sangue", um livro forte e impressionante; "Zodíaco", sua obra prima, promovida pela Academia de Letras; "Verhaeren", poema sobre esse extraordinário vate belga, mestre de Stefan Zweig, com quem se correspondeu; "Pandoca", que arrancou de Antônio Sales, o gênioso escritor cearense, la paixen-

desaparecido, os maiores elogios, poemas de um sensualismo delicioso que arrabatou; e "Verônica", a sua última coleção de poesias, um preito de ternura à memória da empanheira morta. Homem culto, conhecedor de vários idiomas, dentre eles o francês, o inglês, o italiano e o espanhol, Da Costa e Silva foi ainda um habil e apreciado ensaísta e crítico literário cobijado pelos jornais de todas as paragens por onde passou. Dele disse Antônio Sales, pela imprensa do Rio: "Quem conhece, como eu, a obra de Da Costa e Silva, há de afirmar comigo que entre os candidatos à sucessão da gloriosa triada dos grandes poetas paranaenses — Alberto de Oliveira, Haimundo Correia e Gláucio Biac — ele é um dos que melhores esperanças dão a poesia nacional". E teria entrado para a Academia de Letras, o que foi ainda cogitação de muitos dos seus pares, se a tracoeira moléstia não o houvesse atingido tão cedo.

Por entre as produções espanhas de Da Costa e Silva descrevemos lindos versos que tem, escrito a lápis, este nome atraente, "Alhambra". O vate explica com desalento: "Este seria um livro que eu teria publicado, mas que ainda poderá vir a haver." Falamos-lhe de Célio Pithetim e do seu livro que acabarão e encanta — "Poesias" — brados de agonia, pessimismo e revolta de u'á alma vencida. E ele teve palavras de simpatia e respeito para com o artista que lhe fez um pouco assim:

Eram quase 18 horas. Despedimo-nos, e sei pensando se ainda teríamos a felicidade de ler aquele "Alhambra" que seria mais uma afirmação da glória conquistada por Da Costa e Silva, figura marcante das letras paranaenses, de quem tanto se orgulha o meu Estado, poeta mavioso que todo o Brasil enaltece e admira, um rouxinol que já não cana.

Foto da revista "O Rio de Janeiro"
nº 81 de 30/12/1948 - Foz do Iguaçu - Paraná

A man with glasses and a suit, gesturing while speaking. A speech bubble above him contains text in Portuguese:

...natura viva e puro tipo de
música saudável que
necessita a vida humana como
publicar. O Governo
Mário Covello, reiterado
de autorizar a produção
hídrica, através Projeto
Petrônio Portella
para achar os usos que valham
a utilização para a
cultura.

PROJETO
PETRÔNIO
PORTELLA

GOVERNO
HUGO NAPOLEÃO

Secretaria de Cultura,
Desportos e Turismo

Série de artigos escritos por Da Costa e Silva no Jornal "Correio da Manhã" entre os anos de 1923 a 1927. Transcritos de acordo com os originais.

Também eu já tive a emoção da imortalidade em vida. Emocão transitória, é verdade, mas agradável como todas as coisas frivólias deste mundo.

A ação passou-se no Piauhy, onde há, como em toda parte, uma academia de letras, felizmente composta apenas de literatos e anexos, o que se trata de uma companhia sobre numa terra onde os livrinhos só poderiam deixar dividas.

Admirável, por isso, é o esforço, a tenacidade dos acadêmicos piauenses, agrupando-se num centro de inteligência e esforço, em um sympathico movimento de actividades literaria e científicas.

Todas essas circunstâncias vencem as rebeldias do meu espírito, instintivo, infuso a essas constelações, degenerando ordinariamente em conclusões de elegiis mutuas ou de exhibicionismo peccantes.

E assim, em pleno gozo da minha imortalidade estival tive a satisfação íntima de reverenciar a memória de Leopoldo Damasceno Ferreira, tentando fazer o elogio de um sábio, ou o panegyrico de um santo.

Não conheci individualmente o grande piauense, que olhei meu paterno, mas, desde menino, tive a devotada intimidade com o seu espírito, através da admiração cultural do meu pai, seu coetâneo e companheiro de infância, e do meu irmão mais velho que, seu discípulo e colega, padre e poeta como ele, me falava sempre com incontida entusiasmo da sua inteligência prodigiosa e da sua cultura invulgar.

Conheço-lhe a vida e a obra que sempre me inspiraram interesse e simpatia, cada vez mais crescentes. A existência do homem e do padre, nas suas manifestações exteriores, podem enquadrar-se em rápida biografia.

O onmigo Damasceno Ferreira nasceu em Oeiras, em 1857; estudou primeiros letres em Thermona; preparou-se em humanidades, com raro brilhantismo, no antigo seminário de Córca; fez o curso superior na célebre Faculdade Católica do Saint-Sulpice, onde foi laureado em direito canônico em 1883. Depois de ordenado, foi viúvar, completando, pela observação dos lugares célebres, a solidá cultura que bebera; via a Sibila democrática e modelar; via Roma lendária; via Jerusalém immortal. Regressando à pátria em 1887, foi depois de professor de história sagrada no Seminário Episcopal do Maranhão, apresentado canônico da Catedral, obtendo facilidades para confessar, pregar e ensinar; todas as ordens ocupou os cargos

mais distintos da carreira eclesiástica: inclusivo da mestre escola da Catedral, e governador, interino da Diocese. Professor o magistério público, lecionando com admirável competência a cadeira de Francês, conquistada em 1892, por concurso famoso no Lycée Marathense e a de Latim em substituição ao exmo. canônico Ofício Cruz, e fez parte do Conselho Superior de Instrução Pública, em 1893 e 1894.

Revelou-se também na política, fazendo-se eleger deputado ao Congresso estadual do Maranhão, nas primeiras legislaturas da República.

Trabalhou na imprensa, redigindo a "regeneração", e colaborando em todos os jornais do seu tempo, onde exercia e dignitava, com brilho elevado, sobre política, philosophia, literatura, ciência e arte, travando polêmicas que abrigam sulco na história intelectual da velha Athenas, onde conviveram com espíritos da cultura do Poeta Souza Andrade, dos padres Ponteira, Carneiro Branco e Britto, do pedagogo Almir Nina, do médico Luís Serra dos jornalistas Manoel de Britto e Evaristo Malas e de Antônio Lobo.

Ele e seu último escravista exerceram poderosa influência sobre os espíritos das últimas gerações, principalmente daquela que na "Oficina dos Novos",

iniciou o movimento literário com sua influência por todo norte do Brasil.

No pulpito, no palco e na imprensa, deixou clamoroso vestígio indeleis de sua paixão luminosa. Viveu os seus últimos dias, ou numa casa de sacerdote pobre, cercado de estudantes que se sentiam bem naquele ambiente de erudição e extrema simplicidade, ou sozinho na humildade de uma cela de um dos templos mais abandonados da evista cidade.

De quando em quando, fugia da vida tumultuosa da urbe e do fervor diário, das pulgas mesquinhas, buscando a solidez do remoto arcais de Ribeirão, onde, sobre o promontório saturava os ouvidos e a alma da grandiosa symphonica da oceano.

Morreu pobre em 1906.

Antes que o levasssem para o cemitério de Gavião, o Luís de Britto bispo de Olinda, seu amigo do corpo inseparável que lhe o ergastado desse grande espírito, este exortou-o: Maldiga a hora em que, deixando a minha Diocese, vim à terra natal, para assistir à morte do meu eleito; porque a morte desse espírito arrasta consigo a luz e o saber, unidos que ainda mantinham as tradições de velho marathense.

A vida do homem e do padre abriu-se em rápido registro, mas a do



Da Costa e Silva



a visão do mundo

João acadêmico

lúdico e da santo ocupam a humana esfera porque fora do tempo e do espaço, têm-lhe de eternidade. O estudo de uma individualidade tão singular e representativa não cabe, nem poderia caber, pela multiplicidade das suas revelações, nos limites de um edição acadêmica.

Por isso poderá apenas apreciar-se em síntese, o mais essencial e característico dos domínios do seu espírito e das virtudes de seu coração. A inteligência de Damasceno Ferreira, em pleno domínio da sua ampla vida cultural, esquadrinhou todos os horizontes do conhecimento humano. Não se sabia o que mais admirar nela, se o elevação do talento a profundezas da erudição e modestia da vida, a bondade da alma.

Phaleosopher, existente com convicção as suas idéias, batendo-as por elas com fé e ardor e aceitando como certas e plausíveis todas as doutrinas, enquanto não demonstravam o imperativo categorico firmado em sangue sobre o calvário.

Orador, possuía todos os recursos de estilo à eloquência, fertilidade imaginativa, e facilidade de expressão, magistratura a par de uma diction clara, firme e harmoniosa. Sua mensura os magníficos seminários proferidos nas igrejas de N. Lus., que se encantam todos os vezes que se introduzia que conego Damasceno faria o predileto do Evangelho.

Educator, era uma fonte de sabedoria, onde se abeberam ávidas de saber, as mais belas intelligências contemporâneas, hoje em evidência na literatura, na política, na magistratura e no magistério do Maranhão.

Polêmista, referiu um dos seus contemporâneos, exercevendo, conveniente, mas não insultava, de uma lógica destrutiva e de uma dialectica poderosa, não deixava às diatribes que eram os rematos dos argumentos da imprensa da época.

Poeta, os seus versos quando não revelavam alta penetração psicológica, eram inspirados pelos estados da alma traduzidos em expressão eloquente, onde, ao mesmo tempo, esculpiam a pureza do sentimento, a simplicidade da forma, o classen fraco e someto:

Entendo o que me dizes na silente
Linguagem desse olhar humano e
triste:
É a vítima do amor dos que me viste:
A alma teia presa e o coração doente.

E eu te amaria erga, loucamente,
Se o pudesse; porém o amor consiste
Numa oblação; e o coração mísico
Pois me dei ao meu Deus inteiramente.

Mas ouve a voz: eu tenho tanta pena
De não poder amar-te, que parece
Que nenhuma seja querer. te estou
anuindo...

E sinto que te sigo, com te evitando;
Quero inauisvel ter, e a magua
crece,
Magua de não te amar, oh!
Magdalena!

A feição que a meu ver melhor caracteriza a poesia de Damasceno Ferreira, é o lyrismo pascional e affectivo. Esse poeta, que todos afirmam, era um credor romântico e um sacerdote virtuoso, fraco, sem dúvida, como poeta Arver, o seu segredo é alma e o seu mistério na vida. Teve como poeta, a aparição divina de uma sonhada de mulher, nos ruminhos inserida da existência, como este canta soneto denunciado:

Ah! purpur, quando irás me violar?
Em tanto aroma a tua boca
embebes?

Chamas mal que os jardins mal
do que as sibas
Chélia de Larajac, de feras avita.
I. porque, quando ardente olhar me
fitas,
E em troca o meu olhar triste resbebas.
Tens no teu tanto luz, e aos meus
bebés
Transformando as ero ases, minhas
descritas?

Perfume o luxo fulgor de aurora e
flores,
Eis o que é tu! Mas eu, que nunca
tive
Nem tua que me guasse, nem cores

A respirar a vida como vive
Um prazer a custar ambar dores
Eis o que ao pé de ti jamais estei... .

Ele prezava em vãs disfarçar a
paixão inspirada sól a negra estremecida
da tempestade, mas o sentimento persiste
incontido, transbordante de emoção lírica. E a vida romântica da lenda
arriba da Araxa, em que baixou do
cunhado, o mandado de Deus, a alma
que devia animar o corpo. E, pensava
que o espírito não quis submeter-se a argila; mas o Bem, conver-
tendo-se em instrumento, cunha,
atruia, e, seduzindo, encarcerava-o no
seu abysmo. O doce amor humano,
que desencontava o seu coração para a
alegria da vida, transformou-se em
oblação de fé, em perfume celeste,
em missa luminosa...

Mas a impureza do céu persistia
na fraqueza da carne e na volúpia dos
sentidos.

O homem, no sua triste condição,
não pode fugir as alegrias da vida
mortal e dolorosa, tinha de pagar no
seu tributo à contingência humana o
ser que tantas perfeições reunira. E já
foi arrastado, involuntariamente, be-
cejando um apelo aos céus no
turnido da torrente irresistível.
Todavia, Leopoldo Damasceno Ferreira,
no anhurgo incomparável do seu
destino, conservou sempre o sentido da
bondade, a consciência da Justiça, a
intuição da verdade, o culto da
religião, a arte e a philosophia, cujas
trecoceitáveis, cujos fins sublimos
viviam em vidente.

E com este elogio, com que eu
pretendo salvar do esquecimento, a
personalidade nobrevel da sua
patrona, fico a pensar de como é
precioso a immortalidade.

João Costa Alves



GARIBOLDI - ALBERTO PLANA



II Um burocrata com idéias

Em Costa Rica

De ordinário, todos os dias, aquela mesma hora anseio e feliz em que, depois de ter pago, com disciplinado horizonte, o tributo patriótico que me impõe a condição de brasileiro, consigo desvincular-me dos meus contingentes varões burocráticos, visto-me tão bem que me julgo outro e, assim, respiro, aliviado, otimista, satisfeito, como se reconquistasse de vez, a minha verdadeira personalidade. Então, de espírito arrejado e animo livre, faço por esquecer a repartição, o serviço público, o lado burocrático da vida. O resto da tarde é para desfrutar a plena, estendida as atmosferas boleadoras dos exercícios findos; a noite para o pensamento e para o sonho. E nessas horas suaves e benéficas de higiene espiritual, não querem nem deles pensar no meu destino retardo de peça anomala do apparelho administrativo, evitando, quanto posso, qualquer assumpto, ou idéia, que só prenda as ruidosas funções banais da amarroum, desde as informações sobre o complicado andamento do papelório diuturno, que me rouba o tempo e a serenidade, aplicáveis, sube Deus, a coisas mais úteis e agradáveis, até o mais breve commentatio que, direta ou indirectamente, se relacione com o pessimismo da burocracia e seu narcotico absorvente...

Outro dia, sai dos meus hábitos, no melhor dos meus cuidados, para contrariar esse propósito, entregar-me à leitura do livro do meu amigo, Jacob Cavalcanti, sobre o Historion da Dívida Externa Federal. Ponto que se tratasse de trabalho feito adrede, de enredo administrativo, dispunha-se a leitura com atenção e agrado porque a tanto me inspira a confiança nos méritos do autor. Conhecendo-o de perto, através do convívio natural e uma amizade sincera, cultivada reciprocamente, desde aqueles bons tempos em que servíamo-nos ambos na Delegacia Fiscal em Belo Horizonte, tinha razões para não o considerar apenas o grave fonzelaria, competente, operoso e discreto, que todos apreciam e estimam pela distinção pessoal, revelada admiravelmente na conduta serena, na delicadeza do trato e nesse constante bom humor, pouco comum à especie biliosa e inatidela dos servidores do Estado. Não me ludio essa convicção. O burocrata que, galgara rapidamente, sem o vestíglio humilhante das joelheiras, posição invejável na sua classe, dava-nos um atestado positivo do seu valor, da sua capacidade intelectual, nesse volume, verdadeiramente notável como obra de estudo, pesquisa e erudição, em que se ocupava, com minúcia e profundezza, de todas as operações de crédito efectuadas pelo Brasil no estrangeiro desde 1822 até nossos dias, em exposição clara e precisa, a que aduz esclarecimentos e cunhamentários, oportunos e interes-

santes, com intelligencia, critério e elevação.

O livro é escrito em estilo sôrio e elegante, cujo convénio a assumpção dessa natureza e, tão grande é seu inestimável carácter instrutivo, de leitura atraente, quija agradável.

O encadeamento methodico da materia que descreve e analisa consegue despertar, de certo modo, interesse e curiosidade. Os empréstimos são aprovados, detalhadamente, em face dos algarismos e à face dos documentos e em conjunto, numa synthese segura e perfeita. A situação actual do país, sob o ponto de vista economico, fico desvidamente esclarecida. E tanto é assim que eu agora liquet a parada coisas e factos que, como brâsilero, devia saber, mas ignorava. É natural que a prospeccão publica interesse mais a outros cidadãos da minha pátria do que a mim que, não sendo politico nem analfabeto, aprovanto apenas os banquetes financeiros as vulgarissimas que os outros rejeitam. Todavia, fiquei mais tranquilo e contente, sabendo que desde 1838 estamos à beira do abismo, esperando o milagre do proveito. De hora em hora, Deus Melhor.

De 1824 a 1922, afirma, com fundamento, Jacob Cavalcanti, contraímos empréstimos externos no valor nominal total de \$ 157.337.103, ou ao rambo de 27 dinheiros por mil reis 1.667.216.861 £ 33.

Já ilveram empréstimos de toda especie e até distinguindo com singular denominação, az: "oueros", "rainhas", etc. Faltava-nos ainda o "calamitoso", que devemos evitar, para não dar aos outros do gosto da classificação.

Desses empréstimos já foram

resgatados 13, no valor total nominal de £ 29.637.000, ou seja 222.810.370 \$ 370, ouro; de modo que o valor real dos restantes, actualmente em circulação, calculado em moeda esterlina £ de £ 139.960.868, ou 1.244.416.604\$444, ouro.

Ora, esses algarismos podem atingir a proporções assombrosas ate olhos espartidos dos economistas empiricos, mas o caso não é para tanto. Sejamos optimistas. O augmento da nossa dívida no exterior, em vez de parecer nos um symptom alarmante, deve ser encarado como um bom signali e a prova evidente de que ainda podemos abusar delle.

Mas vamos adante. O serviço dos juros e comissões da dívida externa do país custa annualmente £ 7.138.029, ou 80.413.564\$444 ouro. Assim, 81,38% da receita da Republica, como denomina Jacob Cavalcanti, são consumidos nesse serviço de forma que parece que não é lá muito conveniente continuarmos a dever... A propósito, lembrou-me elle, talvez, desse cálculo bastante curioso e significativo: se dividirmos o valor real dos empréstimos ora em circulação... (£ 1.244.416.604\$444, ouro) pela população total do Brasil, apurada no ultimo recenseamento (30.635.605 habitantes), verificaremos que a cada um toca a soma de 40 \$610, ouro, de capital, e a de 2\$011, ouro, de juros e comissões.

E bom notar que a expressão "toca" ali usada, quer dizer do belo para linda. Seja como for, estou pronto a entrar com o que me toca pelo que não me toca.

No inicio do regimen, alguns republicanos cogitaram de resgatar os



— TENHO UM PRESENTIMENTO QUE A NOSSA DÍVIDA EXTERNA
FUTURO VAI SE TORNAR INCONTROLEÁVEL!



nosso compromisso no estrangeiro, por medo de uma subscrição que chegou a ter ateria. A ideia, contudo, não vingou. Era louvável, mas não era feia. A subscrição reduziria à condição de mendigo a nação pendularia...

Jacobi Cavalcanti sugere outra, opotuna e viável: o resgate da dívida por meio de um fundo especial que, na sua opinião, seria constituído por um imposto modesto, cobrado a parte em ouro nas alfandegas sobre a importação de objectos de luxo e parte em papel, arrecadado nas repartição competentes, sobre as remessas de dinheiro para o exterior. O produto desse imposto, convertido em ouro a parte papel, seria mensalmente entregue ao Banco do Brasil para compra de cumbiacs sobre Londres, as quais se destinariam à aquisição e consequente resgate de títulos dos empréstimos lançados pelo Brasil na Inglaterra na França e nos Estados Unidos.

O meu amigo, como vêem, não é somente um estudioso, ou, melhor, um entendido, em assuntos de economia e finanças, como demonstra o seu belo livro, mas também um patriota que, preocupado com estas questões no nosso país, tem idéias próprias, cada vez entre os dentes da nossa burocracia e os burocratas da nossa política.

Que, entretanto, esta denúncia do seu talento, da sua espécie, não seja valor em si, não lhe traga entraves à carreira, cujos poetas culminantes vêm conquistando pelo esforço próprio, embora, por modestia, ou quem sabe se pregação, à sombra de injustificável obscuridade.

E fico perigoso ter idéias...



* Extracto do Diário de Notícias - Porto Alegre - 1938

Eis um livro de versos, que eu li e estou, mais de uma vez, com impunidade e comprovada sympathia: "Poemas de Bilú".

Pouco me importa que não o levem a sério, não lhe encontrem unida de concepção finalidade estética, expressão literária, outros poderão perceber, sem censar, o meano solitário, mas imperativo, dessa poesia intensíssima que não interessa despedida, num encantado luminoso de alusões e imagens, pelas suas páginas.

Mas, por que negar ao poeta vivo - ou qualquero sentiria - que exilhou a nossa natureza nas paixões aspirativas do "Carregado Verde" o deffinitivo concessão a exploração do Destino como o "Sorriso interior" ao dínamo de divertir-se.

A arte, como a vida, também precisa de derivativos. Quem o diga Coetzee. Que o seguiu é culpa, Augusto Meyer que, à sua semelhança, não tem "moral" procurativa, distinguiu, com a "gymnastics do suicídio", essa espécie de belo inacreditável, que deixa em todo o verdadeiro poeta a intensidade metaphysics de pensamento.

Falá por elle, tirando por mim, tanto lhe sei eu, nas sensações encapadas das suas poesias, quanto possam de dolorosa, através do seu sangue e das suas nervas, do coração para o cerebro. Repito-lhe, às vezes, algumas versos, que só de cor surrindo podem se degustar: o sabor da hora amarga e fragrante e, insensivelmente, certo se palpitar.

"Quem botou essa lata irredutível nos meus olhos?"

"Mascula
"A estrela pallida morreu.

Não. Quem morreu foi a lata iludiu para aquela que, trazendo consigo, como um tesouro de gerações acumuladas, as tendências ideológicas da sua raça, poderia bem ocultar-se a Robinson Crusoe desse valo-pa, onde não ha lugar para os poetas:

"As ilhas morrem mas agem:
ilhas ilhas prediletas, em silêncio"

[Robinson Crusoe.
Olhares invocam magmas,
O aguado, lhesas molhas magmas."

Sente-se o desenraizamento do poeta, cuja oriana emmerita e desonra, menos pelo nome e a figura, do que pelo ingenuidade criadora, a triste lucidez e ressentida, a pitibonsaria natural, união instintiva.

Augusto Meyer avessa, neste livro, uma psychologia todo particular, em alguns poesias semelhante a Heine, pela agudeza da intelligence, pelo scepticismo velado e dissimulado da multitud.

Mas alle disfigurante, desconsolante, para dar punhais à ironia com que malabariza das palavras, faz prodígios de "verso" e "humor". Intelectual é só a sensibilidade, auxiliado de militante esoteropédia, nesse esboço de "radicalismo aristocrata" que Brandes inventou para Nostalgia, refugia-se na sua própria imaginação atormentada e louca: uma fieira de rancor e mordacidade, "Bilú", excluda da harmonia cosmológica.

Imo de ordem ou incesto é uma notícias, para em todo o poeta de cordade ha sempre um mesmo desdizimento para quem:

"Tudo é puro como o sol que vai nascer".
"Tudo é poema crônica.
Voce não sabe nulla, felicissimo; Suber é sobre
(que não se sabe).

(Bilú)

Meyer apesar descolorir o seu rosto em sexualizado e paradoxal, o seu "diálogo" narrativo, o confidente desmuntador de si mesmo:

Beduço tanto a mina cinismo,
Não há nadô que me resista:
Pois o caminho mais curto
Dirá duas pontas, meu bem,
Se chama ponto de vista".

(Canção encenada)

"A vítima rufiana entrou no repôho,
mon cigarro sponge-sucessão que nem eu.
We are such stuff us dreams are made on

Me belicos por ser al mi sei su..."

"Nós somos a sombra de um sonho na sombra".

(Noite no Portogalegre)

Somos na sombra, phantasma no fantoché, Bilú se reconhece e se integra na ternura da infância, fogendo, quem sabe, ao seu fascinio intelectual, mas complementando a sua personalidade nessa exaltação maniacal e suspeito-sobrenatural.

A sua poesia poetica, desenvolvendo-nos infinita variedade de ritmo e cores, formas e rythmos, sobre motivos simples e vigorosos, impressões e sensações intimas, que a sua dedicada penetração apresenta movimentada e transfigurada.

"Bilú", pensa nas madrugadas que cito, aspira a fogo da terra possante e contente. Cada poesia no mundo é trampolim. O futuro se enjoga saltando.

(Chegando-gem)

Poese mundo de libertarla, que é o que mais consegue, pelos contrastes imaginativos do equilíbrio, no sentido dinâmico da poesia moderna. Augusto Meyer, cantando para si, como o Józef de Goethe, brinca e sorri com sua revolta, deliciando-nos com a maravilha destas "travessias".

"Olha o sol!
Corre uma sombra na horda do sueno,
Na prado de lins que já voltaram.
Que vinhedo inóspito boiando nas folhas.
Partes que o mundo nascerá de novo".

(Força)

Quero medir a terra lida do seu corpo,
também sou agremosur.
Te dou um vestido de molas.
Toma um cinto de shiraga".

(Gentil)

...soldadinhos de chumbo
marcam passos perfis,
marcam-as ruas da imaginação.

(A Bouscula da vitória)

Este vento malo é um hiperboreo de orgulho
quando passa lhe a cara enlouca o peito
varre a cidade onde eu mostrei o rosto
Ela sou o irmão das sedições sem sentido
Ufa que sube o jardim e salve o mar....

(Mimane)

O caminada, quem lhe, apodecer,
O caminhar foram feitos para andar".

(Alguém)

Poesia e verdade!

...poeta de "grabis" é um espírito em marcha, que se deteve um momento para olhar o horizonte e sorvir aos seus companheiros de gresso. Bilú não é portanto, uma criação, nem um símbolo. É apenas uma atitude, que a necessidade da satyr justifica e impõe em um meio literário, que dá para trás, com o Brasil.



IV José Albano

Da Costa Alba

Surpreende-me, há poucos dias, uma notícia deslizadora: morrera José Albano. A imprensa expressou-se em divergências de opinião, que nos remetem à triste certeza: falecendo-lhe o mortalício em estilo ligeiro de comentarista, porém nada se escreveu, ao meu ver, que pudesse dar a ideia precisa da individualidade e da obra desse poeta tão delicado quanto infeliz. Pessoalmente fico, com toda convicção, porque conheci de perto o homem e o artista, mantendo com este a mais sagrada compreensão espiritual.

Encontramo-nos, pela primeira vez, em alto mar, a bordo do Olímpio, se bem me lembrar. Viria eu para o Rio com a intenção de vender, um livro de versos e o meu sonha de glória, ou breve desfazê-la; ele regressava de uma viagem no berço natal no lamanche Fozallesa. Impressionou-me profundamente aquela tipo estranho de expressão romântica, traçado com severidade à maneira de Musset, pelo ar de sombra da Bironomia nascendo tal característica na palidez do rosto encurvado pela cabecinha poética e a boca escora de muco. Não desenganei desde então, a minha curiosidade. Procurei sondar quanto era e soube-o até os satisfeitos fundos verossimilhanças que eu sabia de cor:

Ha no meu peito uma poeta
A bater constantemente:
Diviso a esperança tua incerta
E o crengão tua dureza.
Em todo parte onde eu gozo,
Oago esse mundo infeliz:
Só no tristeza entraña
E as alegrias esconde.

Aproximamo-nos, timidamente, do poeta, dando-me a conhecer. Estabeleceu-se logo simpática entre nós simpatia. Maravilhou-me sempre: e só se lhe com carinho, fazendo-lhe um elogio di-critico, encantava-o tanto, mas simplicidade para mais pertencia na minha pessoa. Grande verdade, que só mais tarde pude compreender.

Conselho, então, a estimar-lo e admirá-lo cada vez mais, reconhecendo-lhe, como devia, a elevação de intelecto e a profundeza da cultura.

Várias vezes ainda nos vimos, só que um dia nos separamos. Eu aqui fizera a contemplação, com ingenuidade de criança, a minha estima que «malaparecia», empunhando, quando pela mim, tão dura e tão alta, buscava através de horizontes muito amplios, um sentimento de felicidade, é altura do seu sonho.

Não a esqueço, nunca. Recordava-o sempre, com os que conheciam e amavam; uns com Amorim Faria, ora com José Vieira, ora com Leopoldo Braga, que, apesar de burocrata, ainda conservava, como duas suposições, a compreensão e a sensibilidade do legítimo poeta.

De passagem para o meu voluntariado degradado no Macau, tive no Ceará uma hora de alegria infantil, gratas ao meu encontro com Antônio Salles. Falamos e vidento de literatura, de poesia, de poetas, elendo naturalmente à tua de palestra o nome de José Albano. O meu amigo também prestava aquele talento exquidito. Falou-me com entusiasmo entusiasmante das suas rimas, da sua insensibilidade e da sua erudição, presentemente-me, em seguida, com um resumido anelito de maravilhosas estremecidas. Era a Allegria, um canto camponês do nosso poeta que, pelo arcojo de inspiração e beleza de linguagem, possuía subtraído aos Lantadas. Dividi-me o resto da viagem na leitura, e resendo em silêncio ou em voz alta essas estrofes de flagrante sensibilidade, sentia as veias e

mesmo efeito que me poderiam despertar no grande épico.

E justo, pois, em convivida homenagem, eu me venha sempre, como poeta de um authetico poeta, cuja obra revela uma personalidade literária, grande em pequena, havia uma personalidade inspiradora, distinta singular, incomprendível.

José Albano foi um verdadeiro poeta, ali na adversidade do destino. Inteligente e valo, vivos obscuro, quasi desconhecido na sua pátria; raro, de fato «dramático», entrevalves na miséria em terra estrangeira. Entretanto, nesse homem, que desancava como qualquer mortal, se harmonizavam divinamente suas inteligências poéticas e uma sensibilidade agudissima, auxiliadas por uma cultura estética invicta: investigar consciente, quasi encyclopédia. Conhecia em todas as línguas neo-gregas e neo-latinas, falando e escrevendo algumas delas com a fluidez e a pureza da materna, que sabia prodigiosamente. Com esse apurado cultivo mental, teve elementos para haver a verdadeira poesia na fonte original, que brevemente pincara da sabedoria humana. Por isso, os seus versos têm a espontaneidade e a perfeição das coisas naturais, denunciando maravilhosa desordem clássica pela elevação ideal, impondo filosófica e brilhante originalidade da linguagem. Poeta das «sentimentalidades», das idéias limpidas, das emoções profundas e sutis, a sua arte base por princípio carasístico a ignorância e a singeleza. Os seus versos, de evocação simplicíssima de expressão, tacto, ora parecem impráguedos, dorso acena evocativa de vinhos pegajinhos, onde as azeedes ficaram a graca campestre das suas flores..... mas outras, sob a forma particularizada das vidas humanas. A sua poesia tem duas fases: individual subjetiva, em que conta as penas e os cuidados do doce amor humano, e a mistica de transcendente idealidade, sei que, em mais alto grau da sua inspiração, eleva seu espírito, no fluxo subliminário do alegre amor, ao Deus. E desse último estado d'alma esse magnífico soneto:

Boa Jesus, Amador das almas puras,
Boa Jesus, Amador das almas mansas.
De ti vim a serena expectativa,
De ti vim a angústia docente.

Tan todo por te vejo que procorras
O pecador ingrato, e não descartas,
Para lhe dar as bem-aventuranças
Que os espíritos possam nas alturas.

A mim, poia, que da magna desatina,
E, ante o dia, em luctuosa noite banho,
Vem alegando temer ásua destino.

E, terminando o meu depresso extranho, Tão companhão destrim, Pastor Divino,
Que não faltá um ovilho no seu trânsito!

A tua obra simples e bela, cômica e perfeita, assemelha-me Du Sologno e na Comédia Anglória, com a exibição de seu estro para o misticismo, que é a mais encantante da eterna poesia, e mais religiosa poesia da espiritualista escrita. A leitura dos seus poemas traz-nos, de quando em quando, à ideia, São Francisco de Assis, Santa Teresa, Novais, Damião, Onofre, Rosetti e Verlaine penitente de Sagresse.

José Albano é ainda maior como poeta: é um bô elo poeta brasileiro, como poderia ser um grande poeta inglês. Este soneto de Four Sonnet é um significativo alerta:

“Meu pobre Albano, bem se justificava o teu amor por essa fria Inglaterra, que, apesar do seu utilitarismo, é a mansão sentimental e acolhedora de todos os poetas...”

The hour, the day, the year - how I was born
into this world of misery and pain,
a thousand times, although it be in vain,
I do lament with anguish burden'd, feele
Oppress'd and burden'd, loath and factorn,
In arms agains me misfortune. I would fain
Be merry, but if others do attain
To happiness, I only weep and mourn.

Ye who have seen my tears and heard my
languish,
Ye who have known infinite in tears,
Fain in the heart and wane in the eyes.

Ye who are sad, your woes to mine compare
And all the grief that in your bosom lies,
Will never equal half of my despair.

Se não me errei o meu amigo entrecerrou de linguas em que foi escrito, este sendo possivel a perfeição clásica dos Shakespeare e o encantamento vencendo do McColl, podendo ser comparado pela beleza elegante aos melhores de Keats e dos spiritualistas da escola inglesa.

Meu pobre Albano, bem se justificava o teu amor por essa fria Inglaterra, que apesar do seu utilitarismo, é a mansão sentimental e acolhedora de todos os poetas, como bô e compassivo, num processo de fuga do mundo, a lúbricas nos céus, o trov desonrado e a tua tortura de filho de um país indiferente à sorte dos que nascem para o exílio da Ásia. Longe da pátria que te ensinou e abriu a vida que te constituiu o espírito - Invalidez. infância infeliz, pauperação, etc., os que te admitemos aqui a permaneceram com a tua desilusão, onde se miravam as tuas almas, aberta pelo encanto sonoro de Pégase no pedra frustante, vendido a ressalva: a que encarregada de lazar, ureca que todos os carcelos julgaram ter azes para secular os crimes a ruela sagrada.



VI O sal das coisas

A princípio, eu via a vida como um espectador indiferente, alheio à realidade, preoculado apenas com o que ela me revelava, com motivos de beleza, mas suas múltiplas e variadas manifestações, cheias de contraste, de surpresas e maravilhas. Um dia, porém, chegou-me o desgosto fatal, perturbando a tarefa, da siquidação sonho, e eu tive a necessidade instintiva de ver melhor, observando, de sentir melhor, lutando, de gozar melhor, soffrendo, para, integrando na sua verdadeira compreensão, poder viver verdadeiramente a vida.

Deste estado de consciência, encontrei a curiosidade inconsciente, de penetrar o sentido recôndito da natureza, aprofundando a visão, ou mais intenso esforço da inteligência e do raciocínio, até à mysteriosa essência das coisas e das coisas.

Fasei, assim, da contemplação à meditação, como se nubles da renova para a claridade. Então, o espírito intuitivo, apercebendo e analisando, em aspectos da vida, de modo naturalmente, descobrindo nos casais mais simples, nos actos mais comuns, nos factos mais vulgares, o sal inefável que existe, imanente e imperceptível, em todas as coisas, dando, às vezes, com o seu sabor imprevisível, expressão e graça, as existências mais inapreendíveis.

A vida, que me tornou sceptico, ensinou-me também a sorrir. Dali a minha philosophia.

Por ventura, na onda amarga, não afiada, branca e transparente, as espinhas, como um sorriso respondendo!

O mar desperta-me sempre idéias generosas. Apraz-me, por laio, contemplá-lo, submerso, quando estou triste, pelas suggestões profundas de beleza e verdade que me offerem ao olhar e ao pensamento.

Ante o infinito verde das suas grandes águas, sonoras e cambiantes, de onde se erguem no voluptuoso gênesis das formas míticas, que morrem para existir, as vagas e as ondas que se fazem e desfazem, avançam e recuam, ondulam e se contorcem, para desaparecerem em breve convertidas em espuma ou avançam mundo e bojo de outras, em contínuas transformações de ritmos e tons, tendo a viva impressão de estar em face de um capelo móvel e translúcido, a reflectir, animada e perfícta, a própria imagem da vida, criadora e eterna na seu perpétuo movimento de immortal renovação.

O olhar e o pensamento, envolvidos na realidade das aparições, pendem-se na perspectiva longínqua do azul limpidíssimo e profundo... E que o mar é semelhante à vida até na ilusão inatingível de uma outra vida.

Branca e silenciosa, dominando o jardim deserto com a sua beleza de mármore, aquela cratera da praia de Botafogo, vista entre as árvores, é

luz melancólica do crepusculo, parecia ter alma.

Diz-se-lhe viva e sensível pela atitude espiritual de quem pensa em recordar.

As velas serenas, meu desígnio e appreço, juntam as ruínas escultóricas que lhe completaram o círculo, como uma criação de Deus, immobilizada de surpresa pela ação avassaladora de um infortúnio irrepelível, muitas vezes me veio à mente, dominada pelo poder evocativo da contemplação, a visão inconcebível da pátria, invadindo-me, subitamente, não sei por que, essa tristeza desconsolada de quem não é meu demônio.

Todos os dias, à mesma hora, na mesma praia, no mesmo ponto, encenro, invacilmente, o mesmo círculo, juntado pela mesma criatura. Vejo-o chegar lentamente, de mão no homem do marinho, encostado no lugar do costume, armado baleteiro e navalha, colocando sobre a tripesa o velho realce em que todos a música monotona da sua marinha...

A cena, de tão habitual, já se tornou uma impessoal constante na minha vida. Entretanto, não é a coincidência do encontro, nem a piedade que me inspira, que me despega a atenção para esse curioso mendigo, mas aquelas caras, que leva no peito, onde se lhe via matinal, cada vez visível: CEGO QUE VIVE NAS TIRANAS.

Avolhido de muita gente, não passa esse letrero de malo resumo de rhetórica, destinado a comover; e certo porém, é que, intencional ou não, ali está, residente, uma admirável e oportunha prevenção moral.

Até os negros têm a sua philosophia inconsciente e profunda! Com efeito, nem todos os céus vivem na treva, sobrevivendo nesse paiz de 88-5.

De ordinário, evito encontrar-me com certos individuos nas bibliotecas, nas livrarias, em todo lugar em summa, onde a simples presença dos livros, parece influir no ambiente, elevando o nível dos espíritos, porque é justamente ali que elles demonstram, de modo punitivo, a sua deplorável inferioridade.

Outro dia, por exemplo, em um grupo, na Livraria Leite Ribeiro, travava-se de literatura, quando, no curso da prosa sobre poesia, surgiu o nome de José Albano, recentemente desaparecido. Faltava, então, da seu talento díctico, da sua arte limpida e perfeita, da sua bella cultura clásica, da sua erudição fulgurante, quando uma voz inaudível descontou de todos:

Podia ter muito talento, mas terminou manaco.

A observação audií-me prompta e violenta, como um gesto de justiça.

De facto, tratando-se de um brânculo, todo esforço intelectual, toda preocupação de saber, devia ser, pelo menos, sintoma de loucura, mas isso em nada diminui a glória

do poeta, acima da contingência humana. Espíritos lucidos, como Tasso, Schumann, Ruskin, Nietzsche, Maupassant, depois de atingir as culminâncias do perfeccionamento, resvalaram na demência. A história dos povos cultos está cheia de genios, de sabios e de loucos.

Entretanto, ainda não logram ingresso ali os ignorantes e os imbecis...

Ainda se comenta, com entusiasmo, a prova de um cavaleiro que, nos braços de varas danas, des uma prova singular de resistência física, durando 32 horas.

O feito é, realmente, admirável, não se limitando a sua significação ao sucesso chorégraphique: pois veja mostrá-la, mas, uma vez, que o Brasil é de fato um país essencialmente agrícola, a julgar pelo cultivo d'água.

Como todas as coisas belas, inspiram idéias práticas, desse cui me está uma reflexão económica.

Não teria maior proveito em prova, em terreno mais amplo, o contacto com a natureza! Figurem a hipótese de formar-se Machado da Costa em Machado do campo, no círculo de outro a desbravar: matos ou de uma encosta, a cavar solo fértil da putrefia, e cada uma d'14.000 pessoas que assistiram ao espetáculo dançante, a proveitar tempo e o dinheiro das entradas converteendo-o em milho (que também dinheiro para o legislativo e servindo as geras nas cidades q' elle poderia abrir dentro de 30 horas, repetidas a volta da coroa, calculemos o dentro de um ano não bateriam o record produzido das espigas).

A lembrança q'nde não se leva é certo todo idéia é uma sen- tral.

— Mas isso é que a philosophia perguntava o leitor intelligente com um sorriso malicioso. E eu respondi também com um sorriso q'ne dirá tudo.

Acostumei-me a pensar e a notar as de melhores superiores os meus mestres contraditórios de existir através do curso inevitável do tempo.

E esta a minha philosophia, não estou sujeito a portarla, i sistemas, porque não me funda ideias e nos racionais dos homens.

Aprendi a naturalmente, del q'ndo sobre a correnteza da vida, será sempre uma fonte eterna beleza e verdade. Portanto, é intuição, ou melhor, pelo instinto clarividente, que procurei penetrar na verdadeira realidade, que existe na essência das coisas, i estar pela observação e dep. pela meditação, o sal mysterioso, que sendo um tônico divino p' minha inquietação, é também remédio suave para o tédio descrença, a nostalgia e outros o da alma. E, como medicina tem ainda a vantagem de v' segurando os precipitados da inâmico espiritual se a ress' amarela, applica-se a ironia, azul, o humorismo.

Uma cadeia para a sua liberdade



O Piauí, confiante no desenvolvimento do turismo interno, está implantando uma cadeia de hotéis para ser desfrutada em liberdade. Roceiros que você mesmo descobrirá.

Os hotéis RIMO nas cidades de Luis Correia, no litoral, Corrente, no Sul do Estado e a pousada RIMO em Oeiras, encontram-se em operação. As obras de

construção dos hotéis de Pedro II e Canto do Buriti estão em fase de conclusão. Os projetos de Esperantina e São Raimundo Nonato já estão aprovados.

A cadeia RIMO espera recebê-lo em futuro próximo em uma de suas unidades turísticas.

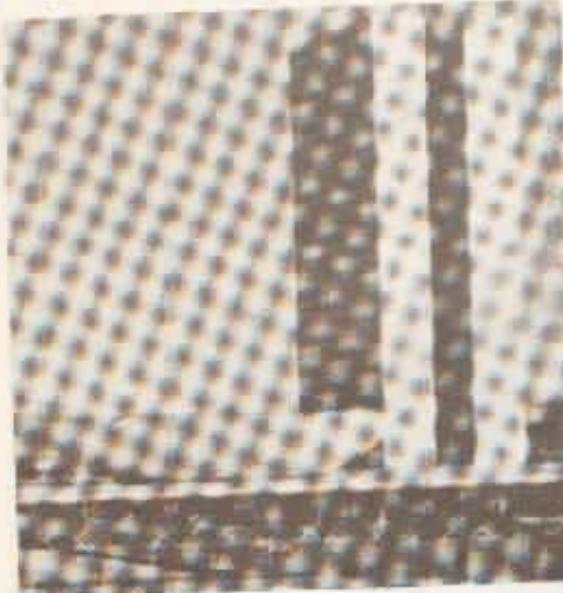
Até breve.



Rede Integrada de Hotéis e Pousadas do Piauí S.A. — RIMO Fone: (086) 223.3100 / 5038 Teresina - Piauí

*Vinculada à Secretaria de Cultura
Desportos e Turismo*

Homenagem do Congresso Nacional a Da Costa e Silva



Mito

e
realidade

I

Celso Barros

Diplomado em Direito, advogado, escritor, membro da Academia Pernambucana de Letras.

Um pequeno depoimento publicado em "A Gaceta" de São Paulo, de 7 de julho de 1930, assim referia-se Corrêa Júnior: um allusivo que envolvendo a morte de Da Costa e Silva, era quem via uma figura de profunda projeção para nossa literatura do poeta:

"Poucos despercebidos em São Paulo a notícia do falecimento de Da Costa e Silva, ocorrido em 25 de junho último. Nada se escreveu, até hoje, em homenagem a essa grande vida que se extinguia. Há elas, no silêncio de modesta ampolha caron, deixando de sua passagem pela terra inapagáveis elogios de beleza".

Não sua própria morte - o Piso! - passou despercebida e seu nome, pois não salvo em um caderno de registro além do que fez a revista "Meridional", segundo nos informa o Prof. M. Paulo Nunes.

O certo é que os meios intelectuais do Estado não tiveram a sua atemporal despercebida e seu nome, pois não salvo em um caderno de registro além do que fez a revista "Meridional", segundo nos informa o Prof. M. Paulo Nunes.

Outro registro, porém, a esse fato do Piso, merece destaque: o que faz o Senador Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves, contemporâneo e amigo do poeta, em sessão do Senado Federal e o artigo de Mário Lobo, publicado no "Jornal do Brasil", de 1º de julho de 1950. Também nesse esquema o silêncio que pairava sobre a vida e a obra do nosso poeta, merecidamente que o futuro o tiraria da obscuridade para colocá-lo no lugar que a sua poesia o devia ocupar. Eis as palavras finais do citado artigo:

"Aqueles que amam a boa, autêntica poesia, ou acostumaram que procuravam ler e guardas DA COSTA E SILVA. E ele é um poeta sobre o qual as contingências da hora atual, o prestígio das correntes literárias em voga, a erudição das igrejinhas, desviamem cada vez mais o olhar e na obscuridade. Poem, tanto quanto podemos conjecturar nestas coisas, é ele um dos valores mais puros da nossa poesia de todos os tempos, um diaque que permanece intacto, sem desfalecer, a subremdar nas evoluções e nas subversões imensas do tempo".

Em verdade, nessa vida foi pouco notável a presença do poeta no cenário da literatura nacional, passando quase despercebido a sua morte, o legado de sua poesia não iria permitir que o seu nome permanecesse na obscuridade ou, ao menos, restrito a alguns momentos de avaliação de seus poemas, na oportunidade em que foram lançados.

A publicação, em um só volume, de suas poesias completas, ultrapassando "Anagnos", "Todisco", "Pneuma", "Verônica" e "Allantina", precedidas de um estudo crítico-biográfico de seu criador, Alberto da Costa e Silva, filho do poeta, veio ressaltar, em conjunto, a sua obra e mostrá-la à humanidade que se abordava, de ampla configuração lírica.

Mais recentemente, a Secretaria de Cultura do Estado do Piso, juntamente com a Presidência da Amazônia, terra natal do poeta, publica uma Antologia das suas poesias, o que faz, na observação do seu apresentador, M. Paulo Nunes, "com o propósito de renovar o culto do poeta, nas

proximidades do seu centenário nascitório, cujo aniversário se dará 1985".

Afirmar-se, assim, cada vez mais, a glória do poeta, de que tanto se orgulha o Piso como Ibiá e demonstra o seu orgulho de que está empossado no presbitério do centenário.

Compre-se, agora, salientando, aquilo que se sabe com certeza que Corrêa Júnior, já falecido, desejava de ver triunfar a glória do poeta que lhe trazia o perfil.

"Chegou a vez, porém, de alcançar o infinito, de libertar-se da sua esfera humana e de sofremos. E das suas qualidades para a inúmeras manifestações simas, em sobre a terra, que os seus pulmões abrem, num poema sonora de liberdade".

Esse é, um dia, chegar ate nos um pôr-sol nublado e radioso e então ficarmos plenamente deslumbrados, a ouvir o nome do grande poeta".

Com afeto, orientando-lhe a trajetória de glória e desventura, nos com que a vida oferece, venho que agradecendo o que precentaria se sobre alguma dessas "sociedades de homens", que se desprendem de seu nome, sem orgulho, que já tiveram a de que "estavam e deslumbrados", encerra entusiasmo do poeta.

No dia 23 de outubro de 1985, em Teresópolis, a abertura oficial do Ano da C. Silva e duas conferências estão programadas com o crítico e ensaísta José Góis Meneses e outra de Alberto Costa e Silva.

A essa importante iniciativa, atra-

que o Brasil e o seu povo cultuam a memória do seu maior poeta, associa-se a Cláudia dos Deputados ao tributo a Du Costa e Silva este homenagem trazida na minha poesia e na do Deputado Wall Ferraz.

Não cabe, naturalmente, nos limites desse discurso, uma análise critica da obra de Du Costa e Silva e mesmo que eu fosse um poeta ou dedicado para fazê-lo. Limitarei-me, portanto, a revelar alguns aspectos de meus poemas, no que ele tem de mais característico, importante e significativo.

O funeral sob a quinta mítica estendida por Mergulho a céu de Du Costa e Silva, sem dúvida é haverá de ser um quadro muito representativo das várias transições que se estabeleceram em sua poesia, já que lá nela um poeta de muita sócia - do parnasianismo ao modernismo. Isso mostra que o poeta, através de variações de estilo de cada época, buscava a perfeição com a constância da necessidade de renovar não só os padrões técnicos, mas o próprio espírito de sua arte. Isso levou Darcy Flamanense a afirmar que "em sua trajetória o poeta não mudou gênero, mas chega a levá-lo a nova espiritualização". E mesmo circundando-se mais de perto à versão vanguardista, "vista a magistral cultura, a refinada erudição gráfica".

As poesias primeiras resolvem, sem dúvida, lugar de destaque entre aqueles, de seu período, que escreveram antes de 1922, marco inicial do Modernismo - já se haviam libertado do culto da literatura como ciência de vocação -, ligada à literatura romântica da Belle Époque sul-americana e a que se refiou o citado critico em tratado? O Modernismo é tido por suas poesias, que formam um das capitais da sua obra "O Pálio da Agnaliada".

Essas literaturas, segundo José Guilleme Mercíbar, "conscienciam por si mesmas paroxismo ou alienação ou combinação com a sensualidade sibyllina", por "um apagamento generalizado" e que, em resumo, visto Flamanense, como resultaria a visão crítica, entre a publicação de "Os Sertões", de Euclides da Cunha (1902), e a amadurecida de 1922.

Com exceção de "Verdades", publicado em 1922 e inspirado na dor que resultava da saída da maluca, no décimo livro de Du Costa e Silva, "Sangue" (1908), "Zodíaco" (1912) e "Pandora" (1919), visam-se, cronologicamente, aos domínios dessa literatura, mas dila já libertou um certo sentido, pois em apenas alguns poemas ou versos e passou a identificar a existência de uma base, o que era o poeta e sua poesia de sangue, do fundo de si mesmo, que autorizava muito bem o espírito renovador já dominante na Europa das primeiras décadas do século.

Barata, no Brasil, mesmo antes de 1922, nem tanto por tudo o que é novo, no domínio de mitos, da literatura e de religião, das resultados tais grandes evoluções humanas e míticas, como assim Tertuliano de Areia.

Sente Du Costa e Silva, no sentido informal, de poetas como Veríssimo, as "inquietudes" e a "ação da humanidade forte", resveladora da "multiplicidade de um mundo novo", como se diz no poema dedicado a esse poeta. E nela é preciso também encontrar uma aproximação intensa com Guilherme Ajuricaba, a poesia de continuidade e da modernidade - cuja poesia apresenta nuances originais e mentais em contraposição às contundentes revolucionárias.

"Pandora", escrito em 1919, seis anos depois de "Alegória" de Apollinaire, não teria sido se impôs a nosso poeta para dizer os sentimentos do jardim, interno nas "áreas clássicas do quinhentismo e do seiscentismo", ou na tradição grega, para ali encontrar o que

Apollinaire encontrara, no "Le Lacan", "Média et la Vieille femme", do livro "Alegória", inspirado em lendas medievais, como nota Pierre Clements:

Por outro lado, não tem "La Chanson du Mal-Aimé", poema de humor que a noite de encantamento da encantada Antoinette inspirou, estimulada a voar, paixão e tentação de "Vivência", instante não no entimento de frustração, mas no perda de esperança, no incomensurável instante da poesia!

Na实, na obra de Du Costa e Silva, apesar de muitas antíteses, assimiladas na obra de Apollinaire, ou seja, na observação de Clemente, o entrelaçamento de concepções modernistas e arcaicas com "vários e opostos" marcadas pela descontinuidade e pela simultaneidade.

Albino de Costa e Silva, no excelente estudo a que antes nos referimos, observa que em "Pandora" convergem e se interpenetram, em profunda harmonia e rica linguagem que lembram a de Camões, os temas da Grécia mitica e da infância perdida, numa rica similitude do mundo poético e da imortalidade da vida adulta", em que "o poeta come que ensaia as duas idades de menos".

A prosaica da infância nascida na poesia de Du Costa e Silva - a expressão daquela conflito conflitual a que se refere F. Gundolf, em sua obra sobre Goethe, citado por Englekirk Goethe, - traduziu-se, entre o que é corporeal, limitado ao espaço, e o velho clássico. Mas de Gundolf, qualquer que possa ser a forma hereditária desse conflito mental, qualquer que seja a luta entre o racional e o irracional, entre o racional e a essencialidade, entre a solidão das sentidas e o repúdio da alma, entre o ideal e a realidade, o que resulta de semelhanças lata é a dor de viver (...).

Muitos são os poemas de Du Costa e Silva ainda presentes que confirmam intuir que fossem que o poeta, seu precioso aproximamento da terra distante, da sua poesia, recorrendo às imagens de sua infância perdida, era se haja em busca do passado, do rumo de sua alma no consumatório do imaginar que o tempo silhou em blado sombrio. E, daquele que aquela "temerária singularidade do mundo presente e da inexistência da vida adulta", de que fala Albino de Costa e Silva e que representa "a maior identidade de ours do poeta".

Vemos como "Ignata-Dália", do livro "Sonne", "Sob ombro César", de Pandóra", dão-nos a dimensão desse conflito interior, dessa luta da que "lasciva no espaço" for "o todo iluminado", como diz muito bem este quarto do segundo poema mencionado:

Migre da felicidade, delírio na alma,
vejo passar, em vida e morte,
as fugazes vidas da minha infância,
Cores e cores turbinadas pelo vento.

O poema "Sangue" - que poesia que solucionava esse conflito do mundo interior, marcado de angústia, esperança e desesperança que traçava a estrutura de si mesmo, num ato de luta das coisas divididas a distância. E a pura visão de que o poeta "Câncer de Babilônia" - exemplo inflamatório, que sensibiliza e contrasta:

Chão de socalcos, socalcos de eterno.
Nós-mesmos somos de Jardins divinos
O amor e mordiscos no Paraíso
Ao mesmo tempo que me liga ao inferno".

São os incertos caminhos que o poeta ilhou sob a estrutura de um mundo de fantasias e da realidade, ora voltado para a terra da infância, ora entregando-se a vivas imaginações sobre o mistério da vida como

infinita e bela sonata:

ADOLFO A VIDA

E, então, isso é vida: a morte perdida
Sua brutalidade e seu leste, nos temporais?
A flores exuberante, a lagrimas solidida,
Da montanha dos risos e dos aís?

E, então, isso é vida: a morte obcecada
Dias leivos, diasões e Promessas,
Perdidas na colagem do futuro?

E, então, isso é vida: o sonho obcecado
Não é esse o caminho que procura...
Mas sei tudo pelo senor de Deus"

"Zodíaco" marca uma segunda fase, bem diferente da primeira, em que o autor, fugindo de si mesmo, expandindo o seu dor, contempla a natureza em suas diferentes manifestações, dela recolhendo o que lhe serve para identificar o seu amor à Terra, numa demonstração sentimental de todo o que pertence a sua infância, sem as deformações da cultura, para em todos os poetas essa prova de magia da sua infância natal. Amerindo Alida se dispõem a realidade e o milo amaro desse qual é a poeta, seu processo de personificação, volta ao origem grega, concretizando a Natureza e a infância humana. Nas suas versas, o tema relacionado com a Natureza adquire acentos infinitos, como se o homem fosse feito mundo da terra e mundo do céu.

Não só em "Zodíaco", onde a Natureza continua vissosa em "A Quimérica", em "A Derridada", mas também em "Pandora", o elemento mitico ressurge com a sustentabilidade e só nos faz lembrar a dança das Ménades, das "Hesantes" de Eurípedes, na tradição montanharia, dança que "nunca apaga selvageria, mas era uma evasão das fardas e preocupações da civilização para um mundo de bárbaro e luxúria e liberdade das esferas".

O poema "Vertigem" contém elementos expressivos dessas viagens e seu amonto de sonhos de glória:

"Aonde me levas tu, onírico ingenho de glória?"

E nascem os claros clarins da curva

Idiomáticos

Vibrando, a infidelidade feria do azul
Jovem... — ao Zodíaco. Ao Zodíaco

Jovem

O delírio da ascendente domina todo o resto do poeta totalitário em si mesmo e dividido:

E da selva pugão da Natureza, o orgulho
Pá, no florido divino, aquela a morte delirante
— ao Zodíaco. Ao Zodíaco

Faz fadiga do homem e da natureza é uma
mota frequente na poesia de Du Costa e Silva,
a que se alia uma visão de inquietude em face
da vida, num misto de dor, de esperança e de
solidade.

O Destino entra já como um ato de desgraça
e fatalidade da vida, mas verso de
"Verdades", onde "o sentimento da proximidade da morte", no expressivo de Alberto Du Costa e Silva, ainda revive com a mesma eloqüência dos livros anteriores. Em relação a ele poder-se-á dizer o que de Goethe dis-

Oscarl Spindler: "O tempo para Da Costa e Silva não é distâncio, mas sentimento". E o sentimento que o faz "capturricular a terra, o mundo real, o sentido de Amorante, o continuar a ver-se no espelho do Rio Paraisóba", evocando o passado de sua infância e entregando-se a um destino de afirmação do próprio "eu", na luta pela vida.

"A Natureza, que os seus doss reparte,
Porque fez-me fértil, dou-me a vertigem
De lutar e viver em toda parte!"

Voltando ao livro "Verônica", nesse encontro com esse núcleo de ampliação de contextos verbais, temos expresso todo o sentimento de perda e de abandono em face da qual somos levados a refletir sobre o mistério da nossa própria origem de si e mundo. E o que faz em "Memento Homo", reduzindo a existência de homem a nova e simples constatação de validade:

"Por mais que à lei da morte se submette-

Lute e sofra, nem sempre se persuade
De que a sua existência no planeta

Não passa de uma sombra de虚ade,
De um simples grito de prisão
Na impotência
Eis que o tempo destrava a eternidade".

A ampliação das estruturas verbais em que se expressa, nesse livro, tem evidentemente desvelado esse passagem de Alberto da Costa e Silva que, talento do pai, sonhou bem fundo os segredos de seu encanto e interpretou fielmente o sentido de sua arte:

"A ilustração de "Verônica" é limpida, concisa, fluida, direta, certeira. Há menos contemplação realista do que em "Zéduano", ou anelada e lembreada, do que em "Tandara". Da Costa sólida memória, economiza imagens, mas sempre num sentido de aperto, contendo, e de aprofundar, pelo desprendimento. Mas do que mais é um mestre do verso. Ao desaparecer-se, agiu musicalmente cada linha, valoriza as rimas internas e as rimas

sonoras, elencaria a tridemia com palavras miticas e concretas, condensa em cada verso emoções ou significados e dá um sentimento coletivo à sua dura poesia".

Mestre do verso, Da Costa e Silva tem o domínio completo da condutória lírica das suas poesias, fazendo de ilustrações não só um instrumento na arte de comunicar, mas de vivência, de participação, numa combinação de longeza e de ação, de alegria e melancolia, que tornam o conhecimento e a memória.

Bastaria de mim hora o grito pela criação de formas visuais e concretizadas, pela variedade de ritmos entretependos de ambivalências inconscientes de sua arte. Todos os recursos poéticos adoráveis para ilustração são utilizados com a prossecução de sublinhar a vida-pela Arte e de valorizar a Arte através de vida.

Diamante preferido na Cítrica dos Deputados, em sessão especial dedicada ao poeta, no dia 22/11/1984. (CCN-22/11/84).

Visite, em
Campo Maior - PI
o Museu do Couro
e o Monumento
do Jenipapo

cessou da derrota do mal - o que é que é destruir, cuja triste luta, e
muitas com a curva, como se fosse a
profundidade da vida temovada.

A "Quiminha", poema de grande poder
verbal, expressando a resistência contra a alma
destrutiva do homem, a matar e chorar,
desculpa, estatua calada.

Em "O Inverno", quando versos de cara
holada - a sensação de mala natureza
anunciando o mal e o abusivo, em "As
Arvores", anuncia a sede que das sementes e
procissões ou sentenças de amor que as
acompunham; mostra poesia estrita e tortuosa
dura, que canta a alma do poeta - no começo
"O Amor", belo regalo de horticultura
artística, canta os seres, o teia tempo das
esquecidas, a luta das sombras, a des-
despida e saída do caspão.

"Quero o abraço no sentido intelectual...
Ainda não sei o caro, pausadíssimo.
Vencido no sono do caido do vauquero..."

R ecorria, nesses poemas, a balsa sobre o
rio de águas lígeas, a emancipação satis-
fatória e final, que transponha a gente da
mudança terra, no sentido distante.

Se, Presidente e Srs. Senadores, Da Costa e Silva continua, em diferentes momentos, o
louvor, a louvade, "instante e emoções
retiradas" - que tem "a dose de infinito
das palavras e a retórica sôbria das
sentenças" - e o po. Parnálio de seus
versos, de suas frases e de seu inimitável
palavrão.

Louga do Pianuí, em Beira, a encende o
mucimento: Louvam-se da noite, do dia, das
frisoemias dianas do fato do amanhecer, e canta um
dos mais lindos e docíssimos cantos da língua
portuguesa:

Saudade! Olhar do sonho mais evocando.
E o pranto lento deslizando em lágrimas.
Saudade! Amor de muita ternura, e rir
Canigão de amar, e laços soluçando
Notas de júbilo... O canto com frio.
Ao luar, sobre a arvoredo, jazendo.

Ipanema...
E, ao vento, as folhas levadas carregando
A saudade mortal de um sol de outono.
Saudade! Ass de sol do Pensamento!
Cantado visto de caramanchão ao vento...
As mortâllas de neve solte a suor...
Saudade! O Pernambuco - velho moço.
As herbas bravas alongando... E, ao longo
O rugido dos bois da minha terra...

O Senador Pelegrini no aforo, com a saudade
espontânea que hoje sentiu, as festas que
celebração o primário aniversário de
nascimento de Da Costa e Silva, prestava-lhe
meuvida homenagem.

Representante do Povo nesse Caso do
Congresso Nacional, homenageia, em nome
de todos os piauienses, ao magnífico poeta,
o excentracismo do seu talentismo sem defeito,
sentinante e pleno de puras.

Da Costa e Silva continua o maior elogio
do poeta natal e o suor apaziguado do cito
saudade: "ágrios, no mundo infantil, lhe
julgavam o espírito e lhe deram, assim
prêmio, a perenidade de gratidão das
sentenças".

Não posso permanecer inerte. Pois
o verso de Da Costa e Silva, ensina a
prof. José Eduardo Ferreira, "baseia-se justa
a sensibilidade, há sedes e marcos de uma
inexorcável imortalidade e de uma grandiosa
sua linhagem". Os versos que Da Costa e Silva
nos legou, sentença Amândio Filho, continuam a cintilar e constituem glori-
ficação da posteridade.

A Da Costa e Silva, que também era
instante de cada inspiração e canzona os versos
do Hino do Pianuí, a penhor da gratidão dos
piauienses e da profunda homenagem de
todos os brasileiros. Muito bem! Palmas!

SENADOR NELSON CARNEIRO

Não me oculta o caso de repetir Rui Barbosa
quando Manoel Vitorino o saiu em Blahia:
"O primoroso era a unção de quem o
acolheu que o mestre conseguia começar

com a frase que todos conhecemos: "Deus
disse, Sr. Presidente, não sei o nome
principio".

A o encabeçar o plenário Carlos Gaudio
Brancão na Academia Brasileira de Letras, José Nunes afirma que "o Pianuí é
um Estado singular. Em qualquer lugar do
mundo o poder, que responde, se tem pena
longa. Pôr no Pianuí só é resultado pela
presa". E recorda, em louvor da sua
afirmação, o leitado popular que louva
Gabriel Lobo Ferreira por "ceder para o povo
as estradas confundindo os poemas". Patrício
Lima, e com esse vai no Governo do Estado,
no Proclamação da Repúblia"

No entardecer, solitário político de
nosso dia, em que todos procuram eleger
os donos da moeda institucional, em que
uma posição, que não é austeridade, mas
uma posição, que não é austero, é sua
petição transforma este plenário, balançado
pelos discursos partidários, em apreensão
seriata literária, e tal encontro entre os
homens - o Parnálio, agito sozinho de
horas bravas intermináveis... E se apreensão
se credito ainda evocatório, "no longo, o
magistral dos bons", e o valente, mas frio, no
luz, sobre o avesso, quando, silêncio...
Ou "as grandes vidas de convívio ao vento".
Ou, quem sabe, "o Rio cantando de águas
claras, sangrentas... E tanta beleza encanta-
tada no pastoreio seco, que apesar de chover
conquistou-nos entre cores de rosa e turquesa?

A prova de Hélio das Neves é sempre de
presença. Sempre o conterrâneo de
Alcântara de Antônio Francisco da Costa e
Silva a fazia espalhar essa tribuna, um
pombo de prata que desce em esvoa-
do. E, em um instante, desconfiada, a encolher,
a apertar o seu alforje a sete chaves, para
socorrer o velho que, não, no suspeito
entrelaçado possa morrer de um tumor.

Maria Antonieta, sócio Pianuí mesmo em
Da Costa e Silva, nos dias distantes da
juventude, Cristalina, em um amarelo
caminhão diário, por nome de duas clementinas,
com Antônio de Britto, o melhor dos locutorios
que conheci. E se estabilizou através da vida
política, em acuidade de muitas ligas que
nossas ilícitas devotas representavam no
Estado no Congresso Nacional. E para não
citar a tantas, destaque nossa emplacada
apena e alegria que nos ligou, ainda, um
militando que amava aquela, a Priscila
Portella. Assim se juntaram sua desigual
e velha idade, sua desmemória de sempre e
cavalaria jovem, a dogera de seu espírito
corajoso, as conversas nas caladas almoçadas
nas caladas, que expandiu o calor das nossas
quentes; a paixão pelos bons livros, reunidos
na sua pagoda Casa de Laranjo Pianuí, hoje
com a elevada presidência de Antônio Francisco
Filho, e pela qual passou, deixando um
estilo humano - e referi alguns dos que
atreviam-se a combinar este mundo - os
Pianuenses, o Ribeiro, Gonçalves, Matos
Oliveira, Odílio Costa Filho, Pires Henrique e
Cristino Gaudio Brancão, que em "Homenagem
que homenageia" afirma haver nascido o
sócio maior que "pôs de imprevedível
o sonho maior que o "piano de imprensa", o
sonho, dos idosos, de engrango de Da Costa

P ergunta-me o V. Exa. Sr. Presidente,
por que arrisca a junta minha palavra
devoção à memória, creio que, a
memória acaba de apelar. As vezes é necessá-
rio ouvir. E tuas. Compreendo destas.

Piamente ampara a escrita centenária
nossa saudade. Para ter mais credo, não me é
mais de uso, porque Da Costa e Silva para os
intímos, nasceu a 23 de novembro de 1863. Foi
na Ilha das Flores, como a compreendi de lá
a maré a 23 de junho de 1945, no Rio de
Janeiro, olhar entre rosas e espíritos, que
esse mar que gerou e juntou seu caminho
e reservou sua glória. Na infância, contam
seus biógrafos, piava bandoleira para festas
religiosas e ocupava longas noite capelas e
sustentava. Ao desceram suas pululava ante
primeiros poemas na revista do Grêmio
Literário Amarandense. Em 1908, na
Faculdade de Direito do Recife, lançava seu
primeiro volume de poesias, Sangue. São
poemas de amor, de saudade, de riso e de
morte. Passeou de Augusto dos Anjos, que o

publicaria seu livro seis anos depois, os versos
de Irmão Eterno, que terminou:

"Tremia feliz dos esquelitos
Nós, sorriendo, formámos-lhe danças
Dentro das muralhas bagabices e pretas...
Rides, vidas ministras, aguentavam...
Pois os rios riem e melhão de todos...
E o céu escancarado das encinas."

Mas Da Costa e Silva não era de "dente de
lince das maiores quando do Carnaval da
Morte e do Mistério". Seu mundo é outro, ao
menos no começo da juventude, na agressão
conquistar de Augusto Rodrigues, Cristiano
Carlos, Díaz Fernandes e Astolfo
Chaves, quando quadra de vida, o
que corre em suas veias é "o vinho ideal do Seti-
mamento", que assim evoca:

"Por sobre as águas claras, manejando
dois ou três dedos e roncos,
ficava extinto de expectativa.
Dois ou três dias da meu estudo.
Saudade de aventura que despediu.
Na roça para das águas manejava...
Vaihava-me da Embaixada Aliada de
Costa e Silva."

"Na época de Sampaio, Da Costa moeuva
uma república, no Recife, num carrozão
de Pianuí e de Maranhão, entre os quais
Justino Ribeiro, que usava longas barbas. Como
as palavras ficassem rotuladas e não o desejasse dormir,
a poesia, a rota, farta da noite,
despertou, furiosa, e gritou de sua voz:

"Desvanece, pragas, desfaz-me,
que já não tenho mais sangue.
Ia pra barba do Jayme.
Endureço o ferme se sangue". (III-6)

D ai por diante foi todo uma saga, mercenária
da velha pecaminosa em funâmbulo
político, vencendo distinções e perde-
ções, ora em Minas, ora no Maranhão, agora
em São Paulo, agora em Manaus, ou em
Porto Alegre, ou no Rio de Janeiro, a saudade
afetiva e admirativa. A lírica, que só prospere
chirrige "santos irado e festejado cubano
coração de saudade e de riso" - não o
impedia de amar e ser amado, mas tornava um
oculto para a curiosa diplomática. Ele
fazia - e sólido no depoimento de seu filho
ídeo - "madrinha clamor Da Costa e Silva", e
quem se conhecia de mundo e de verso, para
um diaresis alinhado era que saudava e
condolava a diplomacia. A diplomacia, diss-
me a poeta - "Vou a um banho de talento
para a dança das fligas e preceus possuidos".
Mas não para a diplomacia, porque
nada fico". Contava-me Zevallos que o Barão
quando ambos integravam a Missão, se
comendava-lhe piadas e azedias, pose
polares, que a las Rosas Estremecem.
Esse, não tinha como maior com todas a
despesa no estrangeiro. Os tempos passaram
grande a Deus. Não sei se o humor
continua deslumbrado seu diplomata pel
apurose, a crise, a saudade, o que já não é
disponível por não poderem supostar, a
excluindo os escuros de representação.

Aventurare-me a dizer, no punto das justi-
camente homenageadas com que o mundo literário
brasileiro recorda os seus anos de Da Costa
e Silva, e que hoje se inicia sua etapa
Gauss, que ultimou de amar, tem de todos e
pontas, em todos os continentes e em todos
os versos, a mais constante preservar na poesia e
no piamente, missa que o Rio e mais que
morto, é a saudade, ou seja, a vida que se
parte, a vida que continua viva. Ele pro-
vou.

"Eu vim um mundo para ter saudade..."
O mundo ocupado pelo comitê de Da Costa
e Silva. E durante um ano todo o Rio
recordou aquele poeta feio que escreveu
alguma das mais lindas versos da língua pu-
bliana. E sólho que constituiu a funda
sensibilização das que viveiram nesse e os out-
ros tempos que hão de vir.

Discurso pronunciado no Senado
Federal em sessão especial - 198

— Homenagem do Congresso — III

Telurismo e Ecologia na obra poética de Da Costa e Silva

Wall Ferraz

Diretor da Fórum LPI

"Zoando em um-mun, tangalho, o seu
Tremor resume

Koda, tristeza suas..."

em A Menina:

"Ricou-nos rincapidesas rígidas-suspiradas
E erguidas e tangendo..."

Alela O Cacauju:

"Leyla é fezida à sombra e mistura de roxo,
Bois-fusio-blázaro...
Conduz rolando o corpo a curva esmeralda em
Cachorro, em contágio que suscita o amor."

SANGUE - declara José Emílio Façanha Costa Filho em resumo artigo publicado no JORNAL DE BRASÍLLIA: "foi escrita, em grande parte, em Treviño, onde o poeta chegou aos 13 anos de idade, para cometer a projeção de sua tradição tradicional URGENTE-PATRIARCA".

"Sangue" - o Juiz Eraldo Endelo Costa afirma - diz - desde logo - sua cultura, apesar de aberto e conscientemente profético da litigiosa... Cita Edgardo Allan Pöhl e Dante Alighieri, revela, de acordo com a opinião dos criticos, influência de Cruz e Souza, Antero de Quental, Verlaine, François Jammes, Amédée Noës, Gaudio Verde e Mallarmé, e provoca sua refigmização de sangue".

“... como um poeta que independe das escolas. Não se prendia a convenções, não se contentava com limites alheios”.

No resumo critico publicado na revista MECUDIANO, já referido acima, seu autor afirma a evolução poética do autoraptino. Em ZODIACO, “ilustrado e artista”, Pasquale o Professor Clemente Tortes:

“O poder de expressão do poeta aumenta, sensivelmente. Não mais se repetem os erros da SANGUE”.

Com PANDORA de 1919, segundo o critico artigo citado, o poeta se liberta dos principios da secula moralista, afirmando a liberdade tradicional, segundo dali, e “sentindo tremor do verso” que comeca a admirar de Tristão de Athayde. A partir de então começa a modificar suas duas suas possibilidades, apurando-as. Vê-se assim tanto do realista conhecer suas limitações, que aumenta cada vez SANGUE.

“Notas de justificativa: O raboce com fogo
ao falar sobre carnecendo, plantado,
E a noite, as folhas lividas custando
A saudade infeliz de nascido de estio”.

Posteriormente, ficaram assim:

“Notas de justificativa: O cubore com fogo,
Ao falar sobre carnecendo, plantado,
Foi-certo, as folhas lividas custando
A saudade inusitada de nascido de estio”.

A resenha de VERÔNICA que veio a falar em 1927, CLEMENTE TORRES destaca que:

“... se põe a alegria paga de barro
antigo, grada em profundidade de pensamento”.

Assentando:

“... que escrevem para este livro tem gosto de «criação definitiva». Ia não se corrigir mais, não evoluindo mais, como era tanto «raro» que entusiasmou nos primeiros volumes, acidentandamente no SANGUE”.

Mas o que preocupa desse lado da poesia, da sua obra hermidiana, é esse aspecto que me parece fundamental e marca sua inspiração poetica direto o inicio, o teñorismo das suas versos. Ele se manifesta na sonoridade da letra, na frustação que é a sua Parfumaria, no círculo incômodo do poesia genitrix e feminina.

Em nota a Zamangálio de Fretes, o professor Da Costa e Silva acredita:

“A nostalgie de muitas vezes rememorando essa vez, assim fraca da rosa. E temos a ideia de se vê-lo com a conta de Arquit: experimentar a vista no estúdio do Rio, penetrar os pulsos nos effluvios da mata e sentir, a mão com encanto, o magis das rosas”.

O sentimento relativo da poesia plasmado, ultimamente, em ZODIACO, obra de 1919, monumental por ser um livro sem nenhuma, ainda, satisfação de amor.

Em ZODIACO, porém, «sabore transbordante e amar pela natureza». Ali o poeta avanza, supera-se a si mesmo, e se transforma em um lobo ecologico, o que dá carice da maior simplicidade ao poeta.

Sobre essa obra escreve o filho do poeta, Alberto da Costa e Silva:

“Com ZÓTHACO compreia-se um anhí, desse projeto. Compôs-nos prevavelmente entre 1909 e 1915, em uma tentativa de escrever um único poema sobre a máquina da natureza. Desenvolva dos sonhos pinheiros de SANGUE e derivada da doença de Da Costa e Silva de trazer para juiz de si, na distância e no exílio, os pinheiros, os fenômenos naturais, e os tribunais dos homens de sua terra natal”.

Costeiro, em ZÓTHACO, uma velha pameita Deia relata a pequena humanidade à magnitude da natureza. Mais que isso, observam os acompanhantes de que o homem não é um elemento isolado no universo, mas se relaciona com tudo a flora e fauna. E esse perspectiva ontológica que impõe opção a humanidade se dá conta, que a poesia de Da Costa e Silva atinge o fim da o cubo de pertinência - sentimento presente, assim, vivo.

Nas ilhas as enigmas do rio Parmaíba, a ritmo de prece para sempre, simula que na infância. Não solitária o rio sente-se a sua poesia. E permanece lequeada, como outras fontes do discurso - o arco materno - que, às vezes, se lachim. Matar comigo assim:

“Das lagrimas de meu berço...”

“Na céleste montanha fundida, simula - observa a flor das duas fontes.”

Saudade! Olhar de minha mãe rezando
E o pronto beijo deslizando em fio...
Saudade! Amor de minha terra... a ele
Cantigas de aguas claras - soluçando”.

Essa montanha de sentimentos, em verso de mim, no estúdio de Clementino Fortes.

“Ora se restaura na memória do poeta, o passado completo da infância, ora esfumando-o-lhe o costume, deixa o rio como imagem sócio-viajante que expressa quase todos os sentimentos do poeta”.

E o rio Parmaíba, assim é:

“Rio da minha terra, ungido de tristezas,
Refletindo o meu ser a flor nôzela das páginas”.

O mesmo rio está presente em Fluminense Amor:

“O rio ideal do sentimento.
Que sinto flor nas muitas vidas.
Vive num doce inaudito.
Encontro as mãos e os sorrisos.
Cantam no sol, quando as chamas
Do rio ideal do sentimento”.

Volta a nyarere em Flor Dourada:

“Foi angustiada pululou constrija.
Lembra dor, tensão e saudade.
- Minha, se viva, falso e natural.
Do rio ressuscitou da nostalgia”.

“A tônica telúrica da poesia de Da Costa e Silva se reflete ainda na nostalgia que lhe desperta a terra berço, Amarante.”

Em Terra dourada, em como só o poeta a cabreia lheira da amaral:

“Lembra meus, fortunas, adormecidas,
Presas aos sonhos, entregue aos pesadelos,
uma cidade fulgurante, construída
Pois sobre o rio da minha terra caldeia”.

E tal a paixão do poeta pelo rio, que se confunde com ele mesmo. E o que se vê em O Pernambuco:

“Eu sou tal o Pernambuco este
Dentro em meu ser uma tristeza intacta,
Igual, talvez, a que o rio avulta.
As reflexões assombram, tua muta...”

Percebe-se que o rio tem saudade:
Como eu, que também em seu decaimento.
Saudade e triste em plena mocidade”.

O poeta também se liga em A Moenda:

“Moenda pelos baixos tardos e sombrios...”

e em o Abrevo:

“A moenda descrepando, os botados
Vêm chegando aos enigmas para a ferro.
Em surradas num tropel de guerra,
Nuvens de pôs formando nas estrelas...”

Mas uma vez chegarão de repente:
No crepúsculo fogoso e mais ligado
Pergaminhando ou correr, intransigente,

Querido e alijado no vento intransigente...
Volto a vir ao crecer, passado e vindo,
Vencido em um sonho dentro do sonho...”

Insistindo na memória de mim, os sonhos me levam Rio das Cataras:

“Quandinho a ver, desde o seu nascente,
Num riacho de ramos, um ribeirão de urubus
Ao sol - lenha no vento todo oceano de
Acarajé - rochas de fuz com vibrilhos de
[poeta]”

Complemento indispensável de Rio, não pode ser esquecida pelo poeta:

“E rio abacaxi, sobre as aguas claras,
A superfície morna da ondulação,
Deve ser um embriogro de turas...”

“E a baixa - a leve habitação flutuante,
Simples e lona, que transporta a gente
Da minha terra, ou certa diante...”

Que dirá a poesia ambulante da amaral a que se refere o rio que tanto amou, e tanto o inspirou?

Que dirá a poesia ambulante que o velho moendo já não mais clama as barbas brancas?

Qual seria a resolução do poeta se voltasse visto que a lenta habitação flutuante, simples, lona, com amaca de sino, não transporta gente destruída terra, ou certa diante?

A visão que o poeta vênto vira Pernambuco, seria o pensamento de estado ali confirmado em:

Talvez, resignadamente, reconhecesse o rio não mais velado em sorribos e cascalhos, nem male aguadas rugem como um toro, assim sono-de, o que havia morrido a sibila que cantava:

“Ao enigma das intermináveis homenagens se prestam ao poeta Da Costa e Silva, o conteúdo de seu sentimento, que autoridades, lhe prestam a homenagem maior e respeito de que não profundamente a inspiração do este o vai qual tanto se identificou, reflectindo também na margem da Pernambuco, a qual quase nunca tem vida, desejando ser eu vida sua arvore que murmurava”.

O belo Hino do Pianuí, letra da amaral Da Costa e Silva, e sua confissão da amaral, a morte e as águas:

“A esperança nos serões das matas,
A saudade nas serras soturnas;
Pianuí, terra querida,
Ilha do sol do Equador;
Pernambuco é a nossa cida;
Nossa amaral, nosso amor! |
As águas do Pernambuco”

Rio abacaxi, rincão,
Equilíbrio polo - certo
E levem pelas queridas,
Deserto de exaltando”

Uma realação à natureza, onde se junta obliterismo e ecologia.

O destaque do natural - Árvores, terra - sobre rochas são importantes também um grito de alerta pela preservação contra os danos que poderiam provocar a natureza não só defensivos, integrando não conservada.

“Obras presidente na Câmara dos Deputados em sessão - PIBI”

— Homenagem do Congresso — IV

José Luiz Maia

Deputado Federal PT

Memória profissional da Câmara dos Deputados em sessão especial - 1980.

O Governo do Piauí, por sua Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, numa viva demonstração de abnegado trabalho em prol da valorização de nossa tradição literária, oficializou, no dia 23 de novembro último, em todo o Estado, o início das comemorações alusivas ao centenário de nascimento do poeta Da Costa e Silva.

Hegularam-se, em Teresina, importantes eventos: abertura solene do "Ano Da Costa e Silva", pelo Exmo Sr. Secretário Jesualdo Cavalcante Barros; conferência proferida pelo crítico José Guilherme Merquior e pelo Embaixador Alberto Coza e Silva, filho do poeta, além do cumprimento de extensa programação cultural na cidade de Amarante, terra do homenageado.

A oportunidade iniciativa do Governo, de reverenciar o seu poeta maior, tem despertado na comunidade intelectual piauiense não só o interesse de divulgar a obra poética de Da Costa e Silva mas também o de estudá-la seriamente, através da execução de projetos de pesquisa, com o apoio da Universidade Federal do Piauí, da Academia Piauiense de Letras, Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo e de outras representativas instituições do Estado.

Assim, ao mesmo tempo em que

prestamos homenagem ao poeta criador do "velho monge", com a divulgação de sua obra, estamos também contribuindo para ressaltar a importância literária de seu autor, cujo trabalho, em nível nacional, é quase relegado ao esquecimento por grande parte da crítica especializada.

Não venha como deixar de reconhecer o papel exercido por Da Costa e Silva no cenário poético brasileiro, ao produzir uma obra de transição entre os estilos de reflexo parnasiano/simbolista e o moderno. Dessa forma, no tempo em que surgiu uma temática galopághica, impregnada de acentus da rota lírico-saudosa, o faz também numa linguagem inovadora e experimental, caracterizada sobretudo no uso intenso do verso fluente, imaginativo, com efeitos sonoros magistralmente elaborados, como o atestam os versos do poema "O Sapo":

"Feio e fátil a fregir de grande
gordo e guapo
Redondo e humilde a mehar de
empália e acinoz orgulho
Vicosa de vaidade, entronizado no
estúdio
Gosta na solidão, vira e
torna o sapo".

Do livro "Sangue", estréia literária do poeta, em 1908, colhemos lindas que nos devolvem conceitos pertinentes

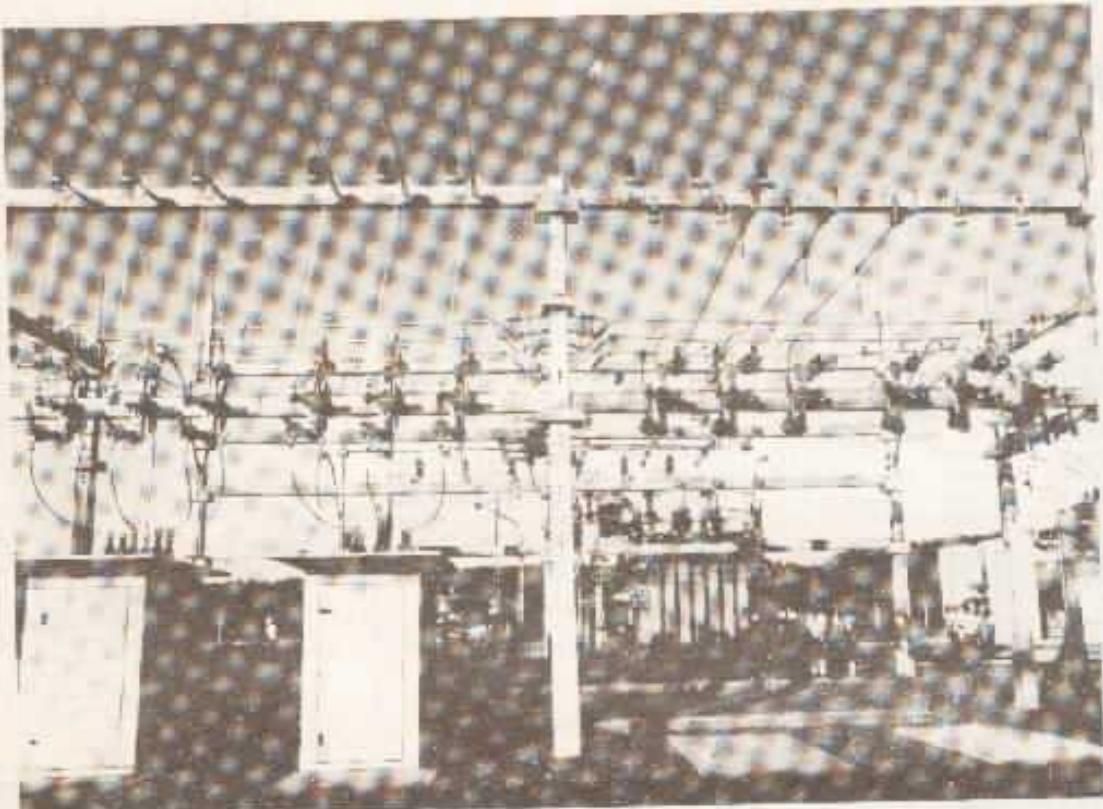


nos temas universais que presidem à vida do homem: a solidão, o infarto, o amor, a contrapropaganda, a saudade. Nove anos após, surge "Zodíaco", revelando poeticamente a nossa natureza agreste, rântico de louvar à fauna e à flora brasileiras. O poema elegíaco "Verhacré", de 1917, inspirado no trágico desaparecimento do poeta belga Emile Verhacré, é o mais autêntico testemunho de Da Costa e Silva sobre o destino do homem moderno, irremediavelmente vilano da própria máquina por ele inventada. O livro seguinte, "Pandura", traz o germe de seu canto inovador, que vai influenciar poetas de outras gerações. A partir de 1923, o poeta começo a talvez o ponto alto de seu trabalho artístico, embora abra espaço em sua obra para também expressar, no livro "Verônica", a poética do luto e da melancolia: a figura da amada morta, obsessão na poesia simbolista. Finalmente, em "Alhambra" vemos a presença de um poeta consciente da época transformadora e revolucionária dos velhos moldes poéticos.

Inicialmente, Sr. Presidente, Sra. Deputada, a enfermidade o abençoa jovem, destruindo o seu poder de criação literária, confinando-o até a morte, conforme palavras de seu filho Alberto, "ao salvo de si mesmo".

Ela poi, em síntese, a nossa impressão de leitor sobre aquela que também representa, no Brasil, o que há de mais significativo e belo na poesia.

Fiz essa modesta homenagem àquele que é hoje motivo da mais alta reverência que um governante e a comunidade piauiense prestam a um poeta de sua terra.



Subestação Marambaia

*26 mil KVA
Obra de grande porte
construída pela CEPISA*



Apoio decisivo do Governo Hugo Napoleão aos grandes e pequenos produtores industriais e agrícolas.

Gerais

Em 1919, Da Costa nos dá *Pandora*.

Éis o espírito grego. O autor de *Primeros Estudos* assim critica o livro: "Ao poeta do Zodíaco a Gécia ensinou o caminho da Beleza, para que a procurasse em si mesma". Não é dizer tudo? Há mais: "Da Costa e Silva é um poeta simples e espontâneo que, amando a Beleza e conhecendo os segredos do verso, sabe ser risonho ou evocador". Para logo acrescentar: "Lirismo e sensualismo ve bem que temperados pela sua alta visão do artista dão ao poeta uma ressonância humana, que ele deixa expandir-se. Nunca, porém, perde o equilíbrio. O livro é de uma sobriedade de verdadeira arte. Apenas em quatro sonetos *O Eterno Círculo*, se desvenda a filosofia do poeta, não de dúvida, senão de afirmação. O amor é a essência do mundo".

Da Costa e Silva, conciliou Tristão do Ataíde, é um verdadeiro técnico de veras e da inspiração desejada e realizada. "A técnica segura dá-lhe ao livro uma harmonia sólida, feita de verdade e Beleza. Veintes que Da Costa e Silva é um verdadeiro poeta, de técnica segura, inspiração discreta, gosto". São velhas palavras de 14 de agosto de 1919, dois meses depois da estréia do crítico. A infância e a Grécia mitica se entrelaçam em *Pandora*. João Ribeiro vibrou com os sonetos gregos, os de Eleusis.

Em Belo Horizonte, Da Costa ligou-se a um grupo de jovens, que estimulava — Carlos Drummond, Abgar Renault, Aníbal Machado, Emílio Moura, Mário Casasanta. Foi amigo de Francisco Campos. Drummond o evoca em 1954 num dos programas de *Quase Memória*, na Rádio Ministério da Educação, com Lia Cavaleanti. O poeta gostava então dos sonetos de Abgar Renault.

Vívio, triste, publica no Rio em 1927, *Verônica*, o livro da sua terrível, dolorosa viúvez. O poeta deixou a nüezza, a vida exterior, os sons do mundo, para falar do sofrimento e da morte. Chora. Medita. O grande lírico se torna aqui elegíaco. Onde está a terra? Onde está o rio? Onde está o serfim de Amarante? Onde está o

DA COSTA E SILVA

mundo da infância? O poeta está só. O poeta viu a morte. Mas, como observa muito bem Da Costa e Silva (o filho), *Verônica* não é um livro sombrio. Mas um canto. O poeta canta a morte. Canta a solidão. O livro é, assim, uma elegia luminosa. Linguagem "limpida, concisa e fluida".

Sabe dar, especialmente, um sentido coletivo ao seu sofrimento pessoal, como percebeu Alberto Da Costa e Silva, no belo estudo crítico que preparou para a edição das *Poemas Completas* a sair breve. O grande vate chega à plenitude de si mesmo Viverá, agora, o denso período final, antes da enfermidade. Em abril de 1927, é-lhe Delegado Fiscal do Tesouro no Amazonas. Publica em Manaus os primeiros poemas modernistas. Será sempre um poeta em evolução, um poeta experimental. Casou-se pela segunda vez com Creusa Fontenelle de Vasconcelos, filha de um homem de negócios cearense.

Em setembro de 1929, vai para Porto Alegre e assume em outubro a Delegacia Fiscal do Tesouro no Rio Grande. Faz amizade com Andrade Queiroz e dirige com ele o suplemento do *Diário de Notícias*. Convive com escritores novos, Augusto Meyer, Atos Damasceno, Teodomiro Testos, Viana Moog, Vargas Neto. Mantém-se alheio à Revolução de 1930 e se transfere para São Paulo em 1931. Não se dá bem. Já no começo de 1932, ferido, magoado, vem para o Rio. Ao sair em 1934 a *Antologia*, que devem ter a dedicatória de Clómenes Campos, o poeta já estava doente.

Fechar-se o ciclo do seu destino. Pleafaria 18 anos em silêncio, tocado pela melancolia. Não escreve mais poemas. Freiou-se em si mesmo. Quase não saiu de casa. Getúlio Vargas sempre o apoiou e lhe exprimiu a sua fraterna solidariedade. Não quis aposentá-lo. Colocou-o à disposição da Presidência da República, onde esteve até 1945. Então, foi aposentado. Morreria menos de cinco anos depois...

Foi um funcionário modelar. Apesar de seu a família, os poemas, os amigos, que lhe ficaram fieis. Escreveu crônicas e artigos de crítica para jornais e revistas do

Belo, do Rio, de Minas, de São Luis, de Mariana, de Porto Alegre. Colaborou ininterruptamente no *Correio da Manhã*, *O Malho*, *A Ilustração Brasileira*, *O Diário de Minas*, *O Estado do Amazonas*, *O Diário de Notícias*, de Porto Alegre. Esse imenso material literário está inédito. Alberto Da Costa e Silva salienta os estudos sobre José Aluísio, Felipe d'Oliveira e Augusto Meyer.

Na edição de 1950, das *Poetas Completas*, organizada pelo filho poeta, há uma série de poemas sob o título de *Alhambra*, com os publicados entre 1923 e 1931. Ali, estão os poemas modernistas de Da Costa e Silva. Ferido por Apolo, como Holderlin, ainda lá em voz alta Cesário, Nobre, Antero, Bandeirante, Mallarmé, Verlaine, Verhueren, Novais, Cruz e Sozzi, Alphonse. "Morrei em mim o sábio que cantava...", disse ele em 1940. Em 1950, saia a edição das suas *Poemas Completas*, Sanguine, Zodíaco, Pandora, Verônica, Alhambra, os poemas sonoros em que se condensou a sua produção ao longo de 30 anos.

Agora, Alberto Da Costa e Silva nos promete uma edição das *Poemas*, para celebrar os 25 anos da morte do poeta. João Ribeiro nos chama a atenção para os sonetos dele à maneira de Dom Francisco Manuel de Melo e para os vilancetes ao modo do século XVI. Férias em *Pandora*. João Ribeiro nos afirma que os vilancetes mostram "novo aspecto do antigo Lirismo e como é possível rejuvenescê-lo, quando esse renascimento dispõe de talento e da graça de verdadeiro poeta".

Num dos últimos poemas, *O Carrossel Fantasma*, volta aos velhos tempos do Rio Parnalha e da cidade de Amarante, num impeto de coerência. Poeta foi da sua terra e do seu rio.

Transcrito do Caderno B do Jornal do Brasil de 28-06-75

Visite em Oeiras-PI,
o Museu de Arte Sacra

Excertos da conferência
de José Guilherme
Merquior, pronunciada
na abertura do
Centenário Da Costa
e Silva, em Teresina

Gostaria de destacar os seguintes pontos na nossa "Belle Epoque". Da Costa e Silva representou um papel muito de maior relevo. Estou chocado de nossa Belle Epoque um clima de uma atmosfera cultural que tornava possível, no caso específico da história cultural brasileira, não evidentemente, como na Europa, com o inicio da I Guerra Mundial. A nossa Belle Epoque, como sabem, vai até 1930, no mínimo. Nela se situa todo o obra de Da Costa e Silva, pois que seu filho nos informa que pelas alturas de 1931 ele já teria deixado de escrever e teria partido para aquele longo exílio de si mesmo, para repetir ainda aqui uma bela e pujante expressão de Alberto.

Nessa nossa Belle Epoque, que, a exemplo da Belle Epoque europeia, engendrou ou comportou a emergência de vanguardas, isso é, de movimentos revolucionários em literatura e nas artes, eu diria três grandes poetas, recorrendo a três termos um tanto pedantes de Ezra Pound: logopéia, melopéia, famópeia. Logopéia, para simplificar, seria a ciência dos enunciados, o mundo do pensamento em poesia, seria o conceito na sua expressão poetizada. Melopéia não precisa de definição. Evidentemente se refere ao aspecto musical, à dimensão musical do fenômeno poético. E, finalmente, famópeia significa o poder de presentificação (e não apenas apresentação), isto é, o fenômeno pelo qual a poesia se verteira em imagens não só intidas, mas, sobretudo, potentes, abrindo poderosas na sua tradição conotativa.

Ora, o que eu convidei os senhores a escutarem, como hipótese de trabalho, é que, entre Os Sertões e 1930, houve poetas que encarnam, respectivamente, momentos estelares desses 3 dimensões. Eu diria que o mestre da nossa logopéia, nesse período, foi Augusto dos Anjos. Diria que o grande artífice da nossa melopéia, nesse período, foi José Alvaro. E diria que o maior mestre da nossa famópeia, nesse período, foi, muito provavelmente, Da Costa e Silva.

Poucos poetas pré-modernos, depois de Alphonso Guimarães (poeta de especial devoção, como sabem, de Da Costa e Silva), são tão excepcionais quanto, em média, é Da Costa e Silva. Ele é um grande músico do verso e não apenas um grande autor de imagens poéticas. E a combinação desses dois fatores faz dele, entre os nossos tritubos, o detentor de um equilíbrio poético realmente excepc-

Indicações para o estudo de Da Costa e Silva

cional. Ao lado de Augusto dos Anjos, Da Costa e Silva faz uma figura de quase clássico, faz francamente uma figura de vocação harmônica. Ele é um mestre tempo, sem sombra de dúvida, um dos grandes mestres do decaduismo e em particular do soneto, que é, na nossa língua e na cultura poética das línguas latinas em geral, a expressão principal do decaduismo. As "cenas" como Alberto de Oliveira, ele era uma simba, brevemente alaudineada (estou pensando em certos sonetos da matrícula, em particular). Mas, enquanto em Alberto de Oliveira, esse alaudineamento da simba é uma constante estatística, em Da Costa e Silva isso parece antes uma proeza, com que ele quisesse demonstrar, ainda uma vez, a sua dureza em formas difíceis, em gêneros poéticos e formas poéticas que apresentam particular dificuldade, sem transformar em tédio essa dificuldade verbal e rítmica num princípio artístico. Aqui eu me lembro de uma poesia opulenta do ponto de vista de imagens e de mistérios, como era de Barbosa Dálio, da qual há vários simulacros na obra de Da Costa e Silva (aliás ele o cita e chega mesmo a terminar um dos seus livros, *Alhambra*, com um poema no qual o último verso tembra irremutavelmente o conceito final talvez o mais famoso poema de Dálio).

Vou provavelmente se lembrar desse cumprido de vez:

Lembrar assim, formosa,
adornada.

Preso dos sonhos e entregue aos
pesadelos.

Uma cidade fulgida construída
Sobre os rios de ouro das cabedais.

Esse nível da eficiácia poética dentro dessa fluidez musical poderia ser muito bem o ideal da poética simbolista - mas isso não significa que esse ideal fosse entidamente atingido. Já em Da Costa e Silva o volume de realizações poéticas desequilibrado é muito grande. Da mesma forma, eu lembraria, apenas a título de lembrança ultra-rápida, a sua alusão ao "rio roxo-azul da nostalgia". Não é só por que o poeta deu ao Brasil o mais famoso poema sobre a saudade, o poema-título sobre a saudade, o poema que nesse sentido ficou vinculado na memória popular tanto quanto a famosa canção Gonçalvina.

Todos sabem que o Sangue, ele passa em 1917 a Zodíaco, a turna espécie de incorporação da poesia da natureza a sua obra. Essa poesia da natureza suporta a comparação com alguns dos nossos maiores poetas anteriores que sobre a natureza versaram, e em particular estou pensando na poesia da natureza em Castro Alves. A diferença dos poemas publicacionais (digiram assim) de Da Costa e Silva é que a sua poesia da natureza - não Josefa ele de um simbolista - era mais subjetiva do que a poesia da natureza de em Castro Alves. Gostaria também de lembrar, sempre a título assim óptico, o que não fosse paradoxo, em spans que chamaria de "cessa azorin" na obra de Da Costa e Silva. Isto é, os poemas dedicados à mulher, ou melhor, a saudade. Ila expõe que ele perdeu estes no tocante, evidentemente, aos poemas da segunda parte de Verbo.

Mais vamos deixar de lado agora esse relâmpago lógico, para dizer alguma coisa sobre uma dimensão final da sua poesia, que me parece crucialmente importante: seus poemas sobre temas morais. Ele mesmo diz, a cerca altria da sua obra, quando se avizinha da fina da sua obra conhecida: "irmelina espelhe do mundo". Quero, a esse respeito, lembrar apenas dois poemas que poria em qualquer antologia que em fizesse ou realizasse hoje sobre a nossa poesia no período. De um só quero citar um quarto:

Feliz daquela que os seus atos

pauta
Dentro das doms da vida que o
rodeia,
E acha o leito marco e a més
lauta
Na indiferença da fortuna alheia.

Mas, tão bonito e tão sábio quanto
ele é o "Vanitas Vanitatum":

Não fujas ao destino, nem te
afastes.

Da rota que te foi traçada um dia
Que a vida te surprezas e
contrastes

Tem de ser fatalmente o que será

O tempo, inutilmente, não nos
gastes
Em rumo oposto à estrela que
te guia;
Mas segue em tudo o verbo do
Eclesiastes,
Profundo e amargo de sabedoria

Não te aloites de encontrar a
própria sorte.
Porque, sendo imutáveis, são
eternas

As leis da vida como as leis da morte;

E, se as tuas vaidades tanto externas,
Não pensas que, sendo homem,
não és forte
E que, sendo mortal, não te governas.

Trata-se certamente de uma das determinações da missão moral de Da Costa e Silva, um aspecto que encontra em geral menos versão, nem desenvolvido nas análises que tenho visto da sua poesia, ao passo que os aspectos técnicos se esmeraram tratados com grande garbo por críticos como Darcy Dumaçoço.

Costaria de concluir essas indicações com algo de bem geral. Se dissemos que situar a obra de Da Costa e Silva é da mesma duplique que com ele pontificaram na nossa poesia da Belle Epoque, me perguntarão não chegariam à conclusão de que um fenômeno muito importante, um aspecto central da poesia dessa época, era o ser uma poesia calha mas em estilo marcadamente oral.

Explique. Quero dizer que essa poesia, sendo, evidentemente, muito culta, a ponto de às vezes frequentar o zero, ou a forma difícil, ou o vocabulário humorístico, tinha certa dimensão de oralidade como que incorporada à sua própria natureza íntima. O que eu quero assimilar é essa combinação de uma poesia que não é popular na sua forma, porque é, evidentemente, culta, e não obstante incorpora um elemento de oralidade que é exatamente o elemento que vai permitir aquela intensa comunicatividade imediata que esse poeta, um Bilac, um Da Costa e Silva, conseguiram ter e manter, de tal forma a se fazerem calhas, a serem deslumbrados, a serem guardados na memória de quantos conheciam a amazônica poesia no Brasil. Essa questão é que eu quero deixar sob a forma de uma pergunta com todas vocês, com todos os que continuam a examinar a obra de Da Costa e Silva por todo esse ano, porque ela me parece suscitar um problema de história literária ou de história da cultura.

Tudo talvez tenha a ver com certas raízes sociais. Essa literatura eram muito cultos. Como Roger Bastide, com o olhar do estrangeiro, soube perceber, quando um Bilac ou um Cruz e Souza se davam a poesias difíceis, ou Bilac se dava as equivalentes de poesia difícil, deles na prima, quando essa gente toda, quando Euclides, escrevia difícil ou fazia versos em compunha parágrafos em prosa que evidentemente brilhavam de cultos, esplendiam no seu ser culto, essa gente como que se dava títulos de nobreza, como que se dava um certo status nobiliárquico, numa sociedade em que, sondando os pequenos burgueses, ascendiam pela literatura, ascendiam pelas letras, às vezes, às culminâncias da vida literária e cultural do país (como foi o caso de Machado). Tudo se passava como se essas pessoas de ordem literária e verbal fossem titulares de nobreza da parte de quem não se possia na sua origem social.

A tese é interessantíssima, mas eu

se gostaria de complementá-la, chamando atenção para um fato que é o outro lado da medalha. O outro lado da medalha é essa misteriosa oralidade, essa misteriosa comunicatividade intensa e imediata que todos esses grandes nomes, o Bilac, os Cruz e Souza, os Euclides, o Rui Barbosa e o Da Costa e Silva, sabiam manter e cuja prova tangível nesse tempo no fato de que eles eram memorizados, repetidos de salas em salas e às vezes de praça em praça, na cultura brasileira.

Costa e Silva, comparada com a poesia do seu pai, Alberto é um poeta culto que encontrou através de si a ruptura dessa tradição de oralidade super-comunicativa.

O que faz com que, num determinado horizonte histórico da cultura brasileira, formas de alta cultura fossem ditadas desse alto poder de inserção social? Vossa Exceléncia, senhor Governador, em quem, sem favor a Brasil já veio um dos valores mais primitivos da minha geração, da nossa geração no nosso cenário polí-



Fotógrafo: Alcides Lobo
Estudioso José Guilherme Merquior prestando conferência na abertura do Congresso da Costa e Silva, no Teatro 4 de Setembro.

de sua época. O que me fascina, como crítico, é que teria havido, num determinado período longo, talvez equivalente a meio século da nossa cultura, um período que vai de 1880 a 1922, essa combinação paradoxal de formas verbais de alta cultura, não obstante dotadas de uma grande e poderosa imediata comunicatividade popular.

Como sabem, depois do nosso modernismo, as coisas mudaram muito nesse particular. Pensamos, por exemplo, no que é a poesia de Alberto da

Costa, pode ter ali um tema de reflexão num seu governo, na sua Secretaria de Cultura e na sua obra cultural, que já é apreciada dentro e fora do País. Por que esses fenômenos de classe média culta não se repassaram ou não se refletiram na nossa experiência histórica mais recente? Esta aí não só um enigma como, creio, um desafio. E para mim, como historiador literário, essa foi uma das coisas principais em que o valor poético de Da Costa e Silva me obrigou a pensar.

José Guilherme Merquior:
Filósofo, pensador, ensaísta, escritor e crítico.
Moura.

O Aprendizado de Orfeu

Alberto da Costa e Silva

* Alberto da Costa e Silva
Diplomata, roteirista e poeta.

O poeta olhava, e via... O poeta olha, e vê:
A mim só tempo incidente e inquieto, a
[Inquieto]...
Uma certa de velha hasturada a que se
[Inquieto]...
A certa dia lha toda extrema e exposta.
O pensoso, empionando a indossa colcha.
Ela, supondo os saltos de suposta a
[Jóia]...
Desvanece o rosto, sem que a ruiva
[Inquieto]...
Rápida, num ruivo de folha que esconde
Ao vento, pelo chão, num floresta
[Jóia]...
Traga-me era, e para, e a calça
[Jóia]...
Olha aquí, olha ali; ouve de novo em
[Inquieto]...
E, outra vez, para, a erguer a colcha,
Espreitando...
Mal sou imeto só, desliza-se de repente,
Traga-me e salta, os mimos responde;

A haver, satisfeita, a pupila pendente.
Eis aqui um soneto que é todo visão; é
que seria uma simples transcrição escrita.
uma simples transcrição da nossa vista para
o pleno verbal, se o poeta, ao mesmo tempo
que via, não escuisse. Mas o poeta via. E
porque me capaz de叙ar, vendo, e de ver,
euvinha, pôde manifestar singularizações, transfor-
madas do lucro que todos conhecemos, numa
espécie de animal exerto, a bater a papoila
permanentemente. Faz uma vez de sum e de
palavrão.

O poeta sabia vir. E dessa extraordinária
singularidade que tinha no olhar, surgiam as
paisagens - veras de cuja construção fui
poeta e que singularizaram a sua obra. O poeta
aprendeu muito cedo a saber ver. A
percorrer o mundo. A conhecer as formas, as
movimentações e o nome de tudo o que estava a
seu redor.

Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves, que lhe
acompanhou a vida, carinhosamente, consta-
mos terem sido a infância e a adolescência de



Da esquerda para direita, diplomata Jose Guilherme Mersalot, Deputado Jezualdo Cavalcanti, Governador Hugo Napoleão e Embaixador Alberto da Costa e Silva.

Da Costa e Silva uma constante
aprendizagem da visão. O poeta fazia
mísulas de Carnaval e pondormos. Pintava
com paixão os parades das cidades. Esculpia
santos em madeira. Confessionava
estudantes para as festas religiosas. Sua
mãe, de dedos longos e harmoniosos, era
uma habilidosa e teria feito dele um pintor ou
um escultor, não tivesse, ainda menino,
conseguido a compor versos.

E as facetas, contudo, continham uma
reconvergência de mundo, nessa convergência
não só entre poetas, que era no mundo de
ato poético, mas também de diálogo com os
outros que assim dele nasceram poemas e
sem todo a tradição de uma cultura. Como os
livros dos outros poetas - a memória Antônio
Francisco e a imprensa. Ele também
aprendeu a ver, e a ver os seres e as coisas
só intacta ou pulatrix.

Não diria de ser curioso verificar que, nos
últimos anos do século XIX e nos primeiros
do XX, Da Costa e Silva, na pequenina
Amazônia, no interior do Piauí, já se encontraia
com Bandeirante e Antônio Nobre, com
Madame e Antero de Quental, com Primo
Jr. e Cecília Verde, com Rubén Darío e
Cruz e Souza. Seria quase um milagreia como
chegaram às suas mãos os livros daquelas
poetas, se não sabéssemos que Amazônia
ambas pequena, era então um importante
porto fluvial do Piauí, um entreposto dos
produtos do extrativismo vegetal, do prematur
e da agricultura do cerrado, um cais frequentado
pelos navios europeus.

De sua prosperidade de então dà
testemunho a bela arquitetura que lá
sobrevive - a residência para o rio, com as casas
de um só andar, muitas com janelas em aguavias
ou em arcos, com as brasileiras envidraçadas a
imitar grandes portas. Eram casas de homens
de negócios, mas quaisquer uma porta levava à
moradia, outras à loja ou ao depósito e outra,
finalmente, aos quartos em que se

despedavam os freqüentes de passagem.

Da ásia da modernidade dessas ruas d
mercadores, licenciou, nesses prédios de emili
achanjo, os imatres das mudas que iba
trazendo os navios; e trouxe novos gêneros de ur
elmo e juncas, algumas ornamentações
e grades do "art nouveau".

Amazônia recebia facilmente as novidades
da Europa, a que sabia visualizar pelas
atividades de exportação. Mais fazia do que as do sul do
Brasil, dela apurada por vários armadores
lucros. O que exploração havia Da Costa
Silva não prestou atenção à literatura da sua
época da França, da Espanha e do Portugal.

Essa intimidade permaneceu com o simboli
mo europeu, de Cris e Sezair - então sem
desconhecimento da menorza - e o poe
tizilho de profundezas do adolescente T
Costa e Silva. E de seu irmão, Dois d
quinto, pelo menos, também escrevera
versos. Numa família voltada para a cultura
para as artes.

O pai de Da Costa e Silva era, na hor
vaga, exímio mestre do couro. Um dia a
fins, instrumentista e compositor. E, na re
da amiga da família, quase todos
interessavam pelas crônicas da inteligência
da senzilhade, naquela Amazônia que só
era ilade de ouro. Na simplicidade da
singularidade. Mas com a intensidade e
paixão. Que permitiu que ali invadessem o
mercado para os produtos da cultura.

Quem seria o leitor que enviaia book
as obras que leu, uomini e omni. Amazônia, o meu poeta? Tenho sempre
Livre de Cecília Verde, que pertenceu a
Costa e que lhe foi dado, em 1912, o
Amérigo Faib. Tratava da segunda edição
de 1901, cuja tiragem foi de apenas 100
exemplares. A primeira, de 1887, ficou
200 cópias. Pois bem, apesar da longa
dessa duas edições, um de seus volumes
chegado, no passado do século, de Lisbo-



Foto: Aleixo Filho

Embaixador Alberto da Costa e Silva
preferindo palestra.

Amarante, para dividir, com São, Les Fleurs du Mal, Broquelin e Fábio, as influências decisivas sobre o jovem poeta que escreve Sanguine.

Festivo é que o influxo de Cesário sobre Da Costa e Silva, sobre Augusto dos Anjos e sobre Carlos D. Fernandes tenha resultado, não em encherimento direto da sua poesia Lírica, mas de transações de seu poente-mais-novato protagonista da época. E também é certo que Tácito Costa só teria sido autor da poesia do *Cosmico-Verde* se no Roedel, sobre por intermédio de Carlos D. Fernandes, que o pôde ter igualmente convolado a Augusto dos Anjos.

Seja. O que importa é ressaltar que essas influências vários poetas necessitaram desse tempo, mais não devem ser imputadas na poesia que tanto se faria no sul do Brasil. Se mais sólido mais tarde, qualificaria-se ampla modéstia.

Quando Da Costa e Silva fez o Recilhamento nem ele prendeu partes das poesias que compõem Sanguine. Poesias como os sinais do apontamento de suas leituras em Amarante e em Tocantins - nem ensinaria de Antônio Nobre, de Antônio de Quental, de Cravo e Sossego e de Bandeirante - mas poemas em que já havia a marca de uma personalidade criadora original e poderosa.

Essa singularidade que se adverte no influenciado de leitura, convém-lhe fazer umas como quinta via. Daí, Irmãos, coros e sons de Amarante e do Pernambuco. Um amadurecimento de seu estudo que continua a ser o de maior mérito.

Esse singularismo que se adverte no influenciado de leitura, convém-lhe fazer umas como quinta via. Daí, Irmãos, coros e sons de Amarante e do Pernambuco. Um amadurecimento de seu estudo que continua a ser o de maior mérito.

Este amadurecimento faz com que um grande mestre da nossa poesia, Mário Peixoto, num nota de passagem, acrescente que Da Costa e Silva muito devia a Augusto dos Anjos. Falou - assim Agostinho Olímpio, nas suas memórias. E, a priori, é simples. Sanguine, de 1908, é anterior a Eu, que só veio em 1912. Os tempos e os lugares de ambos no ilícito lombardam, porém, a São, de Antônio Nobre.

O que há, no inicio das obras poéticas de Da Costa e Silva e Augusto dos Anjos, obras poéticas, que tomarão destinos diferentes, é a presença de um vocabulário que era o da poesia dasque tempo, no Nordeste, em desceramento de prestígio em que ali eram todos Amigos de Quental, Nélida, Bandeirante, Francis Jammes, Cravo e Sossego. E de um amadurecimento extraordinariamente identista e proto-pica. Presente no planteio e no pensamento.

Um soneto como "Irmão Líbero", de Sanguine, poderia perfeitamente ter sido escrito por Augusto dos Anjos. Mas é fato que Da Costa:

Alegria primitiva das ossadas
Que, surgiendo do lodo deserto,
Racinharam, profundamente,
Gargalham riso calliano gorgalhadas...

Escarnece as flores mais suardas,
Succeso eterno, estúdio e funerário
Do Carnaval da Morte e da Misericórdia
Descreve do horroz das molas apagadas...

Irmão feliz das esqueletas
Dus, sorrido, fumando e doidos
Denteo dos muros lúgubres e pretos...

Rilde, Vieses sinistros, agoroturas...
Pois que dos rios o medo de todos
E o risco encerrado das cunhadas

Ignorou-se o planteio e o paralelo só se constataram uns anos 1906 e 1907, em que coincidiram no Roedel. Mas devem ter coincidido os versos uns dos outros, só ficando atraídos de Carlos D. Fernandes, que, ainda, como Augusto, da Patrânia e sendo grande amigo de Da Costa, era um orgulho de Esso Pinhal respeito e sobre o dia de seu aniversário a seu mestre. Não fizeram parte, contudo, a menor peculiaridade que tivessem unidas de nenhuma forma: um só alusão e a cantinhas, goesticando, de um lado para outro. O que César Souza não nos diz, desculpando Augusto a crer os seus poemas, é se o fizesse, como tantas vezes Da Costa, desculpando a deles, ou, quando não, sinceramente desculpando.

A crítica frequentemente preocupava-se com estas influências que sobre um poeta Da Costa e Silva recaíram, com simplicidade, algumas das suas. Na penitência mesma de Sanguine, em mencionar os que o acompanharam no momento da morte, limpando Daniel, Velázquez, Mafalda, Cravo e Sossego, Antônio Nobre. Na poema de Verlassen, que principia com o padrinho mestre, Nas epígrafes desta poeta indigo de Bahia: Darie, que abrem respectivamente Zodíaco e Pandora. Mas não se esquece, desse encontro político, esse diálogo que Da Costa mantém com os que vieram antes dele, com seus contemporâneos e com seus posteriores.

Se houve amizades em influenciados semelhantes entre Da Costa e Silva e Augusto dos Anjos e aparentes entre aquele e Hartman Fries - natural em puntes da mesma grotinha -, podem ser identificadas em Da Costa antes apelos de Raul de Leoni, de quem pode ter sido seu mentor.

Dessentido só que em tão maldizes,
Calpando a vida, se tuas tão torturas:
Mas sabes tu que tantas desventuras
Na tua propriedade enigmas tem tuas...

Da Natureza nascem suas raras crônicas
Declar, depende a sorte das crônicas:
Vê-las no fótoz selvas escurezas
Do destino dos homens infelizes...

Protege a condição dessas deeditas.
Tão inútil nos homens e nos brutos,
Há-me seres feridos infelizes.

E acredito que existem coisas que erram,
Vontade extrema e armadas malditas.
Que não dão flor, para não dar frutos.

Da Costa também, presumivelmente, em Verlassen, acresce poemas formais de Cecília Meireles, poesia que certamente entusiasmou o autor de Amarante, que este deve conviver com o primíssimo marido da autora de Viagens, o poeta, desenhisto e artista gráfico Cecília Diaz, Letame.

O meu jardim amanhacere
Comedete de borboletas invergadas,
Que invadiram, ao sol, veras estradas,
Desenvoltadas e penasadas...

Depois, na tarde arada e triste,
A terra alivie-se para verdes-te:
Adorareste para sempre,
Balançando à terra com as margaridas...
E a noite o céu é um jardim do Oriente
Florindo em luas pela tua vindas...

Anoitecia no meu pensamento...

O meu diazinhar das rinas tomadas, n

iniciado com que faz desenrolarem-se os versos e o projeto vocalístico utilizando amigável Cecília, tanto a amizade entre os dois poetas, dentro tanto de Vérdenas:

O venho que aglulta as árvores,
Saudadeiro e saudoso flâmbeis dos
jardineiros,
Com o deserto rumor da mata chama de
Jardineiros...

Era o intérprete das inúmeras preces...

Numa oração tão a la que não tinha

Jardineiros...

Eu ergui a mãozinha das reis tremores,
Alívio do mundo e da mina secas,

Quando, a meu enigma a amar por duas

Jardineiros...

O pranto me colou a barba dos olhos...

E eu, tão perto de ti, sem poder chorar?

Não só as rimas - árvores, lagrimosa
epopeia/poemas, palavras, casas,
casas/olhos - mudaram-se de Cecília
Meireles, mas a própria condição religiosa. E, em qualquer livro de Cecília poderiam ser incluídas estas duas versas:

Numa oração tão alta que não tinha

Jardineiros...

Era eu a minha alma aos meus tremores...

Se nos abrigassemos, moltas descobririam das possíveis convergências entre o meu poeta e os outros poetas, narraria que recorda que os sociais a matrizes de D. Francisco Manuel de Melo e a cidadania que lheunam Pandora (sem dúvida esgrimesa sob insígnia do anuário de José Albano, de quem Da Costa e Silva foi dos primeiros a honrar a obra, que era Sartor e em Papéis Vilhena). Rotados pela traça do Simópola, de Macau, quando, há evidências de ligações diretas da canção alegrão das duas poetas por Bandeirante e Cravo e Sossego. Que Da Costa promoveu muitas das "mudanças" do sonetismo, não só se praticou o carmen figuratum, ou juntou em forma de figura, mas também pela mestria no uso das paroxistás, subversão das normas sobre acentuações, que causaram de Zélio.

Toda a literatura da poesia, como de resto das outras artes, é esse entrelaçar de versos, que se apreendem ou se sentapõem, que perseguem uma ideia de exposição ou a andura de ritmo, em que um verso de um poeta estimula outro, em que há um encontro de temas e de intenções, um intercâmbio de símiles e de sensibilidades. Isso pode ser evidente, quando Freyre repara As Moças de Velázquez, ou Manuel Calvão, A Fertilidade da Alegoria de Junípero, ou quando diferentes personalidades - entre Marquet, Flecha, Dodi, Bragança - abordam o tema da Janela aberta sobre o Mar. Ou ter maior perfeição no tempo - como quando Vitorino raspava em Montanha, ou Os Lamecas e a Divina Comédia, em Invenção de Orfeu - ou ser mais diserto nas aparições, evitando certas rotas obvias animais, que talvez de Zélio.

Agende a quem se dirige a obra de arte também não escapa a essas aproximações. E uns são grandes aligrins da língua a pesquisar um texto no outro, confrontar o que se tem diante dos olhos com o que persiste na memória, verificar, por exemplo, como duas sensibilidades diferentes, Da Costa e Silva e Carlos Drummond de Andrade, usaram um mesmo assunto, na "Noturno" e "Câmpio do Vivo".

Nesse tipo de lógica comparativa, não se escapa do encontro entre Da Costa e Silva e os outros poetas brasileiros que buscaram desenrovar nossas paisagens. Se pensem, não

Ensui

é de identificá-la, como nos românticos, com personagens ou nos modernistas - subestudo em Oswald de Andrade, que a sua obra se através dos olhos de Ligeia -, mas refletida com uma intensa percepção de suas formas e de seus movimentos, com uma verdade que só se encontra em Castro Alves e em Alberto de Oliveira. Principalmente em "Alma em Flor".

A tentação da mimose, que poderia conduzir ao simples descriptivo e a uma poesia que se reduzisse às sinapses da inteligência, é surpreendente, num poeta que sabia ver e reproduzir o que via, por uma percepção no paisagem, por mais que isso, por um pensamento pausado, que o integrava todo e na sua totalidade.

Da Costa foi capaz de extrair da natureza vozes Fias e ruídos Orlon. Porém, pôde passar do paisagem misterioso e altamente simbólico, presente em "Sangue" - aquele soneto preciso que é "Rio das Gargantas", por exemplo -, para a natureza formidosa no gredido de Zodiaco, até chegar à natureza romântica e pausada de Pandioca, à natureza desparada pela liberdade e que abduz ao leitor do poeta.

Essa natureza reconstruída pelo pensamento, passa, por um processo de depuração artística, primário, a exercer sua voz de Da Costa e Silva; depois, a ser por ele ordenada e harmonizada, e finalmente se exilar de seu último livro, Verboica, no qual o poeta se anuncia de contrário com as estinas, belas ou cílicas para ouvir ver e "sacra o nome de amor de uma noite sem tempo".

As vésperas plúmbeas e áureas da natureza já se encontravam, contudo, em Zodiaco. Nesse quadro verso final de "As Árvoreas", por exemplo:

Quando elas ao infinito se moverem,
Por que seus pobres ramos não curvavam,
Tendo um desejo absurdo de ser novas,
Para das vidas as cores que inventam!

Faz questão é tão impotente para o entendimento da obra de Da Costa e Silva, quando "Sandado", os poemas dedicados à sua mãe, em quem separam-se a profundidade da terra matel. Nesse quadro, ressalta a amplitude do poeta de integrar-se intensamente na natureza. Numa natureza que já se

espiritualizava em reflexo e sonho:

Tudo contém espírito dessa essência
Que a luz do meu espírito divina.
Que eu já nem sei se é humana ou se é

[divinidade]

Esta felicidade perpétua de ascendência.

E ainda querer galgar a eterna pesha.

Nesta altura onde um Deus eu sou.

[apoio]

Que dos mundos que viu do alto descendha

Porque o mundo é menor do que o seu

[ponto]

Embora o pensamento do deslumbramento.

Sempre a lassar o termo do subida.

Chamou-lhe absorvente pura a vida.

Vivendo apenas para o pensamento.

O seu destino em retratar escondido.
Parece o rio inóbio o que retrata.
De alegre que era, vai tornando triste,
No fundo espelhos mornos de ouro e prata...

Parce um que o rio tem amado.
Como eu, que também sou desse mosaico,
Sandado e triste em plena montanha.

Dá-se em mim o fenômeno sombrio
Da refrigeração das árvores da beira
Na superfície trêmula do rio...

O poeta purifica as memórias de outros tempos, regozijando com novas vidas a fiação de curtos momentos, da formas e coisas espirituais à realidade que são um dia vivem, dia de um dia desvanecendo numa coisa mortal.

O poeta não precisa mais de olhar para cima, pois:

Tudo, através da névoa da distância,
Se transforma, em sugestivo amuleto.
Ao refletir-se, em sutila incandescência.
Nos expellindo de luz do pensamento.

Essa reconstrução superior da natureza faz-se, efetivamente, sobre o conhecimento da paisagem que se passou o cercado e da qual se fizera - numa antropologia dos modernos ecologistas - um clara didascalia, an denunciado em tantos poemas, como "A Forminha" e "A Quiminha", as agravadas que ela sofria, e ao caminhar, particularmente, a integridade do homem na natureza.

E porque Pôr encadado, em mim poeta, e apreciado de Orlon, pôde Da Costa e Silva ser sórvea nata sonharia:

Eu vivo no mundo para ter saúde...
Ter saúde é sentir a natureza
Sob a eterna e inóbio claridão.
Desenvolvendo erros da tristeza.

Um vagão entevo espacial invadido:
Minha imaginação quer, de surpresa...
Céus distantes, memórias de outra idade
Rejeita, evita, num aceno de pureza.

Sinto que essa sensação indefinida,
Poisendo de visões mornas pensamentos,
Pensos da eterna comunhão da vida.

E a alma das coisas que se veda, em
[palma]
Da vida conjuga! diss elementos.
E se reflecte dentro de mesma alma.

Rio Parnaíba. "Oce atmosférica, como o tempo, o paisagem e a vida".

PENSE E POUPE.
Bepoupar
ÉPOUPANÇA



QUEM NÃO POUPA DANÇA.

Itinerário Nostálgico do Poeta



A campo...! E ouço, num deles, o som da vida.
Como a representar um amplo horizonte!
Como a representar o meu deserto?
O espírito augural do meu destino!

"A nostalgia de nôrdico
terra sem-nos, quando em vez
nossa sonda de terra. E bando
a ideia de revidá-la, com a
saudade de Antes; experimentar a
vida no esplendor do céu, pesquisar
os poluidores dos influídos da mata
e morir, e não em ventanas, o magistral
deserto..."

D. Costa e Silva



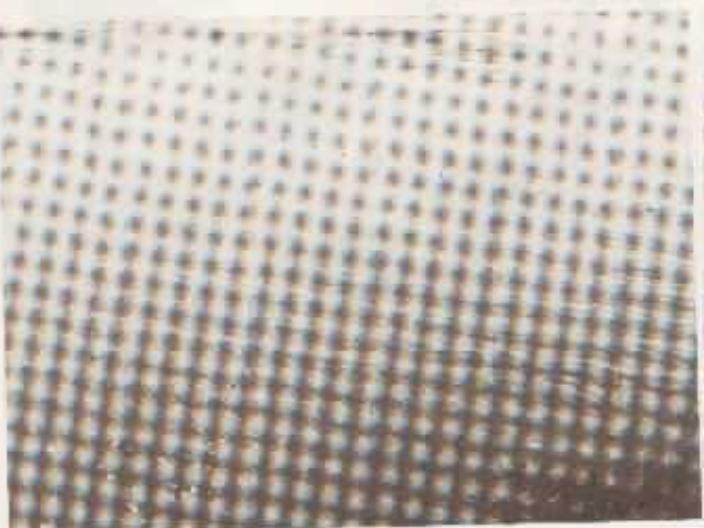
Amorim

A minha terra é um mar, se há algo que sobre a terra.
Como não sobraria eu tão limpido e tão bonito,
Que estou sóbrio, mas posso estar sonhando. Sóis o vale-mal,
que o seio à lata descerri.

Oce encanto turval-o novo império omerta:
Junto à paixão-sócio, a igreja famosa, o mundo
Das canas, que se illo, jazendo jazendo, apagando
Com o mecento perfil nostálgico velho.

Com o seu povo folla, que si das grotas rincões,
Entre os trechos, levanta uma lira, alegre e linda.
A cidade sucedendo aos mordões das aguas.

Terra pura e azul com o grande amor que no tempo
Terra amarela e berço e de onde exprei misto
Sete pulmões de gleba e os dous braços de vinha-lindo!





Tal qual o Parnamá existe
Dentro da mim, é uma história linda.
Igual, talvez, à que no rio assiste
Ao reflexo se avista, na matina...



Lembra os olhos hondiços... A ponte,
No marco rincão, onde turim que morava,
Correndo sobre a terra, a onda e fonte...

Ao longe, um panozinho se desvanece
Sob o limpado céu, avô sol nascente.
Entre os nos, os brentes e os sons,
Bemquejo a canção de Amazônia



O Carrasco e Festas

Gostei o dia a meditar na minha vida,
porque a saudade me leva a longínqua Amazônia
que sócio, todos por mim, debocada sobre as aguas
lentas e sonolentas do Páramba
a rolar para o mar como em porta o misterio...
Então, num sonho de criança voluptuosamente,
veio-me a memória o carrossel que festejara
no seu giro constante, os meninos de minha infância:
Geraldo, Luis, Thózio... meus irmãos Nisa e Joes,
os vórticos do carrossel arranhado tão cruel!

Tal qual o largo da matriz em noites de novena,
seu pensamento se ilumina de uma lâmpada e doce
Como a dos baleiros que pendiam dos arcos verdes,
fraternalmente de folhagens e frementes de bambolote...
E vejo, com os olhos de hoje, ao fundo do largo em festa
o mesmo carrossel rodando da minha ruidosa infância,
rodando... rodando... rodando continuamente...

Era fui o mais feliz dos meninos de meu tempo:
quando viajar as moções das imagens que fazia
já tinha o dom divino de um criador de imagens;
a dar voltas e voltas uns cavalos de madeira,
que galopavam automática e, feito cavalos artificiais,
era arrogante e desembeide que nem os vaqueiros da minha terra,
quando galopava o lombo de um destes pequenos cavalos,
me levar por sumida longinqua a meu destino de poeta.

O carrossel parou na larga... mas não parou na vida...
Continuo eu meu sonho, rolando... rodando sempre...
E andando e desandando, num ritmo contraditório,
ainda me deu a alegria inacessível de dar voltas
de girar, de rodar como os astros no espaço,
de elevar-me a um destino superior ao do planeta,
que em torre da sua volta, como um círculo, roda...

- Qualugal meu pensamento?

1

Cultura dizia o romancista Arlindo Sampaio que a cabra é a vaca do povo. A gente simples do sertão diz, por sua vez, que "leite de cabra é remedio". Quando a pessoa é forte e saudável, dizem então: "foi alimentada com leite de cabra".

2

Partindo destas verdades tão evidentes e cristalinas é que o BANERJ - Banco do Povo do Estado do Rio de Janeiro resolveu investir na criação de caprinos. Começando pelo pequeno clássico.

3

O que o BANERJ já realizou de concreto, através do seu setor de crédito rural, nos Estados do Maranhão e Piauí é o melhor estímulo para que neste Ano seja ampliado na área o programa de melhoramento do caprinocultivo.

4

Mas o BANERJ vai além: financia também o pequeno agricultor no plantio de feijão, milho e mandioca, com base na cultura conservada. Basta lembrar o seguinte: até dezembro de 83 o Banco do Povo havia aplicado na área cerca de 1 bilhão 236 milhões de cruzeiros.

5

Pois em janeiro de 1983, o BANERJ alcançou, na área comercial, o total de 7 bilhões e 693 milhões de cruzeiros. E seus depósitos aumentaram cerca de 300 por cento.

O BANERJ faz o roteiro do Poeta Maior do Piauí

Sim, De Costa e Silva, o Poeta Maior do Piauí, andou por esses braços, como delegado do Tesouro Nacional. Manaus, São Luís, Teresina, Fortaleza, Recife, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo, Porto Alegre. Foi um autêntico círculo das letras e da poesia. Mas sua obra é tipicamente piauiense, turisticamente nordestina. E por onde o Poeta andou e

viveu, como funcionário público e como Poeta, o BANERJ - o Banco do Povo do Estado do Rio de Janeiro - também marcou presença efetiva e eficiente. O BANERJ fez o roteiro do Poeta de Manaus a Porto Alegre. Enquanto o Poeta distribuía versos e sentimentos, o BANERJ distribuiu crédito e riqueza. Sempre em benefício das comunidades brasileiras.



De Costa e Silva é um poeta popular. Seus versos são sinceros, repletos de sentimento. Também o BANERJ, tal como o Poeta Maior do Piauí, é um braço do Povo. Não apenas do Povo do Rio de Janeiro. Mas de Todo o Povo Brasileiro. Da qual o Povo do Rio de Janeiro é uma síntese perfeita.

BANERJ

O Banco do Povo do Estado do Rio de Janeiro



Da Costa e Silva e a inteligência das mãos

Luis Mendes Ribeiro

Ferraria, memórias da Academia Fluminense de Letras, intermissione preta, fevereiro em 1989.

Saienta E. Le Roy, com sabedoria, que do "diálogo entre a mente e as mão surgem as civilizações". E André Maurois, a seu turno, em conferência magnífica, estuda, pormenorizadamente, a inteligência das mãos, isto é, a habilidade com que intervêm elas no processo da criação, dando objetividade às ideias, aos símbolos, aos pensamentos. Delas decorre a expressão material, tangível, que define, com frequência, as artes estéticas e, em geral, as artes técnicas. Só a poesia, como sublimação artística, deixa de tê-las como instrumento fundamental.

Os gregos do período clássico

ensinavam ser a Filosofia a busca e o reconhecimento da Verdade, enquanto as Artes procuram criar e fixar a Beleza. Em cada qual dessas há uma poesia específica - dos traços, da cor, da forma, do movimento, dos sons, do ritmo - tendo para coroamento e sublimação a poesia literária que é o canto da própria alma, a manifestação dos sentimentos, dos sonhos, dos ideais, das angústias, das efusões e amores que animam, perdem ou sustentam a vida.

Se o homem comum é um complexo de capacidades, impostas ou inspiradas pelas contingências do trabalho, os indivíduos de gênio

têm, não raro, múltiplas aptidões, embora haja uma como especialidade, que as demais sobreexcede.

Na Renascença italiana reuniu-se, como na Grécia heróica, admirável conjunto de espíritos iluminados. Neles como nos antecessores helênicos, os talentos se multiplicavam em extraordinário desdoblamento de obras-primas, evidenciando em cada artista habilidades diversas. Rafael, por exemplo, a quem H. Taine considera o maior técnico da pintura de então, também era arquiteto notável, tendo dirigido, temporariamente, a construção da Catedral de São Pedro, em Roma.

Concomitantemente poeta da cor e da forma, Cellini, cincelador de nico e de idéias, Miguel Ângelo, o mago da escultura. Numa de suas alucinações sobre-humanas, sentindo-se Deus, quis impor a palavra a Moisés, que acabava de esculpir. Resolucionou a pintura com o painel monumental do teto da Capela Sistina. Divinizou "La Pietà", dando-lhe, em Igrejas humanas, expressão celestial. Transformou em verdadeiro roteiro a "Capela dos Príncipes" e a "Sacraria", de Florença, pondo ao lado do "Dia", no tímpano de Júlio de Médici, a "Noite" em pesado sono. E no soneto célebre de Sirozzi, lembrando o retorno do símbolo à vigília, o artista, também em ritmo impecável responde ser "preferível o sono eterno ao logro triunfante, e a liberdade perdida, em face de duração".

"Mientras che el danno e la vergogna dura non veder, non sentir n'è grata ventura".

Foi ainda ele quem criou a ordem monumental, e concebeu e dirigiu a construção da admirável capela de São Pedro. Escultor, pintor, arquiteto e poeta, não se pode dizer em que se alcançou mais alto. Tinha talento para tudo.

Outras generalidades excepcionais, como Leonaldo da Vinci, ultrapassando o seu tempo, avançam séculos, pelas extraordinárias e surpreendentes concepções. Constituem vérticos aureolados na escala dos valores humanos. E demonstram a coexistência entre a imponderabilidade intelectual e a atividade específica das mãos. Estas são aneis daquelas, mas conservam, como faculdade peculiar, a sensibilidade do tacto que oferece condições de movimento mais seguro e delicado aos dedos.

A correlação entre ideia e ato é natural no homem, mas varia de indivíduo a indivíduo. Nem todos a manifestam com igual correspondência. A maioria das pessoas de pequena evolução estética e pouco desenvolvimento cultural técnico não a apresenta, salvo em condições primárias.

Da Costa e Silva, poeta exelso, tinha o dom, bem pronunciado, de perceber-se das pequenas coisas, cuja obtenção se torna indispensável ao trabalho manual. Menino, impressionou-o o divertimento dos papagaios. Antes de pô-los em liberações no ar, tentou fazê-los, conseguindo, com facilidade, as formas possíveis de pássaro, de lanterna, oblongas, com e sem cauda, destinados a simples ascensão ou para lanceios, em luta no espaço. Deu-lhes cores, e era um encanto vê-los entrando em mu-

vimentos de descida e subida, na claridade do céu azul e enxuto do festivo céntario amazantino.

Foi seu aluno de primeiras letras. Aos sábados, após a aula de tabuletas e realizadas as apostas de caligrafias, dava por finta a aula e dizia aos alunos:

— Agora vamos aos papagaios.

Tinha-os para todos os gostos. Era um ensinamento do exercício. Passávamos horas, a fio, de caras para o alto, olhos nasquelas figuras móveis, suspirando pelo vento e comandadas, de longe, através do fio, por nossas mãos.

O Poeta também era balonista. Preparava-os de variadas cores. Acompanhava-o, munido, nesse mister. O corte das folhas não era fácil, pois teriam que devariar de forma e tamanho, do vértice ao bojo e a boca, sob pena de haver deformação e desequilíbrio, na aeronave. Ele era perito em dimensioná-las. Dias de novena, lá nos mandávamos à igreja, soltando-as do alto do patamar. Subiam sob os aplausos da meninada, pintalgando o céu, em noite escura, de luas e estrelas coloridas. Mas, o que impressionava sobremodo era a paixão que o Poeta dedicava a tais realizações. Tinha-as como verdadeira arte e não como simples motivo de divertimento.

Nunca deixava de editar um jornalzinho ilustrado, ora impresso em estamparia tipográfica, ora escrito à mão. As gravuras eram desenhos de sua autoria por ele mesmo xilogravados. As vezes gravava diretamente a lápis, em espaço deixado em branco. Naquele tempo não havia papel-carbono, ou dele não se tinha notícia na cidade. Da Costa produzia-o com pé de sapato ou fuligem.

Durante os dias carnavalescos, as máscaras davam-lhe ensejo a obter recursos para os próprios folguedos. Preparava-as, com antecedência, de papelão, expondo-as à venda na casa comercial do pai, o velho Rodolfo.

Começava por modelar-lhes as formas, em argila plástica, pondo-as a secar a sombra, em ar parado, a fim de evitar fundilhamentos. Secas, passava-lhes uma camada de tinta branca, de alvalail, para impermeabilizá-las. Depois, cobria-as com polpa de papel, fervida em lixiva de soda ou potassa, ecola, pintando-as por fio, quando já estavam secas.

Em 1922, quando da Exposição do Centenário da Independência, encontrava-me no Rio de Janeiro. Visitava, à noite, os pavilhões. Repetidamente esteve no Pavilhão de Honra de Portugal, a especiar, entre outras coisas, porcelanas e tapetes de Bordalo, telas de Cabumbano, Malhoa e outros notáveis artistas. Sempre

contemplava, com admiração, um busto, em bronze, de Eça de Queiroz, por Teixeira Lopes, onde a ironia brotava do monóculo, dos olhos, da boca semi-aberta, da mecha de cabelo caída sobre a testa, do riso, de tudo em suma.

Adiante, defronto-me com um quadro de largas dimensões, cores vivas, muito movimentado. Impressionou-me fortemente. Procuro identificá-lo. Consulto o catálogo. É o "Baixado na Adela", do afamado Malhoa.

Naquele mundo de luas, diante da pintura, senti-me voltado, por uma espécie de magia, para o meu Amazônia longínquo. O quadro retratava, com perfeição, a cena que tantas vezes via no meu terraço natal: a porta da igreja, os convividos, tendo ao centro, em plano avançado, com o pimpolho adornecido, a madrinha de casarão, gorducha, ruidosa, risomba. Malhoa era impressionista. Tinha o prazer de pormenor. A tela do vestido não parecia pintada, mas, realmente, tecida. A toalha, alvineira, em que se diziava o pequeno, com as largas dobras aparentes, mostrava a ampla faixa em que se tinha a ilusão das linhas cruzadas do labirinto cerzido. A figura, deveras, induzia-me haver sido transportado à terrinha distante.

Decorridos meses, talvez anos, leio brilhante crônica de Júlio Dantze. Acabara de regressar a Lisboa de uma viagem de férias a agradável lugarez. E solicitava salvação para valioso trabalho do grande mestre Malhoa: um retrátil príncipio suspenso à extremidade de um mastro, a deteriorar-se na sucessão dos dias e das noites, do calor e do frio. Andara o pintor antes pela mesma região a espiar. Levara, como de costume, cavalete, telas, palheta, pincel e tintas. Poderia aparecer, num país de paisagens tão encantadoras, algum reencanto pitoresco a fixar. E não foi, um efeito, difícil encontrá-lo.

Estava a debuxar o quadro, quando lhe chega um campomô.

Aproxima-se. Comprimenta-o. Aprecia-lhe os movimentos. E rodando o chapéu entre os dedos, a perguntar ao pintor, diz: «que deseja uma bandeira com a imagem da sauda de sua devocion para as festas que se vão iniciar em pagamento da promessa». O mestre corre-lhe atreveso, o pedido. Ri, cheio de bondade. E mares, ao pedinte, dia hora em que devora receber o trabalho.

No prazo marcado, o campomô aparece na herdade em que se hospeda o pintor. Saúda-o, sendo-lhe dada a pintura. Achá-la perfeita. Quer pronunciar alguma palavra de agradecimento e não consegue. Pensou na elevada soma,

desperder por tão bela obra. Por fim, tartamudeia:

— Está ótimo! Quanto lhe devo?

Malhoa encarou-o mais uma vez risquinho e fala-lhe com satisfação:

— Não lhe custa nada. E, apenas, uma contribuição minha à sua projeção.

O roçorim abeu-se, então, num riso largo e feliz:

— Obrigado, muito obrigado! Que Deus não lhe falte nunca com a sua divina graça...

E despediu-se muito agradecido já em festa.

Retábulos sem conta os pinheiros de Da Costa e Silva espalharam pelos arredores, fazendas, vilas e povoados de Amarante. E nos topo dos mastros a que foram levantados, finaram a agitar-se ao vento e a desbotar-se ao sol e às chuvas, até serem apagados e reduzidos a poeira. Que pena...

O Poeta, além dos cenários teatrais, chegou a fazer decorações, como aconteceu com o salão de festas do edifício em que, na Rua Amaral, antes e por muito tempo se instalou a repartição dos Correios e dos Telefones. Mas é bem possível que já nada disto exista, quando tudo haveria de ter sido conservado como manifestação de uma poderosa inteligência de múltiplos talentos.

Da Costa e Silva era, também, escultor. O desenho, a pintura, a xilografia levaram-no aos símbolos, à figura. Fez-se santeiro. Escolhia, raro e suavemente, as madeiras a trabalhar: o cedro, o pau-marfim, o jenipapo, a tapioca. De igual forma preparava os instrumentos de entalhe, afilando-os em pedras

apropriadas. Dava-se à escultura com alma, apaixonadamente. Escolhia as tinas e os pinheiros com que encarnar-lhes as feições e colher-lhes as vestes.

Quantas delas figurariam ainda em capelas particulares e em oratório de famílias? Ninguém o poderia afirmar. Mas a verdade permaneceu irrefragável na memória dos seus contemporâneos.

Em Amarante na minha juventude, havia uma associação religiosa - Sociedade de São Vicente de Paulo. Ela participava quase todas as posses de influência da cidade. Reunia-se aos domingos, na igreja, em seguida à missa das dez horas. Realizava o expediente e feitas as comunicações dos atos praticados pelo parcer durante a semana, discutiam-se propostas, iniciativas, intenções. Por último, fazia-se a contagem dos ônibus de cada associado, conferindo-os ato contum.

Um dia, inesperadamente, ao ser despejado o conteúdo da sacola, um pequeno embrulho, amarrado com uma fita azul-clara, resvala sobre a mesa e vai ao chão. É, então, examinado o que contém: um disco de Jonipapeiro, mais ou menos de dez centímetros de diâmetro, com a imagem em relevo, muito bem esculpida, de São Vicente de Paulo. O ofertante era Da Costa e Silva, autor da obra. A contribuição foi posta em licitação, no leilão da noite, por Vitor Martini. Jamais soube quem a teria arrematado.

O Poeta, desde criança, tinha nos brinquedos de sua fabricação, nas máscaras, nos jornais, nos

desenhos, nas esculturas, fontes de recursos próprios com que enriquecia a sua recreação e a dos companheiros.

Ele mesmo o diz, anos vencidos, em "Carrossel Fantasma": "Já tinha o dom divino de criar de imagens".

A noite surpreendeu-o, por fim, a meio do caminho. As sombras empunharam-lhe, inesperadamente, a claridade humana, mas permanecendo-lhe luminosa a poesia magnífica e imorredoura.

Martins Napoléão, seu irmão em ritmo, quando o sentiu perdidamente envolto em trevas, julgou-o fulminado por vinganças.

"dos deuses contra quem foi maior que os deuses".

E explicou:

"Criei de novo o mundo à feição do teu sonho, enquanto os deuses o criaram uma só vez".

Vingativos e invejosos, eles emudeceram-lhe a substância frágil e percolável, mas foram impotentes para ofuscar a sidérea cintilação de seus versos que tanto nos envadece e iluminam o sono motivo de justa glorificação da posteridade, pelos séculos dos séculos.

Rio de Janeiro, junho de 1981

●

COLABORAÇÃO PARA A PRESENÇA

As colaborações destinadas a publicação na REVISTA PRESENÇA deverão chegar a sua redação até 15 de maio.
Praça Deodoro nº. 816 - Centro 64.000 — Teresina — PI — Brasil).

Temos o maior interesse em contar com as mais diversas colaborações culturais.

A EDITORA

A crítica e Da Costa e Silva ontem e hoje

I Uma leitura sonora-Semântica do Zodiaco

ZODIACO é a segunda obra de Da Costa e Silva. Foi publicada em 1917. O poeta, de uma maneira toda pessoal, anterior ao corpo do livro um poema-prefácio, A ESCALADA, onde anuncia a subida da montanha a que se arroja, em busca da imortalidade.

"E ainda queria galgar a eterna
[penha].
Nesta altura onde um Deus em me
[japombo].
Que dos mundos que vio do alto
[descendinha]
Porque o mundo é menor do que
[seu sonho...]

Esse ídolo da subida da montanha pode nos conduzir, de início, à proposta parnasiana da esculpida do Monte Parnaso, habitação das Musas e de Apolo cujo topo só seria alcançado pelo poeta que atingisse a perfeição, segundo a mitologia grega.

Logo em seguida, e ainda a título de entrada, ele acrescenta ao prefácio um ADITO, em que, como já havia feito com a LUA, no seu livro de estreia, tecer hinos de louvor ao SOL, ao MAR e à TERRA, resumindo a estrutura de um losango que, na verdade, se fecha num círculo, após formar uma cruz, quando do encontro do primeiro verso com o último do poema. Os quatro textos, incluindo-se aqui o poema LUA, têm o sabor e a força da prece e juntos constituem uma oração unica, uma oração impar à Natureza Divina.

O título do livro é uma simbologia. O Zodiaco é, por si mesmo, um símbolo e ao mesmo tempo um conjunto de símbolos. Dois são os signos zodiacais, correspondentes às doze constelações que giram em torno do sol. Quatro delas, ou seja, Leão, Touro, Aquário e Escorpião assinalam os tempos fortes do caro solar, marcam e separam as estações do ano, dividem o círculo zodiacal em quatro partes iguais, correspondendo cada parte a três signos. Os grupos estão assim constituidos: o primeiro por Peixes, Áries e Touro, que corresponde ao período mitológico de Urano; o segundo compreendendo Gêmeos, Câncer e Leão, referente ao período mitológico de Cronos; o terceiro grupo é formado

por Virgem, Libra e Escorpião, período mitológico de Zeus; o último, agrupando Sagitário, Capricórnio e Aquário, é o período em que a mitologia cede lugar às religiões místicas, ao cristianismo e encarnação do Logos.

As figuras mitológicas de Cérès, Diana, Flora, Pá, Apolo, Pomona, são invocadas a todo instante no discurso lírico:

"As árvores e o solo,
Na catedral de Pá
Dão verde culto a Apolo
A luz dessa manhã".
(Matinal)

E confundem-se com as imagens simbólicas de Maria e de Cristo, numa antítese mistico-mística:

"Estática e melancólica
A Natureza, ante a luz,
Evoca a imagem simbólica
Da Virgem-Mãe de Jesus".
(Noturnal)

Partindo dos doze signos do Zodiaco, Da Costa e Silva estruturou o corpo da sua obra em doze partes, agrupando cada uma sob um título genérico que abrange subtitulos, exceto a primeira parte, A ESCALADA, e a última, A VERTIGEM. As outras partes são: a segunda, ADITO, formada de três poemas curtos, constituídos de uma única estrofe em forma de um losango; a terceira parte, o Zodiaco, um agrupamento de quatro poemas dedicados às estações do ano, cujas estrofes apresentam um número de versos variado, embora todos os textos sejam constituídos de treze estrofes; a quarta parte, as Horas, igualmente um grupo de quatro poemas que cantam os horários Matinal, Meridional, Vespertino e Noturno, compostos todos em oito quadrinhas, portanto trinta e dois versos em cada poesia; a quinta e a sexta parte, as Sugestões da Luz e os Ritos da Vida são também formados de quatro poemas, constituídos de treze estrofes de seis versos, a quinta parte, e de treze estrofes de seis versos, a sexta parte; a sétima, as Imagens da Natureza, compõe-se de três poemas - A ENCHENTE, A QUEIMADA e A DERRUBADA - todos eles de de-

Maria Figueiredo dos Reis

Professora de Literatura da Fafe, membro da comissão directiva da revista *Passeio Cultural*, organizadora da revista *Presente*.



zito estrofes que variam quanto ao número de versos; finalmente a sétima, a nona, a décima e a décima primeira parte, em vez, os Poemas da Flora, os Poemas da Fauna, Minha Terra e De Natura, são composições em forma de soneto, exceto o poema "As Árvores", que serve de introdução ao círculo geral de cada árvore.



Vale ressaltar, contudo, que cada grupo de poemas, apesar do unido por um título geral, na verdade se opõe ou se difere quanto à temática, cada poesia de per si.

Na última parte, A VERTIGEM, que funciona como posfácio da obra, o poeta promete ao seu "coração ingênuo de glória" que o seguirá na A ESCALADA rumo ao céu, rumo ao sol, rumo ao seu "signo fatal na vida transitória", rumo — "Ao Zodiaco! Ao Zodiaco!", fechando o livro com o verso:

"Continua a ascensão do meu sonho de glória!"

Como vimos, a distribuição dos poemas nesta obra de Du Costa e Silva procura tomar a configuração arquitetônica do Zodiaco, e a temática abordada gira, também, em torno dos signos zodiacais, o que confirma o plano, o projeto de elaboração do lato. Tudo na obra foi cuidadosamente planejado, medido e pesado. Para cada divisão da obra, um novo ritmo, um novo metro, uma nova estrutura. Du Costa e Silva revela-se, portanto, o grande arquiteto do verso. Assim, apesar de publicada em 1917, sem nenhuma pretensão inovadora declarada, o Zodiaco é, sem dúvida, uma obra que se antecipa às tendências renovadoras da literatura brasileira que culminariam com o movimento modernista de 1922, tanto pela sua não filiação definitiva ao estilo de época vigente, quanto pela conservação figurativa do seu discurso poético, proposta que surgiria com o Grupo Concretista de 1928.

As composições do Zodiaco são, na sua quasi-totalidade, cantadas na terceira pessoa, como anunciam os próprios títulos dos poemas: "A Queimada", "A Ventaria", "A Caniga", "A Palmeira", "O Ipo", "O Abóio", "A Balsa", "O Inverno".

"O inverno... em grossas batacas
ja chuva
Encrespa o dorso ascendencial das
água-s;
E a Natureza-mãe parece visca
Que vem.
Com o pranto dar alívio às suas
jungous,
— Magos de amor que todo
[mundo tem]."

Transferindo à Natureza todos os sentimentos humanos, consegue o poeta, no seu discurso lírico, escapar do subjetivismo simbolista e aproximar-se da proposta parnasiana, embora partindo de uma simbologia. Parece-nos, então, que o autor de Sangue procura propositalmente misturar, confundir os dois estilos de época

que, caminhando paralelos e guardando afinidades estruturais, se preparam antagônicos quanto aos sentidos.

Toda simbologia zodiacal presente em cada poema do livro de Du Costa e Silva é apresentada de forma objetiva, já que o eu lírico remete o seu discurso à voz da Natureza. Assim, da mesma forma que o mitico e o mítico se fundem na simbologia zodiacal, igualmente se entrelaçam nos textos do Zodiaco, como acontece com o LIVAR DAS MONTANHAS

"De luz ao múltiplo esplendor,
Dão-nos a imagem fiel de templos
le de altares
Para o culto pugão dos Deuses
[Intelectuais]
Seja o Olimpo ou o Sinai, o
[Parusso ou o Tabor]."

No Zodiaco é a Natureza que pensa,

"A alegria do tempo e dos
[Amores],
A primavera chega, e, à sua
[Bênção],
Quanta emulação nas árvores que
[Pensam]
Na graca polícronica das flores;"
[As Árvores]

E a Natureza que sente, que
souba, que ama, que beija e
acaricia, pela voz d'A
ENCHENTE, d'AS ÁRVORES,
do OUTONO:

"Parece, enlanto, que o rio sente
Uma oculta aflição a punzic-lo
[Intrometendo],
Través o falso orgulho acanhado
[de enlento]."

"As flores de hoje, como os
[Brotos] de ontem,
Sontham, talvez, com o amanhã
fios frutos".

"Para a floresta o sol e o amor
Que em beijos tropicais lhe dá
[Novos aspectos],
Enchendo-a de canções com os
[passaros e insetos],
Tomos ao fulgido esplendor...
E assim que tudo quer amar
E em anseios sensuais, desejos e
[larinhos],
Nolvam os vegetais e os passaros
[nos ninhos],
E ha beijos na floresta e enflus de
[jessas no ar...]."

E igualmente a Natureza-mãe que chora, que canta, ri, lamenta-se e consola-se, com A DERROADA, com o vento, com a primavera e, outra vez, com o OUTONO:

"E a Mater-natureza, amargurada,
Dos espaços chora sobre a
[derruhada...]"

*"Toda a obra é
uma oração,
uma ladainha,
um hino, um
canto uníssono à
natureza..."*

"Riso do tempo para a vida,
Riso da vida para o amor,
A primavera chega, difumilha
Na alma feita da Natureza em
[Bor]."

"Morta de Amor e de pazer
A Natureza provida e fecunda
Abre, feliz, as maternais
centranhas,
Para os ventos recolher
A vida misteriosa das sementes".

E, ainda, pela voz dos seres e elementos que a compõem (o tempo, a terra, o mar, a lama, o sol, a flora, o vento, a fauna, todo, imagens, sons, cores, lucros), que a Natureza-Pátria dirige-se aos céus:

"Onde ninfas em pranto, onde
[flânuos em prece]
E histéricas dríadias parecem
Dirigem para os céus, num
[grande apelo à Vida],
Peis unânime voz da Natureza:
— Pá, nosso Deus, é morto!"

Existe uma unidade objetiva no ZODIACO baseada e perfeitamente alcançada pelo poeta. Toda a obra é uma oração, uma ladainha, um hino, um canto uníssono à Natureza (sempre escrita em maiúsculo) e os signos que a constituem.

Há a salientar, ainda, uma outra preocupação de Du Costa e Silva, quanto à originalidade na constituição do seu discurso lírico, que é perseguida com insistência e atingida com naturalidade e perfeição artística. Estamos falando da busca da representação suave do veráculo, numa tentativa de encontrar a sua tradição lúnicosemântica. Sobre esta particularidade estilística da poesia do Autor piauiense, muito já se falou na alteração dos versos do soneto A MOENDA, exotipo por demais citado nas antologias e livros de

"...a poesia é a tentativa de representar por meio de linguagem aquilo que os sentidos dizem, mas que é inefável, nada melhor do que a representação sonora nos versos de Da Costa e Silva..."

teoria da literatura. No entanto, um ouvindo mais atento perceberá que a carga musical, a melopéia, de que trata Ezra Pound no seu ABC OF READING, alcançada pela combinação síntica de sílabas ou vocábulos, está presente na quasi-totalidade dos poemas do Zodiaco e, em alguns deles, em estrofes inteiras, como é o caso de O REDEMOINHO:

"De repente
O redemoinho, rápido, revolto
E desenvolto, voltaia, envolto
No vértice envolvente
Do pôr que sofre sacudindo, solto
No aereo ambiente".

Outras vezes em todo o poema, como acontece com O SAPO, O BESOURO, O CARAMUJO, A ARANHA. No soneto A CIGARRA, o poeta consegue efeitos especiais com o jogo de repetição da vogal i, para representar o som contínuo e estridente do canto do inseto.

Se, como diz Paul Valéry (Ouvre Complète, Paris, 1960), a poesia é a tentativa de representar por meio da linguagem aquilo que os sentidos dizem, mas que é inefável, nada melhor do que a representação sonora presente nos versos de Da Costa e Silva, objetivando traduzir e transmitir a imagem indescritível do redemoinho, ou a canção d'A CIGARRA e d'O BESOURO:

"A harpa, a lira, o arrabio, a
[cítara, a guitarra
Não me igualam nos sons do canto
[original,
Quando estridente, ao sol vire e
[chão a cigarra
Pelo atrito sutil das asas de
[crystal".

"Zomado aos zumbuns, zangado, o
[seu ruído resumiu

E os ruidos ferrões encravando
[num trunfo,
Roda, zombo de sons e tonto de
[perfume".

Esta representação sonoro-vocalizante talvez tenha sido a grande ligação que o nosso poeta aprendeu de Valéry, e ela se confirma no troço dos trovões do poema INVERNO que vai "Arrastando, rosnio, os robes de coldão", como também na

"...vor
Do mar, em vibrações mais vivas,
[quando alaga
E vence o vento a vaga n.
[vulputosa, a vaga
Vibra solitária e veloz..."

(Luna no Mar)

Ou no trabalho das abelhas que, na PRIMAVERA, "Sugam sensuais as sequiosas bocas", ou mesmo n'A CHIYA, quando esta deixa cair sobre a terra o seu pranto, a fim de fecundá-la.

"Ah! como a chuva benfazeja e
[bom.
Que em barulhentas hâtagas rebola
Pelos telludos, tumultuaramente".

Ou, ao contrário da chuva, quando A QUEIMADA

"Tenta em vão traduzir o seu
[tormento
Em estrondos, estrepitos e
[estrilos..."

Exemplos como estes se repetem na grande maioria dos poemas de ZODIACO.

Nos quatro textos que constituem os RITMOS DA VIDA — A Ventania, A Nêvsa, A Chuva e o Redemoinho — a preocupação maior do grande lírico pianense está exatamente na tradução da linguagem das coisas, a linguagem do vento, da neve, da chuva e do redemoinho, através da representação sonoro-sensorial. Pela leitura dos poemas, podemos "ouvir" os uivos do vento e o tropel das animais quando:

"Os ventos passam como uma leva
Raivosa, riscada, revel,
De rugulundos, reprobos e párias,
No hárbaro furor das bestas
[jalimarias,
Em temerário, turbido trope".

O jogo das consonantes v e r, somado à força das preparoxitas, realizam a proposta do poeta, já que a sonoridade de cada sílaba, de cada vocábulo, de cada verso ajusta-se perfeitamente ao seu significante.

Se somos capazes de ouvir os ventos que passam de norte a sul
"Vertiginosas, velejas, varias".

igualmente podemos "ver" e "sourir" A NEVDA que

"Vaga no céu o vacilante
Leve, tangida pelo vento".

Conseguimos, também, "ouvir" e "ver" A CHIYA caendo em pinheiros fininhos, que vão formando, pouco a pouco, uma cortina, um velo

"Cai a chuva continua nas colinas
Tecendo a tempe teia
[transparente".

Ou ainda "assistir" ao espetáculo gigantesco e "acompanhar" a fúria violenta e impulsiva, quando

"O redemoinho rodopia
Na confusão das curvas, de
[carreira

A revelia
Vertiginosa da ventania,
Turbinado e tempe todavia,
Erguendo no espaço turbilhões de
[Ipocira".

Concluímos este nosso estudo reafirmando a intenção invocadora de Da Costa e Silva de dar ao seu discurso poético uma nova feição constitutiva. Para tal, o grande lírico pianense, pensou o círculo d'ZODIACO, imitou d'A ESCALADA que traduz "Esta fehn: perpétua d'acordância", alcançando VERTIGEM, elo segue "E subiu ao sol, o" seu "sonho d'glória", tendo passado igualmente pelo terra, pelo mar, pela lua, enfrentado a ventania, a chuva, neva, o redemoinho, a enchente, queimada, a derrubada, o inverno e verão e gozado o outono e primavera, o amaro jorão prosseguiu admirando as árvores e animais, respeitando a Natureza amando Deus e a humanidade.

ZODIACO:



POEMAS DE
DA COSTA E SILVA

Gerais

Contribuições para o estudo da poesia de Da Costa e Silva

Algunas fontes sobre o poeta

LIVROS

Tributo de Athayde, "Contribuição à História do Modernismo", vol. I, O Primitivismo, 1939.

Clóvis Beviláqua, "História da Faculdade de Direito do Rio", volume I, Literaria Francisco Alves, 1927.

Cristino Castello Branco, "Homem que Iluminou", 1946.

Edgard Carvalho e Manuel Bandeira, "Obra Primas da Lírica Brasileira", Literaria Martins Editora, São Paulo, 1943.

Landolfo Pires, "Pequena Edição dos Seus Poemas", F. Braga & C., 1912.

Agrípina Grinberg, "Estudo da Poesia Brasileira", Literaria H. Antunes, s.d.

Haymundo de Moraes, "Cartas da Flora", Literaria Clássica, 1927.

Andrade Muricy, "Algumas Poesias Novas", Tipografia da Revista dos Trabalhos, 1918.

Mário Rodrigues, "Vida de Impresos", 1909.

Antônio Torre, "Verdades Indiscretas", Literaria Castillo, 1925.

Nossa Vitor, "Cavadas Gente Nova".

O soneto de Tributo de Athayde não publicado antes, quando do lançamento de "Tardivo", em "O Jornal" (1919 ?). É um tributo ao mago literário e faz perfeita justiça ao talento do poeta.

Em "Obra Primas da Lírica Brasileira" de Manuel Bandeira - Edgard Carvalho, dá-se um comentário deste tributo sobre o poeta, havendo porém um lapso lamentável. O poeta, embora não tivesse parte na mais meritória sumarização do modernismo, não se enquadra a margens desse. Sua compreensão é muito preciosa. Daí os seus últimos poemas se encopelarem no espírito desse moderno, da qual foi um precursor também. Sua crítica a "Poema de São", de Augusto Meyer, com suas frases muito estranhas e belas do época, é na opinião deste mesmo, uma das melhores e mais competentes.

A continuação bibliográfica que Landolfo Pires inseriu na "Pequena Edição dos Seus Poemas" é falha. Da Costa e Silva, ao contrário do que afirma, formou-se um Doutor em Recife, no ano de 1913, conforme se pode constatar pela leitura da "Revista Acadêmica" da Faculdade de Direito de Recife, de 1915.

No livro de Agrípina Grinberg há um comentário sobre o soneto "Sanduíche", muito expressivo, tanto que vale a pena transcrevê-lo: "A poesia de S. Da Costa e Silva sobre o sanduíche vale por um desafogo para indústria histórica que sentiu todo aperto mas não submergiu, não poderiam nunca expressar as ambições do autor. Nossa química, veras fábulas sólidas e certeiras de coisas que todos nós, leitores de tristes usos..."

No estudo de Haymundo de Moraes, apesar de sua linguagem jargônica e falso-arte, tão ao gosto tão mau gosto da época, há observações interessantes sobre todo sobre as poesias do poeta, sobre suas dívidas hereditárias, um pouco e tudo mais.

Um dos melhores trabalhos de compreensão da obra do poeta é este que se encontra em "Algumas Poesias Novas", de Andrade Muricy, versátil e rótulo de "Zodíaco".

É necessário salientar a crítica de Antônio Torre, fol Da Costa e Silva o maior homem de letras do Brasil seguindo pelo mérito de gênio. Este artigo fico publicado em "A Notícia", quando da inauguração de "Zodíaco".

POST-FÁCIO

Mário Rodrigues, "Elogio de Da Costa e Silva", in "Veronica", Brasil Contemporâneo, 1927.

É um estudo feito com o coração este post-fácio do grande jornalista brasileiro. Análise Da Costa e Silva, maximamente, e a compara, com grande mestria, aos grandes poetas mundiais, chuzmando-o de maior poeta de seu tempo.

AMIGOS

Alexandre de Albuquerque, "Resumo Literário", in "O País", 1917 (?).

Márcio, em Almada, "Zodíaco", in "A Notícia", 1917.

Acácio Bessa, "Resumão dos Deuses", in "A Luz" (Pará), 1919 (?).

Caetano Borba, "Zodíaco", in "Jornal do Recife", 1917.

Miguel Mello, "A prodigiosa literatura de hoje", in "Correio da Manhã", 1919 (?).

Caetano Meneses, "Zodíaco", in "Jornal do Ceará", 1917.

Atílio Mílan, "A Aza de Dom do Pernambuco", in "O Jornal do Rio de Janeiro", 1º de julho de 1950.

Vicente Mirella, "Vida Literária", in "Jornal do Comércio", 1º de Julho, 1917.

Clóvis Magalhães, "Da Costa e Silva", in "O Estado do Ceará", 1917 (?).

Joaquim Mendes, "Ignorâncias influências na poesia brasileira", in "Astros e Lívers", suplemento literário de "A Manhã", 17 de janeiro de 1943.

Nascentes Murais, "Um nosável poeta morto", in "Parabólica" (Marmôa), 1919.

Plínio Motta, "Crônicas do Sul", in "Jornal do Ceará", 1918 (?).

Abdias Neves, "Um grande poeta pionheiro", in "Montes" (Piauí), 1909.

Idem, "Traços e Notas", in "Cidade de Tóquio", 1917 (?)

José Olívio, "Crônicas Literárias", "Zodíaco", in "Correio da Manhã", 1917.

Idem, "Crônicas Literárias - Pandore", in "A Rua", 1919.

Alberto Olavo, "Um poeta singular", in "A Notícia", 1919 (?).

Artur Oltram, "Da Costa e Silva", in "Diário de Pernambuco", 1909.

José Ribeiro, "Pandore", in "A Imparcial", 21 de junho de 1919.

Idem, "Veronica", in "Jornal do Brasil", 4 de abril de 1927.

Leônidas Paulino, "Uma quadra esquecida", in "O Malho", 6 de fevereiro de 1926.

Sakomai (Neville Pinheiro), "Notas Literárias", "Zodíaco", in "Gazeta dos Suburbios", 1917 (?).

Marcos de Freitas, "Impressões de Arte", in "Jornal do Brasil", 1917 (?).

Franclino de Souza, "Mauá Largo", in "Folha de Minas", 28 de maio de 1949.

Idem, "Da Costa e Silva", in "Folha de Minas", 3 de julho de 1950.

Antônio Soárez, "Pandore", in "Folha de Pernambuco", 6 de setembro de 1919.

A. J. Passos da Silva, "Zodíaco", in "A Epoca", 1917.

Bartolomeu Tijó, "Da Costa e Silva", in "A Notícia", junho de 1950.

Renato Travassos, "Da Costa e Silva", in "Correio da Manhã", 18 de julho de 1950.

Caetano Viana, "Zodíaco", in "O País", 1917.

Mário Villalba, "Ave, Pandore", in "A Cigarra", 15, Paulista, 1917.

"Desnecessário um poeta - Da Costa e Silva", in "Correio da Manhã", 9 de julho de 1950.

Afora estas, existem centenas de outros estudos e comentários sobre o poeta e a sua

obra. Chamar a atenção novamente para dois estudos: o assinado por um ilustre desconhecido, Marcondes do Prado, e outro pelo ex-servidor José Mumbelli. Um ambos lhe refletem sobre os supostos plágios do poeta. O de Marcondes do Prado foi respondido pelo próprio Da Costa e Silva, em carta que dirigiu ao "Jornal do Brasil" na época em que se publicou o referido artigo. Ela só responde. Não poderia mesmo ser respondido. O de José Mumbelli, muito equilibrado, sobre o soneto "Sanduíche", de que existe uma forma plena do poeta Maranhão Sobrinho. O assentimento do crítico maranhense Antônio Lopes, excluiu definitivamente quanto a prioridade de Da Costa e Silva. Ainda que assim não fosse, restaria louvar a surpreendente honestidade do preceptor de nosso poeta.

ENTREVISTA

Salvadino Coelho, "Conversando com Da Costa e Silva", in "A Voz do Pernambuco" (Órgão do Grêmio Literário Da Costa e Silva), Tomariz, 30 de Dezembro de 1948.

O interesse deste reportagem reside no fato de ter surpreendido o poeta já doente, e estar a sua memória extraordinária e a pertinacidade da poesia em seu espírito, agradar de tudo.

HOMENAGENS

Câmara dos Deputados - discurso do deputado Adelmas Rebeba, in "Diário do Congresso Nacional", 1º de julho de 1950.

Senado Federal - discurso do senador Luiz Mender Ribeiro Gonçalves, entre outros dos senadores Hamilton Nogueira, João Antônio da Mota, Augusto Meira, in "Jornal do Comércio", 1º de julho de 1950.

Academia Brasileira de Letras - discursos dos acadêmicos Clóvis Mário, Celso Viana, Adelmar Tavares, Mário Lobo, A. Carneiro Leão.

No Plenário várias foram as homenagens realizadas em cronaca à parte.

O discurso do senador Ribeiro Gonçalves formou uma extensa menção e elogio do poeta. Foi lusitano na sua Asuncion e redigiu numerosas poesias de grande plenitude. O senador Augusto Meira louvou ainda uma vez a recordação de se mandar gravar em bronze, em monumento público, no campo de ensaio de Parnamá, o soneto "Sanduíche".

ICONOGRÁFIA

Costa Dias, reprodução do poeta em "Zodíaco", reproduzido no "Diário de Notícias" agosto de 1950.

Maurício Júlio, foto do poeta, reproduzido em "Pandore".

Pedro Silveira, retrato do poeta, in "Correio da Manhã", 9 de Julho de 1950; "Ilustração Brasileira", Agosto de 1950; "Diário de Pernambuco", 16 de Julho de 1950; divulgado graças ao poeta Carlos Denizard de Andrade que difundiu numa propaganda.

Telêférico de Moraes Braga - Olho do Puma, para a Biblioteca Pública de Teresina (1948).

Desenho a lápis de pena, in "Pequena Edição dos amados Brasileiros", de Landolfo Freire.

Também são algumas imagens para o aniversário de Da Costa e Silva e de sua poesia. Embora a memória das suas hojas de difícil acesso, explica-se este repertório como uma tentativa de sistematizar o que se escreveu sobre o poeta, facilmente assimilável por aqueles portugueses.

Naturalmente que para conhecer Da Costa e Silva é necessário ler a sua obra, hoje amplamente segredada. Ainda faltam, porém, anexar "Poesias Completas" da grande plenitude, englobando os seus livros publicados: "Sangue" (1909), "Zodíaco" (1917), "Verbações" (1917), "Pandore" (1919), "Veronica" (1927) e mais um sexto - "Almada" - que o poeta vinha organizando e deixou incompleto. O volume será editado pelo "Crusado" e traz um prefácio sobre o poeta e um post-fácio crítico sobre a sua obra, confidencial a duas personalidades marcantes de nossa literatura, que pertencem à sua geração.

II José Oiticica e Zodíaco

Do Sangue, publicado em 1908, no livro de hoje a evolução de DA COSTA E SILVA é grande e definitiva. Faz-se no rumo certo, apesar que o levara, triunfalmente, a um dos postos altos da poesia nova no Brasil.

Essa poesia nova existe. Existe como se definiu há tempos estudando a Génese de HERMÈS FONTES. Existe com o certo mais vidente, a mais prodigiosa expressão da alma brasileira, cheia de reentrâncias lóbregas e alegrias. É uma poesia que se ressentiu do contacto dos Andes, da Amazônia e do Atlântico, misturando mormurejam fontes, píram, caborés e manazás tresselam.

Poesia onde tudo vive, onde tudo é humano, integração da alma humana em todas as coisas, como o pantheismo é integração em todas as coisas da alma divina.

Essa poesia caracteriza-se, é bom lembrar, por três virtudes: a linguagem, o estíl, o pensamento. O poeta novo ama a língua em que fala, como Paderewsky ama o seu piano ou Vreklay o seu violino. Cultiva-a, apura-a, remolda-a, renova-a quanto pode. É um aristocrata da palavra.

Depois serve-se dessa língua para enriquecer a engrandecer a obra húngara da orquestração do verso, como disse LANSON. O verso de HUGO era uma orquestra poderosa; mas, depois dele, vem o verso livre e free verse, a que mal se ajunta o francês seu estrafalário e com superabundância de agudos, é uma renovação na língua portuguesa. Muitos novos versos clássicos, os "novis" conseguiram a concisa, o equilíbrio, a riqueza, o vigor que não lhe puderam dar os chamados "jurnalistas". A métrica nova, instituída por HERMÈS FONTES e que reduziu a doutrina nos novos ESTUDOS DE PHONOLOGIA, chegou à perfeição prosódica, à sua condensação máxima e justa. A composição do soneto exigiu novas rigores que lhe aumentaram o fulgor e a beleza.

Enfim, o pensamento — digamos, a orientação converge, nos quatro ou cinco verdadeiramente novos, para o que ROCHA POMBO chamou, com muita propriedade: "pan-psiquismo". Nesse pan-psiquismo há, porém, pela força das circunstâncias, uma como, centuplicação da alma do poeta: uma disseminação de si mesmo, tanto maior quanto mais variada e rica é a natureza do Brasil. O poeta tem de espalhar a alma agitada para animar seres sem vida; olha em torno e vê a demeiaida multiplicidade de seres inanimados, vegetais e animais, a miscelânea mais numerosa e disparate da criações, milenáreas. E ele expande-se, pulveriza-se em pequenas almas que vão gritar e sofrer por cristais e óculos. Para realizar esse milagre deve ser vasto, capaz dessa

dispersione, capaz de encher, com a sua ideia, o colossal ambiente ambiente. Assim, ou é grande poeta ou não caracteriza essa poesia.

A frase verdadeira é a de ALCIDES MAYA: essa poesia ou será um titândio ou não será nada.

Essa poesia é a de CARLOS D. FERNANDES e de HERMÈS FONTES, a de AUGUSTO DOS ANJOS. A morte desta foi a maior desgraça para a poesia brasileira, comparável às grandes desgraças das mortes prematuras de CASTRO ALVES e CRUZ E SOUSA, dois gênios. Sente-se em dos ANJOS a musculatura de um ciclope. Tinham todos os predilectos de um criador, tanta a agitação de inspirado.

Nessa poesia crescia-se o talento anunciativo de GILKA MACHADO e revelava-se agora, decididamente, DA COSTA E SILVA, como já revelou ILDEFONSO FALCÃO. Escrevendo sobre HERMÈS FONTES, transcrevi um soneto médio de DA COSTA E SILVA onde percebi na tonificação nova aliás flagrante em duas composições do Sangue "Rio das Garças" (tugor incluído no Zodíaco) e "Saude-

Mas, em Sangue, DA COSTA E SILVA era muita gente, menos ele mesmo. Notava-se a incerteza de quem, na floresta brava, não atina com a direção do ponio. Nesses nove anos de silêncio fez-se em seu espírito o trabalho penosíssimo das rendências. Seu livro mostra que só conseguiu desapegar da sua exterioridade todas as influências, retalihos de outras almas que se adaptaram a sua e a martirizaram. Aparece-nos agora um grande poeta, com todos os características assimiladas de um novo, maior grau de hesitações secundárias na métrica, hesitações que se definham.

Para ler-se o livro de DA COSTA E SILVA, com espírito de análise, de crítica justa, é preciso não perder de vista o que há nela de "malabarismo proposital" de "estudos de técnica".

O poeta de hoje não é mais o poeta de 1850, que só contentava com metrifícias surrivelante. O verso exige agora o trabalho de harmonização e instrumentação. O poeta é harmonista, contrapontista, concertador de coros, marcador de cenas. O livro de WAGNER sobre a Direção da Orquestra poderia com vantagem servir para esses mestres da palavra.

A assim esses "estudos" justificam-se. São estudos com os dos compositores. O essencial é que denotem "estudo" e, dentro da técnica, mestre em "pensamento" e "emoção". Isto é, sojam obras de Arte.

Merade do Zodíaco é a documentação brilhante dessa preocupação de técnica. DA COSTA E SILVA demonstra extraordinário poder nesses brincos de alota.

Desde as estrofes singelíssimas das

"Horas" até as vertiginosidades do "Redemoinho" tudo proclama a virtuosidade desse prestidigitador, cujos dedos não executam apenas passos difíceis mas diabolamente emocionantes. Mesmo quando é ilusionista o poeta!

Fia como termina "Outono":

O outono só vem... Bendito seja
O outono no seu fogo abrasador.
Que traz a morte para o bem da vida,
Bem haja o deus que batizá a sua igreja,
Para erguer-la, depois de demolida,
Ante a glória da luz, para o culto
do Amor!

Dos "Poemas de Flora", seu diante
DA COSTA E SILVA toma as vestes
sacras e sobe ao altar-mor, para officiar como sacerdote. Sente-se então, a religiosamente pagã do artista, a embriaguez desse erigidor de damas, padroeiro da Beleza.

Basta ler os dois sonetos de "Sub Tegmine", o segundo dos quais transcrevo, com pena de não transcrever o primeiro:

Arvores Junto a vós como esta vida é
bela!
Como é calma e feliz no seu simples aspecto,
Para quem vai buscar num seio mais
discreto
A paz que lhe faltou e os raios vos
povoam.

Se o homem vos bendiz, tudo vos
abençoa,
A vós que sois o berço, o leito, a
mesa, o leito...
Desde o verme rasteiro ao volátil inseto,
Da ave implume no ninho ao planeta
que vos...

Ah! souberse quem sois e, de alii
enternecidos.

Não vos cortara, não, o homem
ristico e bruto.

— Poupad-vos, poupara a alegria
da vida!

Não vos magoara, enfim, nesse sol
impoluto.

Em que a mãe-Natureza a viver e
conviva,

— Um riso em cada flor, um beijo
em cada fruto!

Veja-se ainda este, admirável:

A PALMEIRA

Que orgulho não terá essa palmeira
exul
Na soberba altivez de seu talhe
elegante.

A abrir os leques real da folhagem
flutuante

As carícias do Norte e as afagos do
Sul!

O poeta e a crítica ontem e hoje

Com as raízes rugando e seiva do
pau,
Parce que possui o desejo triunfante
De dominar o céu tão alto, tão
distante;
E o sonho, enfim, rebenta em palmas
pelo Azul...

Verdes fabelos no ar, alta, esbelta e
vivente,
Dá a impressão de que tem o soberano
ideal
De crescer, de subir indefinidamente.

Entre os beijos de luz d'este sol tropical
A alta palmeira exal que validade não
sente
No ligno coração de mulher vegetal!

Os sonetos da fauna têm maravilhas. O "Caramujo", "Sapo", o "Be-
souro", a "Aranha" são modelos de
técnicas, efeitos e personificação das
coisas.

Na série de "Minha terra" o ar-
questrador como que rugiona, volve
ao lar, exprima os olhos doloridos pelos
ernos, revê amores velhos, águas sus-
pidas, campos de outrora, e canta ge-
nendo;

A CANTIGA

Havendo ao rude engenho a roda
grande
Cantam na lida os homens da lavoura,
Aos cérebros sons da moenda rugidora
Enquanto a vida à luz do sol se
expande.

A mole férrea, sem que o péso
abrande.
Gira veloz, como se próprio fôra
O humano sólido da força propulsora
Que faz com que ela, assim, ande e
desunde.

Cantam os homens no auge da labuta,
E a roda, sem parar, gira e mastiga
As raízes que apura à força bruta...

Cantam, homens de Deus! que essa
cantiga
Vos dá novos alentos para a luta...
E quem luta a cantar não tem fadiga!

"Natureza sofredora" há de ficar
entre os sonetos celebres da língua
portuguesa, pelo seu profundo estetismo,
sua misteriosa compreensão das
dóres humanas relacionadas às dores
da natureza:

Desiludido ser que em vão maldizem,
Culpando a vida, as suas vãs torturas.
Mal sabes tu que tantas desventuras
Na tua própria origem têm raízes.

Prevendo a condição dessas desditas
Tão natural nos homens e nos brutos,
Há nos séres resultas infinitas.

E assim que existem córregos enxutos,
Ventes estéreis e árvores malditas
Que não dão flores para não dar
frutos.

Zodiaco, entretanto, é mera amosta.
DA COSTA E SILVA ilustra apenas de que é espaz. Seu livro é o
dinamômetro indicador da riqueza dos
seus bicos, tronados, prontos durante
as empresas grandes. Ele coloca-se na primeira fila dos verdadeiros

"novos" e apinha as lages brutas com
que vai construir sua "Porta dos
Jóques".

NOTA — Publicado no "Correio da
Manhã", Rio de Janeiro, 26 de janeiro
de 1917.

III Antonio Torres e Zodiaco

A crítica já exeguiu o que se podia
dizer do Zodiaco, livro de versos do Sr.
DA COSTA E SILVA. Toda a im-
pressão já é cíngeio e justamente. Pelo
menos quanto à forma, é um excelente
livro. O Sr. DA COSTA E SILVA sabe
trabalhar o seu verso como poucos.
Conhece a sua língua - "avis para a
terra aliena". Tem o sentimento da
medida e experimenta com clareza.
Evita certos trapézios e pedrouços de
pesado gosto, que costumam desfechar
os livros de poetas novos, aliás imprécavos.
O seu livro está cheio de alterações e sonâncias que são novidades
para a nossa língua. Aprendeu-as o
poeta, ten dúvida alguma, em EMILIO
VERHAEREN, esse ciclope formidando e tumultuoso como as "For-
tes tumultuosas".

Em, alto brado desvairado.
Pissam os ventos nos descampados
As avalanche em turbilhão,
Imprecando, bramindo, soluçando,
Num cõro formidando,
Pela amplidão.

Tôlo este "Ventania", que é tra-
balho de lido lavor, e vacila em re-
percussões verhaerianas. Por vezes,
o amor, a misericórdia e a tortura da
misantrópica "sana" ou "sair" fôr
fazem o poeta deslizar num cõro a
que os gramáticos chiamam "collas", e
ver a ser a repetição freqüente da
mesma consonante para "obter certos
efeiços onomatopéicos".

Exemplo tirado de "Rodomoinho":
De repente
O rodomoinho rápido, revoltô,
E desvelto, volteia, envolto
No vértice envolto
Do pô que sobe acudido, vólto
No aereo ambiente

Como se vê, uma amoral e nula
logomaioria. O Sr. DA COSTA E SIL-
VA é antes de tudo "um descriptivo".
Quanto seria preferível que ele fosse
mais subjetivo! E ele o poderia ser
muito mais, se o quisesse. A
"Escalada", "Natureza sofredora" e
"A vorticem" dão bem alto da
força criativa do poeta. Nossas compo-
sições e que há verdadeira "poesia",
ainda é intocada traduzida por imagens
que nos deixam entrever uma
personalidade que se entusiasma e
vibrar diante do espetáculo do mundo.
"Ritmos da vida", "Imagens da natureza",
"Poemas da flora", "Poemas da fauna",
"Minha terra" e alguns poemas de outras divisões do livro são
como os poemas sinfônicos - do maes-
tro NEPOMUCENO admiráveis pelas
diferenças técnicas evididas, mas
frios e inemotivos. Em resumo: mais
"beau feito" do que propriamente
"belo". Os aspectos da Natureza que
nos apresenta nôs o Sr. DA COSTA E
SILVA chegam até nós inanimados
como se nos fôsem dados por películas
cinematográficas. O poeta, levado
pelo seu horme à pieguice, supondo
que a alma de um poeta não nos in-

teressa, impessoaliza-se demaciada-
mente. Ora, isso é um erro. Um poeta
vale justamente pelo bonito da alma,
da sua alma que ele for capaz de
traduzir em imagens. O essencial é
que essa alma seja elevada e universal.
Da Natureza-mãe, nas suas crises
De dor, depende a sorte das criaturas.
Vem daí as fatalas selvas escureas
Do destino dos homens infelizes.

Tem-se estranhado que no livro do
Sr. DA COSTA E SILVA não haja
uma pulreira para a mulher. Isso
revela, a meu ver, uma face da sua
superioridade intelectual de poeta.
Provavelmente te nisto estamos de
pleno acordo! Ele está convencido que
mulher é um tema rusto. Já inspirou o
que podia. Já deu o que tinha de dizer.
O mundo, isto é, o seu, as aguas, as
montanhas, as florestas e os animais
(menos a mulher) é que ainda podem
oferecer ao poeta motivos de alta con-
templação. Sóis estes céus azuis e
escampus, sub este sol canicular, no
meio desta vertigem de cores, é im-
possível espiritualizar uma mulher:
femos de cair fatalmente na sensuali-
dade pura. Ora a sensualidade não
pode ser motivo de poesia verdadeira
nestes tempos de renascimento espiritu-
al. ZARATHUSTRA, na primeira
parte do seu livro, diz:

"Ame a floresta. É difícil viver nas
cidades, onde não é muito numerosa ou
que estão no coto.

"Não é melhor viver entre as garras
de um faísca ou de um leão?

"É ótimo, pois, para esse homem
o seu olhar a testemunha — não co-
nhecem nenhuma melhor no mundo do
que deitar-se com uma mulher.

"Mas têo lama no fundo d' alma e
não deixa se a sua lama tiver espirito!

"Se ao menos fosseis uma bela
perfeita, mas para ser uma bela é
preciso de ter a inocência!"

"Assimelhar-vos-ei ou extinguir os
vossos sentidos! Assimelhar-vos a inocé-
nça dos sentimentos!"

Assim falava ZARATHUSTRA. Mas
como chegar a ter a "Inocéncia dos
sentidos" sob um olho que a todos os
momentos não convida a outras ati-
tudes senão as da sensualidade? Na-
turalmente isto, impassível por inde-
nte e a objetividade exagerada dos seus
versos o prova exuberantemente, o Sr.
DA COSTA E SILVA não podia ser
um exaltado chante da Mulher. Como
ZARATHUSTRA, ele sabe, por instinto
que a criatura diante da qualquer es-
piral de pouco saber. "E como sabem
nos poemas coisas, diz ZARATHUSTRA
na segunda parte, armados a fundo de
curação os pobres de espirito, primei-
ralmente quando são mulheres mo-
ças. Assim falava ZARATHUSTRA e
não é que pensa o Sr. DA COSTA
E SILVA. Por que censurá-lo por tal?
Deixemos que o envirem os milho-
res...

NOTA — Publicado em "A Notícia",
Rio de Janeiro, 27 jan, 917.

O poeta e a crítica ontem e hoje

Poetas do Brasil

IV CORRÉA JUNIOR E DA COSTA E SILVA

Faleceu quase despercebida em São Paulo a notícia do falecimento de DA COSTA E SILVA, ocorrido a 29 de junho último. Nada se escreveu, até agora, em homenagem a essa grande vida que se extinguiu, há dias, no silêncio de modesta mansão curioná, deixando da sua passagem pela terra inapagáveis charmes de beleza.

Não é de duvidar, porém, que a memória do vigoroso cantor de *Sangue e Zodíaco*, do confrangido autor dos amores "Saúlade" e "A moenda", hoje se inclua entre as mais representativas erupções da poesia no Brasil — recebe, ainda, da atual geração de intelectuais brasileiros, a condecoração a que tem pleno direito.

DA COSTA E SILVA foi, realmente, uma figura de profunda projeção nos meios literários do país.

A publicação de *Sangue*, seu livro de estreia, em 1888, constituiu acontecimento notável na literatura brasileira. A filiação de poetas da qual devoi a ser, nesses tempos distantes, um dos arcos de primeira grandezza, exerceu incontestável influência na poesia nacional. Seus versos andaram de bôas em bôas, entre os plurimuitos do "odo o Brasil", que festejaram com entusiasmo a primeira volta triunfal do haurir pluriante.

Mas, desde aquela extra enfermeira, em 1902, DA COSTA E SILVA, de natural retrado e triste, abismara-se na mais tremenda solidão entre as quatro paredes da sua casa residencial. E, longe disso bôa, não tardou que pelos botões fosse expulso.

Chegou a sua vez porém, de alçar-se ao infinito, de libertar-se do seu encanto de sombra e sofrimento.

E, duas vidas que o levaram para a mortada misteriosa das trevas, cai sobre a terra, que os seus pés palmilharam, uma paixão sonora de luzes.

Há-de, um dia, chegar ure sia um poncio dessa mística radiação; e então ficaremos, acentos e dedicatórios, a ouvir a ocação do grande poeta.

V

Judas Isgoragota a Da Costa e Silva

Relembremos hoje a vida e a obra de um poeta, o poeta que legou à poesia letitra uma de suas fôrmas mais sugestivas e mais belas, o famoso verso "Saúlade". Este poeta se chama ANTONIO FRANCISCO DA COSTA E SILVA, com justiça um dos grandes lapidadores do verso e um dos mais inspirados artistas do Brasil.

Tendo nascido na cidade de Amarante, Estado do Piauí, a 28 de novembro de 1865, DA COSTA E SILVA pertenceu à geração que nos deu CASTRO MENEZES, OSCAR LOPES, AUGUSTO DOS ANJOS,

HENRI CARVALHO, CRUZ FILHO, MARTINS FONTES, D. AQUINO CORRÉA, MANUEL BANDEIRA, HUMBERTO DE CAMPOS, HEITOR LIMA, LINDOLFO ESTEVES, ADELMAR TAVARES, HERMES FONTES, AGRIPIÑO CHIACCO, AFONSO LOPES DE ALMEIDA, OLEGARIO MARIANO, MÁRIO LIMA, NIARES SILVA, LOBATO, RAUL MONTEIRO e muitos outros. DA COSTA E SILVA era, portanto, vinte anos mais moço que OLAVO BILAC, que lhe a mais viva resiliência da Vida Lettrée literária de sua geração, sumariada por AUGUSTO DE LIMA, RAIMUNDO CORREIA, JOÃO BORGES, SEGUNDO WANDERLEY, CONSTÂNCIO ALVES, CRUZ E SOUSA, COLHOS NETO, VITÓRIO SILVA, EMÍLIO FERNATA, VIDENTE DE CARVALHO, EMÍLIO DE MENEZES, GUIMARÃES FASCH, MEDIUROS E ALBUQUERQUE, MÁRIO PEDERNEIRAS, LEONÍDIO CORREIA, respectivamente falidez, e muitos outros.

A geração de OLAVO BILAC sucedeu a de DA COSTA E SILVA, e não há como não reconhecer que ambas se equivaleram. Ambas cultivaram com carinho o idioma, palavras urubas trufalharam copiamente o verso clássico, ambas se elevaram às culminâncias da poesia lírica, purismo e simbolismo.

ANTONIO FRANCISCO DA COSTA E SILVA, depois de fazer o 3º ano na Faculdade de Direito de Recife, transferiu-se subitamente às ruínas de sua etérea infância para a Bahia e por lá para o Rio de Janeiro, onde brilhou em os nomes de OLEGARIO MARIANO, HERMES FONTES, RAUL MAGNHAO, ALBERTO DE OLIVEIRA, OLAVO BILAC e outros, que logo reuniu-se a aquele jovem moromo, retrôido e ambaro, uma das mais notáveis revoluções da poesia brasileira.

De fato, DA COSTA E SILVA viria no cenário brasilero já virtualmente confrangido como o autor do "verso Sangue" publicado no *Recife*, em 1888, versos notabilíssimos escritos por um estudante de 23 anos apena.

Sangue... E o poeta, claramente inspirado nos alquimistas. — VERLAIN, MALLARMÉ, CRUZ E SOUSA e ANTONIO NORBÉ — usavam para a poesia brasileira uma nota impressiva e forte, naquela linguagem "científica" tão degradada de alguns poetas do inicio do século e que viria contribuir a extraordinária poesia de AUGUSTO DOS ANJOS:

"Sangue, fluido genético e fundo
Do tantalismo que anda em mim
disperso,
— Rocio com que alesto, cosa que
lamento
As semementeas ruídas do meu verso!"

No fundo, porém, era a nota lírica e predominante de seu estro, desde cedo superestimada pelas notórias boêmias. VERLAIN e MALLARMÉ inspiravam no nessa extravagâncias em que o verde absurdo era subversivo pura e simplicemente pelo absurdo translado e traçado da "rigida moenda". E ebrio de sonho, só-lo a cantar em sua "Canção de bêbedo":

"Bêbedo eu vivo de ilusões formosas.
E tenho algumas véses, que endoidaça
Minha triste e feimosa cabeça.
Coroada de estrelas e de rosas."

Entretanto, a nota mais encantadora daquela poesia que se apresentava, vitória, sob o rótulo de "Sangue", era a paisagem lírica de sua terra — a cidadelha de Amarante, à margem do Paraguaçu, entre este e dois de seus afluentes; e o próprio Paraguaçu, com as suas balas e, assim, a terra de seu Piauí, com "a algazarra infantil dos periquitos" e a tuluganza da névora que se levanta, lenta, lenta...

AMARANTE

A minha terra é meu céu, si há céu sobre a terra:
E um céu sob outro céu tão limpido
e tão brilhante.
Que eterno solho azul parece estar
mudando
Sobre o vale natal, que o solo à luz
descreca...

Que encanto natural o seu aspecto
encerra!
Junto à passagem verde a igreja branca,
o fundo:
Das casas que se vão, pouco a pouco
apagando
Com o nevoento perfil nostálgico da
serra!

Com o seu povo feliz, que ri das
próprias mágoas.
Entre os três rios, lembra uma ilha
alegra e linda.
A cidade sorriindo aos oscilos das águas.
Terra para se amar com o grande amor
que eu tenho!
Terra onde vivo o berço e de onde esperei
alma
Sei palmas de gleba e os dols brancos da
tra leão!

O autor filial à sua terra é um
constante no coração do poeta. Seu
pensamento para sempre no círculo
modesto e leito. Agora, é o velho Paraguaçu, o rio brasileiro cintado com i-
molas fraternas salivas, devido po-
ticias de seus prados, e que intercorre de
DA COSTA E SILVA este verso
magnífico: "Rio das Gargas"

"Na verde catedral da floresta, num
coro
Triste de canto-chão, pelas naves da
maria.
Desce um rio a chorar o seu perpétuo
choro.
E o amplio e fluido lençol de lágrimas
descute.

Caídos o rolar, desde o seu
nascedouro,
Num rumor de orações no silêncio da
oblaia.

Ao sol — lembra um rosal triste
irradiado de oras,

Ao luar — ruídas e lins com vidrilhos
de prata.

Alvas garças a piar, arrepiadas de frio

Seguem, de absinto olhar, a várzea
correnteza;

Pendem ramos em flor sobre o espalho
do rio...

E o Paraguaçu assim, carpindo as suas
mágoas,

— Rio da minha terra, ungido de
tristezas,

Refletindo o meu sorri flor móvel da
água..."

O poeta e a crítica ontem e hoje ■

DA COSTA E SILVA bacharelou-se em 1913 pela Faculdade de Direito do Recife. Entretanto, quase que não exerceu a profissão. Encantou-se para o jornalismo, dedicou-se às letras, até que por fim ingressou na carreira burocrática, como funcionário do Ministério da Fazenda. Publicou por essa época os livros *Elogios dos olhos* e *Poema da Natureza*. Em 1917 publicou *Zodiaco* e o poema Verhaeren, poeta belga, pinçado de versos livres na língua francesa e que tanto influência exerceu sobre o espírito de antarcticano fiorino. Em 1919 publicou *Pandora* e em 1927 *Verônica*. Em 1934 foi publicada uma Antologia de seus trabalhos.

Em 1931, DA COSTA E SILVA chegava à Paulista, nomeando delegado fiscal em São Paulo. Realizavam-se nela encontros sob o título de "O momento literário em São Paulo". Em companhia de CLEOMENES CAMPOS, fomos convidados a poeta de *Saudade*. Inicialmente, indagamos de sua formação literária. Respondeu o poeta:

"A minha formação literária é fez-se naturalmente, sem que eu desse por isso, pela leitura de quantos livros me vieram aos olhos curiosos, no sentido do Flaubert. Li, a princípio, sem pretenção intelectual nem predileção artística, prosa e verso. Por Idecidade, CERVANTES e MACHADO DE ASSIS foram os primeiros autores preibidos, lidos, furtivamente e furtivamente, à vista de meu pai, que não era letrado, mas homem de bom gosto.

"O poeta de MACHADO DE ASSIS" — dizia sempre, com ênfase. De fato, mais tarde encontrei no grande preceptor os clássicos mais ricos de nossa poesia. Depois, a filosofia me surpreendeu, no curso acadêmico, empolgando-me de todo. Vinda trazia a sua luz de mistério à inquietação da poesia. A então alcunha em meu se-para comédia de minha vida. E esta, Deus lорado, tem sido a minha longe-para e companheira."

Sua carreira literária...

"Na terceira, fundamentalmente, carreira literária atualizada. Escrevo por prazer, por uma necessidade orgânica, sem intuito de agradar nem de tirar proveito. Escrevo como vivo, numa galera. São estes os meus livros: *Sangue*, *Zodiaco*, *Pandora*, *Verônica* e uma placa em louvor de Verhaeren, que tive a fortuna deles de apresentar ao Brasil, imediatamente romancado.

— Sendo de sua autoria dois dos mais famosos autores brasileiros: *Saudade* e *A meenda*, qual a poesia de sua preferência, em toda a sua obra?

"Não tenho predileção pelo que faço. Mais devo confessar que aprecio *Natura*, do livro *Verônica* não só pelo seu mérito, mas pelo conteúdo, que é de pensamento, puro motivo que não sai do coração.

Quer ouvir?

"Edava a sonhar contigo.
Mas acordei de repente...
Ouço bater no portão,
Lentamente, lentamente...
Penso que és tu, morta ausente.
Que voltas ao teu abrigo.
Corri, impaciente, a janela.
Olhei a noite, era profundo...

O vento, frio e tracundo,
As árvores arrepela...

E em perguntar à sombra: — E Ela?
Não voltará mais ao mundo:

O chão de folhas se junesse.
Ao vento que as suelta e leva...
E cego, em silêncio, na treva:
— Quem morre não vem mais nunca.

O Corvo de Poe se ceva.
Cravando-me a garras aduncas.

All que saudade! Maldigo
A vida triste e descrente!
Si eu dormisse eternamente...
E volte a sonhar contigo.
Bale o vento no portão...
Cai a chuva lamenta..."

Nossa pergunta seguinte foi sobre o momento literário que estávamos vivendo:

"Tudo o momento é de transição. Na arte, como na vida só há renovação. A possibilidade tende às grandes sinteses como expressões dinâmicas do mundo usual. Clarezas e simplicidades só com essas asas livres e hummadas, poderemos chegar às sereias regiões da beleza. O mais é para imaginação".

Qual a sua opinião sobre as academias, os clubes literários?

"Há um ditado no Norte muito oportuno: 'Canário de magote não canta'."

Qual os seus projetos literários?

"Meus projetos literários resumem-se nisto: realizar uma obra, que, de certo, não realizarei. Os livros anunciamos perderam a atualidade. Trabalho agora em *Jangada* (não me revelam o título), poesia livre e selvagem, aprendida com mestre Amazônico."

NOTA — Publicado na "A Gazeta" S. Paulo, 13 julho 1930.

VI Antonio Simões Reis

Morreu ANTONIO FRANCISCO DA COSTA E SILVA em Amarante (Piauí), a 28 de novembro de 1883, e faleceu no Rio de Janeiro, a 30 de junho de 1950.

Referências

Albuquerque, Alexandre de. — O único poema. "O País". Rio de Janeiro, 30.janeiro.917.

Corrêa Júlio. — Da Costa e Silva. in "A Gazeta". S. Paulo, 7.julho. 950.

Faço, Amélia. — A incomparável. in "Ton-Fim". Rio de Janeiro, 7.julho. 917.

A Academia e os poetas. in "Ton-Fim". Rio de Janeiro, 21.junho. 911.

Inglês, Judas. — Da Costa e Silva. in "A Gazeta". S. Paulo, 11 e 13.julho.930.

Leto, Mário. — Dois poetas paulistanos, in "Jornal do Brasil". Rio de Janeiro, 1.julho.950.

Muticy, Andrade. — Da Costa e Silva. in "ALGUNS POETAS NOVOS" — Capital Federal, 1.918. — De pp. 61-64.

Bibliografia:

— SANGUE. — Recife, 1.908.

Referências:

Lobo, Antônio. — "Da Costa e Silva" in "Pecotilha", S. Luis, 30.dezembro.908.

Nogueira, Benedito. — "Sangue" in "Carreiro de Obras". Oeiras (Piauí), 14.janeiro.909.

DOS — POETAS DO BRASIL — de ANTONIO SIMÕES DOS REIS

Asíduo, Jayme. — "Urbe et orbe" in "A Província do Pará". Belém (Pará), 29.abril.910.

F. (resto), L. (esquido). — "Uma obra de poesia" in "Diário Popular" S. Paulo, 8.marcos.909.

— ZODIACO. — 1916.

Referências:

Albuquerque, Alexandre de. — "Reação Literária", in "O País". Rio de Janeiro, 2.janeiro.917.

Campor, Humberto de. — "Um palácio deserto" in "O Imparcial". Rio de Janeiro, 24.janeiro.

Cunha Vieira da. — "Zodiaco", Poema de Costa e Silva. in "Apollo". Rio de Janeiro, Jancim, 1.917 — De pp. 8-11.

Estrela, Osório Duran. — "Reação Literária" in "O Imparcial". Rio de Janeiro, 8.janeiro.917.

Gumarias, Carvalho. — "Zodiaco", in "Jornal do Brasil". Rio de Janeiro, 22.fevereiro.917.

Lope, Antônio. — "Um poeta" in "Revista das Academias de Letras". Rio de Janeiro, 1930.

Lope, Oscar. — "A semana" in "O País". Rio de Janeiro, 28.janeiro.917.

Meneses, Castro. — "Zodiaco", in "Jornal do Commercio" (Ed. da carde). Rio de Janeiro, 23.janeiro.917.

Oiticida, José. — "Crônica Literária" in "Correio da Manhã". Rio de Janeiro, 20.janeiro.917.

Torre, Antônio. — "Zodiaco", in "A Notícia". Rio de Janeiro, 27.janeiro.917.

— VERNHAIREN. — 1917.

Referências:

Patrício, Cecília Duran. — "Reação Literária" in "O Imparcial". Rio de Janeiro, 26.dezembro.917.

— PANDORA. — Rio; Livraria Castillo, 1.919.

Referências:

Athayde, Tristão de. — "Poesia" in "CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA DO MODERNISMO" — I.vol. Rio de Janeiro, 1.939. — De pp. 153-162.

— "Poesia" in "primeiros estudos" — Contribuição à história do modernismo literário. I. O Pre-modernismo de 1.917 a 1.920. Rio de Janeiro, 1.948 — De pp. 100.

Ribeiro, José. — "Crônica Literária" in "O Imparcial". Rio de Janeiro, 21.julho.919.

— VERÔNICA. — Poesia. Rio de Janeiro, Edição da "Brasil Contemporânea".

VII

Múcio Leão e dois poetas piauienses

Se os poetas fossem como as vidas de BILAC, se, quando eles morressem, aparecessem astros nos céus — os firmamentos do Piauí contariam desde ontem com mais duas estrelas cintilantes. Foi, ontem, faleceram quase a mesma hora os poetas CELSO PINHEIRO e DA COSTA E SILVA. Coincidência estranhíssima: também eles nascidos quase no mesmo dia — CELSO, a 24; DA COSTA, a 28 — novembro de 1885.

CELSO PINHEIRO faleceu em sua doce e querida Teresina, a mesma cidade em que nasceu, onde foi jornalista, funcionário público e homem de letras. Como nunca saiu de Teresina, seu nome pouco conhecido é do Brasil. Pertencia a uma família de poetas e de jornalistas, e, como esta folha lembrava ontem, entre os seus irmãos contou-se LAURO PINHEIRO, amável coração de poeta que há mais de trinta anos deixou de haver, e continua JOÃO PINHEIRO, o autor de uma estimável e bem estudada História da Literatura do Piauí. Outros dos irmãos de CELSO — o caçula da família — é BRENO PINHEIRO, nosso companheiro de trabalho no Jornal do Brasil, antithética vocação literária que o jornalismo observou por completo, o dono feliz de uma das mais formosas, das mais escolhidas bibliotecas particulares que existem no Rio de Janeiro. CELSO tinha, como os seus irmãos, o ardente amor das letras e da criação literária. Dessa paixão, que lhe aborreu vida, iluminaram eloquentes documentos. Os seus três livros publicados: *Arias Irmãs*, que apareceu em 1903, e que é feito em colaboração com ZITO BATISTA e ANTONIO CHAVES; *Fior Inacabado*, que é de 1914, e *Poesias*, que é de 1935. Dos três, o único que passou é o último. Nós, CELSO PINHEIRO resumimos as finas, mas suaves do seu jardim interior, flores de emoção, de tristeza, de ternura.

Era ele, realmente, um lirico de extenuada sensibilidade. Tinha ficado fiel a antigos clássicos de arte, e é possível que uma seleção dos seus versos nos dê, hoje, uma impressão de velhice e de cansaço. Residindo em Teresina, longe das inquietações e das renovações dos grandes centros culturais, e natural que ele se tivesse conservado fiel aos modelos e aos ritmos em que se formou a sua adolescência. Do seu lirismo, porém, vinham enadas nômade gracioso soneto:

Quando fures a minha mulherzinha,
Meu afeto, meu bem, minha vontade,
Eu todo teu e tu somente minha,
Havemos de deixar esta cidade.

Iremos habitar lá para a heridade,
Criando ovelhas e cuidando a vinha.
Tu serás uma pessoa, em verdade,
E a violeta do val tua priminha.

Pelas estradas líricas da roça,
Tendo à cabeça o meu chapéu de
palha,
Rirão de ti as passareira em troca.

E a noite, à luz mortisca da candelaria,
Tu pedirás à Virgem que nos valha.
Quando fures dormir depois da ceia.

Esta era uma das duas notas predominantes na obra de CELSO PINHEIRO; a outra nota mais predominante era aceso, mais carregada de humor que a do lirismo amoroçoado, era a do desencantado, a do desalento e do pessimismo. "Jesus, por que o teu fui meu doctrina", exclamava-lhe em um dos seus sonetos. E ansiosa, lida uma síntese de sua poesia, daquela poesia em que CELSO PINHEIRO definia extraviar-tida a sua intensa e irremediável dor de viver.

Bem diferente foi a aventura da vida para ANTONIO FRANCISCO DA COSTA E SILVA, o outro poeta que o Piauí perdeu ontem.

DA COSTA E SILVA saiu de sua terra natal ainda bem jovem, sócio para realizar seus estudos, sócio para sofrer um dos destinos mais infelizes que um poeta brasileiro ainda amargurou. Nasceu ele na cidade do Amarante, à margem do Parnaíba, a essa circunstância ia ter papel considerável na sua sensibilidade de artista.

Faria cursar Direito em Pernambuco, e lá se diplomaria em 1913. Ainda estudante, fizera em Teresina, concurso para o quadro da Fazenda, sendo vencedor para a Delegacia Fiscal de Minas Gerais. Daí passou a outro cargo, tendo sido em certo tempo, uma das figuras de maior importância na burocracia Pernambucana. Isto até que o destino o feriu em seu cérebro, Lazendo-o retornar a inocência da infância.

Desde então, DA COSTA se tornou conhecido e amado pelo Brasil todo desde os tempos de estudante, em que compunha e editava o seu Sangue. Lembro-me bem, nos meus quinze anos, ainda aluno do seminário, de emoção com que liaímos aquelas rutilantes versões do *Pórtico* do livro magnífico:

Sangue, essência vital do sentimento...

Mas aquele livro continha coisas mais belas que o seu belissimo Pórtico. Ali, na entrada da coleção da DA COSTA E SILVA realizava, sem dúvida, alguma coisa que era pródigo: dava numa alta forma de arte, um pensamento fino e profundo, um pensamento de homem de ciência, de filósofo. Não suspeitava que o evolucionismo, o neogramísmo de seu pai, professor de Filosofia da Faculdade do Recife, se achava então em plena «oga entre os estudantes», sem curioso pesquisar o influxo de suas idéias nos rapazes de maior talento da época, como AUGUSTO DOS ANJOS, THAJANO CHAVES, OREUS SOARES, ANTONIO CARNEIRO LEAO, FREDERICO CLARK, DA COSTA E SILVA, CARLOS DIAS FERNANDES e outros que esqueço. Mas DA COSTA

E SILVA devia ali seu pensamento de estudo da ciência, envolvendo-o em uma forma literária brilhante, o que o distinguiava muito das muitas obnubilações da poesia científica de um MATTINS JUNIOR, por exemplo.

No Sangue, mais belas do que o poema inicial, havia aquela poesia em losango, intitulado *Madrigal de um Louco*, havia numerosos sonetos de um méchido sabor bandelariano, e havia, sobretudo, a *Saudade*, um dos mais lindos sonetos que um poeta ainda escreveu, neste querido linguagem das glórias antenáticas do gênero na poesia brasileira. Acredito que toda gente sabe de cor esse maravilhoso poemazinho. Mas, como a bela poesia é sempre beovinda, aqui mais uma vez reproduzo a *Saudade* de DA COSTA E SILVA:

Saudade! Olhar de minha mãe recordo,
E o pranto lento deslizando em flu...
Saudade! Amor da minha terra...
O rio,
Canções de águas claras soluçando.

Noites de junho... O céu com fria,
As luar, silêncio o arredado, mundo,
Plano...
E, ao vento, as folhas lívidas cantando:
A saudade imortal de um sol de estio.

Saudade! Ass de dor do pensamento!
Gemidos vóos de canários ao vento...
As mortalhas das névoas sobre a terra...

Saudade! O Parnaíba velho moner...
As barbas brancas alongando...
E, ao longe,
Os mugidos dos bois da minha terra...

Essa não é a única evocação que DA COSTA E SILVA deixou de seu pequeno mundo, de seu Piauí bem amado, do seu velho rouge querido, o Parnaíba de vastas barbas brancas, o rio patiaral da sua infância. Ali mesmo, no Sangue, voltava ele no tema dileto, e non mostrava o Parnaíba na verde estadeal da floresta, refletindo nas águas tristes a figura tristíssima do poeta que o contemplava. Mais tarde, em outro livro, inventava no tema, e voltava os olhos para o Piauí exaltado:

A minha terra é um eu se há um céu sobre a terra.

O complexo da família e o da terra natal, symbolizava nas águas do Parnaíba, ficou eterno em seu coração, e foi esse conjunto de sentimentos e de saudades que um dia o levou a escrever aquela outra maravilhosa sonetos, que todos os que amam a poesia se chocam e sabem de cor:

De lágrimas de mãe, formose...
(um rio...)

DA COSTA E SILVA é verdadeiramente um poeta antológico. Tratando dele temos vontade de transmitir a todos os instantes os seus versos. O leitor viu o esforço que fiz para evitar o alongamento desse artigo com a transcrição de muitas páginas do poeta — páginas que, entretanto serviram para deixar aqui um retrato nitido da alma dela, e que serviriam

O poeta e a crítica ontem e hoje

também, para valorizar estas laudas com frases encantadoras, com encantadores conceitos.

Tal foi o poeta DA COSTA E SILVA, tal foi a profunda, a maravilhosa alma cujo esplendor para a terra o destino uma última vez apagou ontem.

Aquelas que amam a boa, autêntica poesia, em aconselho que procurem ler e guardar DA COSTA E SILVA. Ele é um poeta sobre o qual se contingências da hora atual, o

prestígio das correntes literárias em voga, a crueldade das igrejinhas, deixaram cair o silêncio e a obscuridade. Fazem, tanto quanto podemos conjecturar nestas coisas, é ele um dos valores mais puros da nossa poesia de todos os tempos, um daqueles poemas que estão destinados a sobreviver, suas evoluções e suas subversões imensas de futuro...

NOTA — Publicado no "Jornal do Brasil", Rio de Janeiro, 1.º julho, 1950. ■



Da Costa e Silva

■ VIII ■

Renato Travassos e Da Costa e Silva

LEMBRO-ME de quando DA COSTA E SILVA morou em Belo Horizonte, onde alias constituiu família e era figura literária tida em grande e merecido agrado nos meios intelectuais e sociais. O poeta e seus versos tornaram-se, desde logo, familiares na capital de Minas. Ali DA COSTA E SILVA, como ele mesmo nos diz em sua poesia *Luar nas Montanhas*, lhe vinham ao espírito, soberbas, zulosas, estranhas sugestões, em um sonho

avencional que lhe deslumbrava o olhar. Um mundo de idéias e emoções estavam lhe surgindo, a fim de que ele o fosse fixando em versos com aquela mesma intensidade de sentir e com aquela mesma vigor de expressão revelados no *Sangue*, seu livro de estória, publicado em 1908. Durante os anos que residiu em Belo Horizonte, DA COSTA E SILVA, venturoso de viver naqueles céus em que a Natureza, milévirginal, o inesaurível libera,

"entregava as bocas que pedem pão, piedade, encherendo as águas de lutas, encontrou ambiente próprio às suas exteriorizações poéticas, pois daquele tempo são os versos que se encontram em *Zodíaco*, *Verhaeren e Pandura*, e creio não errar, se disser que o poeta encontra em Minas o pouco de ventura que encontrou no mundo, graças à mulher que lhe havia escolhido para esposa e a quem ele, que, antes de casar-se, duvidava de inspirar amor a alguém, podia, convencido de ser amado, dizer em tribunação: "Eu te bendigo, porque a tua vida, iluminada de esperança e amor, traz a felicidade à minha vida. Bebida seja pelo meu amor." Com o casamento, fomos o horizonte que havia em DA COSTA E SILVA. Sem deixar de ser o mesmo admirável poeta de sempre, surge nela o chefe de família exemplar e o funcionário público comprometido com seus deveresfuncionais. Como, porém a ventura é casta chosa e efêmera, veio a morte a levou a espirito, deixando-o em desespero, em companhia de três filhos pequeninos, entre os quais um recém-nascido a quem o pai dedicou um dos seus mais belos sonhos: "Bento, meu filho, em teu anjo impetuoso, que não posso prever, nem sentir, nem querer que, no amanhecer, foste logo enfelado de luto e embrulhado o meu berço o anjo da minha dor. Eu, que de cada filho o destino penitente, lhe a penar em ti que encerra humana, por tua lei natural, tens a sorte do fruto que, na árvore de viver, causa a morte da flor. Se no signo fatal que trovaste mediu, rogo a Deus, como pai, para te conceder as virtudes e o dom do meu sonho infinito. Se podes infeliz. Deves festejar viver, para com isto e amar sempre. Bendito, agora que morreu porque te deu o set"

Embora contrariasse algumas opiniões e encontrasse nova espôsa afetuosa e dedicada, o poeta não conseguiu refazer-se dos abalos mentais de transpor que passara. Daquela visão de que resultou *Verônica*, livro de saudade e dor, alguma coisa de mais lamentável lhe levara, perturbando-lhe o espírito, observando-lhe a inteligência. Não lhe foi possível livrar dos efeitos de tanto sofrimento. A poesia de que se valia não lhe foi derivativa nem lhe diminuía a vivacidade das fendas. Em vão He se escondia conformado com a própria sorte, em sua visão: "Na memória ainda fico a clamar, enquanto a refletir o céu, valse acalmando o mar.

Acalma-se também minha dor, por enquanto. Já comecei a sofrer. Vou agora sonhar... E, já no fim, no livro em que, como um brevíario de angústia, deixou vazado o seu sofrimento:

"Eu de hemílio porque a tua morte, iluminada de saudade e dor, me traz a glória para além da morte. Infelizmente, nesta altura, o homem e o poeta estavam comprometidos com o destino, e disto DA COSTA E SILVA só havia apercebido, desde que, naquela tarde triste, se abriu a terra para receber o cadáver da sua espôsa,

O poeta e a crítica ontem e hoje

tanto natus que me nos dix: "Anoitecia no meus pensamento..."

De então em diante, aquele que era, entre os poetas apreciados no Brasil nesse sentido, um dos mais representativos, talvez e que maior identidade possuía com a Natureza tropical e a que melhor interpretava seus aspectos e suas paixões, rumo ao pantheismo lírico e pagaismo filosófico, foi tentando deixando de ser o que era. Embrode-me de que, em 1.902, instando eu, na Renascença Editora, com GUSTAVO BARROSO, chegar DA COSTA E SILVA, que, à vista, ali aparecia pôrto envelhecido e em seu próprio tratado com artista seu ilustrado. Fizemos os três encorajando durante bem uma hora DA COSTA E SILVA tratar a bala sua história complicada, relativa a uma vitória que ele havia adquirido e que só faltava perguntar aos presentes qual edição que desejava ouvir. Quando ele se despediu de nós, GUSTAVO BARROSO que o observava e estimava, chamou-me a atenção para o fato. Aquilo me impressionou bastante. E o desinteressio mental de DA COSTA E SILVA foi progressivo ate a morte.

SILVA *et al.* / *Effect of Caffeine* 109

muito mais e melhor do que nos dera, porque, na maturidade os seus predicados intelectuais tornam-se bem mais cristalizados, ateis a realizarem uma obra literaria verdadeiramente magistral. A poesia brasileira perdida em DA COSTA E SILVA ha vinte anos passados, como ja havia perdido, em HERMÍES FONTES na mesma época, pelo esquecimento e morte, pelo insucesso, talvez o maior dos valores muito altos, entre os poetas apatericos nesse seculo. O autor de *Apotheose*, como o autor de *Sangue* um e outro distinguindo de qualidades excepcionais em vigor de sentimentos, pensamento e expressao haviendo ainda em cada qual alguma capacidade filosofica para no dar uma interpretacao original da vida e do universo. O patrimonio cultural do Brasil tem sofrido, no trecento a literatura sensistica, muito enriquecido, se outro tivesse sido o destino desses magnificos poetas que, a herois ilizer e apesar do que fao valhosa realizaram, deixam de si apenas uma ametrada de ruindade que ainda teriam de realizar. Tanto um quanto outro deixaram aguda expressao a poesia, com base estetica e filosofica para que estavam mais o entendimento da natureza e sua interpretacao complexa. O amor, isto e, a mulher inspirava lugar secundario na poesia de ambos, embora a melhor das flores e numerosas espes e para o concurso dos homens.

COSTA E SILVA ha outros versos de amar, nela se encontra, no entanto, exaltada paixão pela natureza na qual o poeta tem a verdadeira fonte da sua poesia, a semente inata da sua inspiração. A Natureza através de um temperamento éis a formaçaõ característica da **DA COSTA E SILVA**, que sempre se voltava para os encantadores do mundo objetivo, enla almas amena e penetrativa e o que dela extraiu na tradição em magníficas versas, cheias de estheticidade verbal, de plasticidade formal e de penetração filosófica. As homenagens postumos que se prestaram a **DA COSTA E SILVA** representam, pois, simbólico e necessária conmemoração feita a um dos mais brilhantes e mais representativos poetas contemporâneos a quem muito deve a literatura brasileira.

JUANITO TRAVASSOS



Tristão de Athayde

Tribus de Almada. Fazem profissão de bancharia
mercilem, e outras literárias, etc.

IX Contribuição à história do pré-Modernismo

* Extracto do livro "Conversações Históricas da Modernização - 3 Volumes - A modernização portuguesa, 1550 a 1820 - Ed. Literatura Universitária - Lisboa - Edições Horus - 1999.

De Costa & Silva - "Panthera" - 139 esp.,
List. Castilho - Rio, 1949.

Or. Da Costa e Silva é um poeta simples e superfície, que, assistindo à beleza e soberba dos seguidos do amor, sabe o sustento do vocerar. Confesse que, no se me descurvou o cinto, a capa do farto — aberta nas primeiras páginas, jaz que amontada em josta erudição artificial, abastecendo pelas matas gregas e prata possesões de linda. A Grécia é a nossa moça e o nosso mar! Não queremos compreender a exemplo de Ateneus, seja tempo: "é mais lindo eterno de conoscência e da ignorância" e arrancar a Renata amplexo grão audílio: "O nomeiro" é herança completa ei ouvi dicas dous te caio digno causa e sagres... Mas o patimônio de Roman não era recender que "o mundo só arca sobre os costados a D. se regozijarem as missas ligantes barbaras", mas que havia entre entrem e favel que nos condamna, uma invencível revolução que traga honestos e devotos. Um dia imenso de esquecimento levava a um precipício sem rumo. Abismos se a fundo. Deus... Piso e zimbidos e amores. Os deuses passam como os homens e não convém que fiquem mortos.

A palma da História é um ligeiro desvanececer. O Islam hebreu em desgraça, adeus de Samaritano à custela górica a defrontar o Partenon, a própria prece do Esmo levaram à região exótica de

«deleitante», chefiada por esse nobre Arturo Millesouard, que acaba de morrer. Os padres de São Paulo, os «padres de Iglesia» e os «padres de missões» de «Assentado a Fábio Almeida, ideal primazão trovador» se fizeram para «encontrar nova abóbora». E a charanga é um encanto de encantos.

Não Pallas nasceu intelectual. Apesar de querer os meios mais diretos e penetrais, ele manda os tipos supressivos do leitor, os óbvios, imóveis ditos equívocos, gozo e verdade, para justificarem realismo e, cada pedindo da nossa presençalidade. Pallas prefere que os bárbaros sejam bárbaros, respeito se calcule humilhação e sua luta. Mas não particularizam individualmente a sua estrela transitoria. Toda atenção maior quanto mais humana. E Pallas é o homem

que nos deve guiar.

Tudo o mundo que pensa deriva desse antigo (grego e latim). A realidade é universal. A beleza tem tanto valor artístico quanto moral e científica. Uma civilização que focalizasse excessivamente a arte e desdenhasse o saber — encerraria um erro gravíssimo. Pelo menos não é genial, nem apimentado, Farnel, o súlio restaurador de Atenas antigas, diaeta de Chamonix-land! — “Leibniz” é esse que fazia mistério de notícias raras sobre o autor. Il lassile du bout de sa langue il prononce des « qu'il appelle son joli nom, le condensé de toute une science dans l'Aéropuise » mais il n'y croit pas que des matin, des temps de la sécherie.

Mas qual é o povo que se temos de grande Reino... A verdadeira cultura clássica ressalta a personalidade, seu crivo e seu destino. A fúria hebreia «golpeia» a verdadeira, e a que enrugamento disto é que

Ao autor do "Zodíaco", a Europa ensinou o caminho da beleza, porque o procurava em si mesma. A "dissolução" de um "ladrão grego brutal", o Sr. Dg. Costa e Silva não conseguiu trazer-lhe nem honra nem glória.

Já comecei a sensuallismo, no Brasil que
temperado e pelo seu alto nível de artista, em
um gênero um tanto ressentimento humano, que se
deve expandir. Nunca, porém, perdi o equilíbrio. O Livro é de uma solidariedade e
cordialidade alegre. As visitantes — sobre
moderadas — a cada dia acompanhavam
sentimento, se lhes que evocavam — conter
uma cogitação. O pensamento é o essencial
para grata à fragrância. Apesar com questi
unidade — O Espírito Cristo — se desvanece
filosofia de gente, mas de davida, sentiu e
afirmou. O amor é a essência do mundo
alma humana da cultura". O amor nasce
é vida que é "incontaminada por preconceito... is
de filhos e pais, cada um fazendo o
que é certo para ele".

A sua ação, vai tudo que é visível.
Num assento incomum de ascendência,
Se transformou da transitoriedade—

O ultimato não é da morte é naturalmente Morte, que não é mais senão de continuidade senão "a própria vida em infinitamente dura formosa da morte". Vai serem citar os intérpretes sobre beleza morte:

A morte e a propria vida na infinita
transmutando das formas da matéria.
Quanto, farta de glória em de matéria
Outra vida melhor procura affin...

O poeta e a crítica ontem e hoje

Tudo o que existe é tudo o que palpita
Na Natureza aspira à sua sublereza:
Por isso deseja à lama deleteria
Onde, em germe, de novo, a vida habita

Morre, para viver, um só momento;
Pois após essa morte transitoria,
E surta, o sangue, o fôr, o pensamento...
Morte! Vida a buscar a liberdade!
Vida imortal lutando pela glória
Da perfeição que é a própria Encarnação.

De seu filósofo, conclui o autor que se deve fazer por amar a vida sua sua "expressão dinâmica", isto é, os formos das coisas, ou opção dos sentidos, mas vozes da natureza, ou los, ou círc, ou m.

O poeta chega, assim, pela sua rápida evolução filosófica, ao ponto de onde partiu — a evolução do homem e ao amor da liberdade.

Dito acaba o livro:

Ansa de perfeição! glória ligatina.
Por quem o meu espírito se eleva
Para o infinito, na atração da luz.
Tu és a alegria de que sou a vítima;
A fez que iluminou a minha teiva.
A magia tua faz que me seduz.

composição. A verdadeira oportunidade é paixão sempre impetuosa. A impulsiva desstila, a força do pensamento, a amplitude do gosto, o sentimento profundo, tudo o que faz a essência da poesia requer pureza e tranquilidade.

O pensamento intimo e a explicação dessa nova poesia nacional, desde a escravidão moderna do século XIX, é que se vai sentindo, pelas suas encontroadas mudas consequências de Baudelaire, os poemas literários.

"A origem deixou de ser irmã da inspiração; este parentesco adularia tal por não querendo. A rápida evolução e a impetuosidade de alguns brios temperamentais dão testemunho contra esse afastamento velado. A alma nova necessária aos exercícios florais e sua iluminação substancial, mais regular.

Decididamente a inspiração é fruto de trabalho quotidiano. De mesma forma que todos os contrários que formam a natureza, estes também se não excluem. A inspiração, todavia, como a fome, como a digestão, como o sono. Há, seja dividida, no espírito, uma espécie de mecanismo celeste, de que não nos devemos exonerar: sonhar, tirar o medo, partindo, como se nosso da maternidade do corpo. Se quisermos viver em uma contemplação perseverante da obra de mestres, o trabalho quotidiano servirá a inspiração, como uma morta lirica, acrescendo esclarecimento — como o pensamento culto — poderoso servo para exercer lucidez; ou, se tempo das maus-lucas retiram est pesado!"

Para nós também passou o tempo da nova poesia poética. Qual o mais expressivo dos nossos poetas contemporâneos? O Casalpuceve. Pois a sua poesia é de uma naturalidade conquistada através da arte. Sem o pessimismo, sem o ventoso, sem a laca, sem a cultura, sua poesia com a essência das desforças — estudos do "Talento e Formatura" e outras da mesma gata. O nosso tempo, entretanto, continua faz de conduta os excessos a que conduz a ideia, quando absorve aquela "mudança celeste" de Baudelaire.

A técnica segura do sr. Du Costa e Silva dá-lhe no livro uma harmonia sólida, feita de verdade e de beleza. Não pressupõe primariamente os estudos acadêmicos alemães e importa a atração da natureza, as evocações mitológicas, as missas simples de antevés, as memórias de uma infância sardinha, a vivacidade no engenho e na expressão.

Depois de alguns quadros de animalismo cavalinho e ardente, passa para delicadeza-histórica, frescas e suaves mistas gênero:

A tua voz estrangeira e suave
Que me embrevece e faz sonhar
E um cantil de anjo, um brinco de ave,
Um som de flauta à luz do luar.

A tua aguda e a nota grave,
Musicalmente a harmônica,
A tua voz sonora e suave,
Como um perfume ondula no ar...

Não há quem ouça, que não grave
No movido, limpida, a vibra,
A tua voz suave e suave...

Vos de serena no alto mar,
Quicorantia a maria e perde a noite,
A tua voz me faz sonhar...

No "Poesia nas olhas" tem uma grande riqueza de inúmeros poemas, como nas "Lançadas da Arca" uma simplicidade abstrata:

Nas puras o tempo, o tempo certo
Os anos velhos, os anos novos...
E cada samba que nos move,
Como conforto, nos sorriu,
A mesma obra sua inspiração,

O dia chega, o dia finda
A moita vento, tem a maré
O dia volta, e a noite manda
E em dia te espero tua vinda
Ventura real, ventura viva...

A saudade, que trazemos delas, também impõe ao poeta algum de seus encantos sentimentais e profundos:

Se trouxegu, em sugestão o momento
Tudo atraí, da noite da distância
Ao refletir em utila incertidão
Nos espelhos de luz do pensamento.

Milagre da felicidade, delírio ou fantasia
Veja poesia com vida e movimento,
As figuras vivas da memória reflexão
Como novos longinhos pelo vento.

Olhos meus, se eu passasse por refúgio,
Algum dia, verás nessa amizade
O céu mais lindo e as árvores mais verdes,
O seu destino em refúgio comigo:
Purim a ria tudo o que retira,
Alegre que era vai tornando triste
No fluido espelho mortal de mar e praia...

Parece até que o rio tem saudade,
Como eu que também sou desse enigma,
Saudoso e triste em plena mocidade.

Olha-se em mim o fenômeno-sombrio,
Do refúgio das árvores da beira
Na superfície tremula da ria...

Vejas por novas e encantadas prisões
A paisagem tranquila da Sambada
Como a perreba a olhar das mudanças.

Tremendo o Rio, alguma vilaninho e
moro sonhos, a musica do D. Francisco
Machado de Melo, onde a poesia revela o poder
de um virtuose-drama, que é mestreimento da
saudade;

Viu, assistiu que o sr. Du Costa e Silva é
um verdadeiro poeta, de sábia regata de
inspiração direta, de gosto, e que raramente
se deixa vencer pelo artifício.

A essência e a forma do acto são
excellentes e as leves restrições não chegam a
comprometer a sensação de unidade, ou a
suavidade deficiente de outras páginas como esta:

E sou tal qual o Parnalhão exalta
Dentro em meu ser uma tristeza inata,
Igual talvez, à que em ria viajante
Ao refletir as árvores, na mata...

o seu destino em retratar constante:
Purim o ria tudo o que retira,
Alegre que era vai tornando triste
No fluido espelho mortal de mar e praia...

Parece até que o ria tem saudade,
Como eu que também sou desse enigma,
Saudoso e triste em plena mocidade.

Base em mim o fenômeno-sombrio,
Do refúgio das árvores da beira
Na superfície tremula da ria...

Foto: Mário Filho



X Considerações sobre dois poetas feios

Humberto Guimarães

Biólogo, escritor e desportista

Há muitos anos, ainda quando eu era menino, em conversa de varanda, meu pai, então comerciante, contava-me que, pelos anos de 1940, quando ele ido à Fortaleza a comprar mercadorias para o seu loja, estando hospedado num hotel onde também se encontravam alguns estudantes do Piauí, entre, sabendo da terra, convidaram-no a integrar uma comissão para fazer uma visita de cortesia a um grande homem de letras, piauiense, que estava miseravelmente a morrer numa casa de subúrbio, consumido por insidiosa enfermidade. Acreditando o convite, embora nunca tivesse dito a literatura, lá se foi o senhor Raimundo Gonçalves Guimarães, metido em seu traje de lenço branco, devidamente engravidado, barba raspada e bigode aparado, sapatos lindos e chapéu de mussurá, no vigor dos seus vinte e sete anos, a visitar uma personalidade de quem jamais ouvira falar, sabendo tratar-se de um poeta - haviam-lhe ditado os rapazes - e que se chamava: Da Costa e Silva.

Quando desceram do ônibus no do hotel, não sei bem, enfiaram-se por uma rua sem sinalização e, lá no fim, perto dum vauá, entraram numa casinha modesta onde se fizeram anúncios, sendo recebidos pela esposa do poeta, que em conduziu ao amplo quintal, ali, numa outra casinha, este de cobertura de palha, estava o poeta: uma triste figura de homem sentado numa cadeira, numa futura esca de compungido, completamente com o ar de abandono de si mesmo, sem o esboço de qualquer entusiasmo pela vida. Recebeu-os com aparente indiferença, fazendo laconicos e anôdinos comentários de raro em raro, inhibindo os visitantes de continuarem palestra, tentando o aborrecerem. Depois de um imbróglio silencioso, de repente ele se ergue, vai a um armário, de onde retira uma lata de doces das quais antigas, bananadas ou goiabadas da Confederação Colômbia, e partindo os pedaços, serve-as na mão de cada um, observando que daquele jeito o conter se torna mais natural - e ele mesmo da o exemplo levando seu pedaço a boca. Ai então animou-se um pouco, dá um suspiro e parece mostrou-se comovido pela gentileza de o treinado irá visitar; agradece, diz-se honrado pela lembrança dos jovens contemporâneos e informa que já nada escreve.

E provável que esta tenha sido a vista de que nos fala seu filho Alberto da Costa e Silva em "Notícias sobre Da Costa e Silva" - artigo com que prefacia a edição das poesias completas de seu pai. Diz ele textualmente: "E a uns rapazes do Piauí, que o

visitaram em 1940, disse com tristeza: "Eu já não escrevo, já não faço versos. Morreu em mim o talento que canta-va..."

Quanto a mim, foi em 1958 que, pela primeira vez, li versos do poeta de Amarante, Sandáde, A Moenda e O Aboli - sonetos inseridos num livro de textos oraculares, quando me preparei para o curso de admisão ao ginásio: tratava-se de A Nova Soleta, de saudosa memória. Muitas andei depois teria a oportunidade de ler a obra completa (Sangue, Zodiaco, Pandores, Verhaerlen, Verônica e Alhambra), ocasião alias, em que, não sabendo o que era Alhambra, corri o dicionário e descobri que significa, ipsem litteris, construção multiforme de estilo mourisco em Granada, foi ali que pude vislumbrar a bela graça das canticas desse poeta, a quem, segundo Pedro Nava, citado por Alberto Da Costa e Silva, o Barão do Rio Branco, considerou quanto às suas pretensões de engravidar na diplomacia, em resposta à sua interpelação de "o que o senhor tem contra mim?", teria respondido: "Eu? Nada, meu amigo. Até gosto dos seus versos e aprecio seu talento. Contra sua pretensão o que está é seu falso. Eu só deixei entrar na cafeteria homens de talento que sejam também belos homens. A diplomacia exige isso. Deve-lo-lhe boa sorte em tudo. Agora, no Itamarati, não! O senhor aqui não entra. Tive seu convite da chuva". Ou então, segundo outra versão, a sobremesa de um jantar: "Você é um homem de talento, com o dom das línguas e presença pessoal. Mas não serve para diplomacia porque é muito feio... Da Costa, você parece um macaco!"

Entre a leitura de seus três sonetos de nostalgia e a obra completa, li vários outros poetas, entre eles Augusto dos Anjos, Alguma coisa me fez, ao fechar o livro de Da Costa, lembrar o poeta rapazote da Paraíba: o que, não sabia: se na obra do plenamente resumiria amor, a do paraibano ainda inhumum resalta: o primeiro é humilde e se reconhece vítima dos fados, o segundo triunfante sobre seus sofrimentos e não se cruza de dor, embora, no seu pessimismo, no seu círculo de fatalismo e morte, deixe portas ostensivamente abertas para se entrever que ele jamais se sentirá amado, mas que, orgulhosamente amargurado, ironicamente ressentido, parece exclamar que não se importa com isso.

Na temática expressa por Da Costa e Silva, facilmente se distingue, como nos aponta Alberto - obra citada - o Carlos Evandro in Literatura Piauiense, edição Corisco - o sentimento do amor materno, a identificação com o



rio Parnha e a saudade, tudo isso num ritmo musical que nos embala em cadente ritmo no círculo da leitura, dando-nos gosto de ler alto e batendo com entusiasmados gestos aqui, ora longorios ali. Mas não é só distinguir-se também o sentimento filosófico da lemnocanologia existencialista nas componentes compõem das realizações da natureza e essa angustia Kirkegaardiana do sentido mesmo da existência. Já em Augusto, também parte do fenomenismo, o que encontro é um terçar de armas entre as vicissitudes, retificando a matéria terguedade dela porque esta cheia de piedade por si mesmo, matando, a cada pena, a galinha dos ovos de ouro.

Certo, a angústia é ponto comum nos dois, como aliás em todo poeta que se preze, homens sofridos, desmontados do mundo, vitimados ambidos caprichos de poderosos a cortumes e do dia seu amado profissão (Augusto, cuja família apoiava a oligarquia dominante de João Lopes Machado, presidente da Paraíba, conseguindo o emprego de professor e Licon, mas fura grosseiramente repudiado, anos depois, no seu pleito de licença a fim de, com segurança salarial, ir aventurear a vida no Rio Janeiro, e mesmo Lopes Machado lhe teria respondido: "Saia de uma coisa seu Augusto, não me amole mais avisando dai a imediata petição a demissão do poeta profundamente magadu"), alveram a mesma época ideal cheia de energia (e foi ainda tão nova que Augusto "se mudou" de mundo, aos vinte e nove ou trinta), os mesmos dramas políticos, compartilhando, no Recife, mesmas influências de Laurindo Leal de Cesarino Verde, de Antônio Quental de Alves de Assis.

Enile Verbaeren, de Cruz e Sousa... e em acrescentaria, para Da Costa e Silva, de Alfonso de Guimarães, a quem ele tanto distinguia e proclamava; e houve também Baudelaire, e houve Schopenhauer, e houve Nietzsche, como houve Buda, Espírito, Bruno; e paraibano metrificava sobre Darwin, Haeckel e Spencer; o pacífico ora abraçava os pré-atráticos na busca de integração com a natureza, ora os socráticos na procura de si mesmo; se o de lá illava-se sobre tudo no pessimismo do autor de "As Dores do Mundo", no ridículo de Assim Falava Zarathustra e no satanismo baudelaírano, buscando o seu nirvana a dedicar versos ao deus Verme, o de cá se impregnava de tristeza porque queria que o mundo, na sua universal beleza, o amasse na mesma proporção do amor que deramava em seus versos. Assim, portanto cada um se moldando a sua peculiaridade personalíssima no expressar das vivências; mas na roda viva dos sentimentos há instantes em que so tocam, um agressivo, outro lânguido, de sorte que, quando Augusto, como patologista ilustrado, cede o repouso da vermina, Da Costa, na tristura dos seus atos, anteve o seu motivo de morte com o deus verme a morder-lhe "os trapos da epidemia". Em "Visões da Morte", Da Costa singelamente exalta as "Almas tristes, abatidas e angustiadas... des desfudidos" que desfilam no "cortejo lugubre" e tomam a Procissão das Fases dos meus sonhos", num simbolismo à Cruz e Nossa Senhora, sem que seja um simbolista ortodoxo. Estilo e intenção se diversificam frequentemente num mesmo tema: quando um lamenta e outro invechia.

"Pudesse eu tirar a rima das entranhas... Pudesse eu té-las, e somo os Anjos, soletrando, lá-las para endear a Amor... Pôs a memória que há de que amar o primeiro, e como a sombra: ande vauas vai sempre nesse corpo acompanhando." Da Costa é assim: sente-se um "Tântalo no Infinito" mas gosta da vida, pelo que é verdadeiramente lírico. Augusto não: vocifer, dardaja, atira na cara do mundo e seu Ido, a pedrada dos túmulos catálio.

Partindo do ego, Da Costa universaliza as suas mensagens; Augusto parte do tema universal para a concentração auto-referente: não foi em vão o título do seu livro — EU. Não há nele "Nada de encontrar de dama entre florindo-lhe os versos", dito Orris Soares em Elogio de Augusto dos Anjos. Não há não. Quando fala em autor, é para dizer:

"Parece muito doce aquela cena.
Descascava, provava, chupava...
Ilusão treta!"

O amor, poeta, é como a cana-açeda,

a toda hora que o não prova, engana"

No final dos seus cantos, porém, tão curtido no sofrer, desenganchado e antevendo a morte aos trinta anos apenas, Augusto torna-se mais ameno; se antes era Da Costa que às vezes tinha pruridos que iam se encontrar num o schopenhaueriano angelino, agora é o Dos Anjos que, embora com precaução, com desconfiança, vem encontrar-se com as confusões abertas

de Da Costa, deixando de lado suas ordens necrógicas, para exclamar: "Maria, estende a teus pés. Eu venho arrependido implorar-te o perdão do imenso crime meu... Bendito o amor que infiltra na alma o enleio e santifica da existência o curdo. Amor que é mirra e que é sagrado nardo, turfiando a languidez dum sol"; agora é ele que valoriza o amor familiar e dedica um soneto a seu irmão Alexandre, por ocasião do seu aniversário: "Para quem tem na vida compreendido! Toda a grandez da Fraternidade! O aniversário dum irmão querido! A alma de negros encantos invadé", e ele agora que se volta para a curtidura com insitudo entusiasmo; "Cantemos todos os anos/Na festa da Caridade/ A solidariedade/ Dos sentimentos humanos!" Quando contribuiu assim a caridade o poeta de Clamas do Destino falta pouco para morrer, de modo que morreu germando versos ternos o que vivera torturando os semelhantes com a exposição nudo-maquiada das suas próprias torturas, nun...

"carregado de fluidos pestilentes
Ruminando a mortíferos tormentos,
Carre o sol da revolta a que se aferra".

"Preso a grillotes de fogo e incócos;
Resteu o rei das práticas morbosas
Do aberto-criminoso subter a terra".

Orá, se hoje lemos em EU versos lamentosos, ou versos de exaltação ao amor, versos com ressalvas de melissa, a culpa é de Da Castro e Silva que, em 1944, reuniu uns inéditos de Augusto (que os alijara) e, como "Poemas Esquecidos", os levara publicar numa última parte do EU. Foram uns comentários angelino-jovens, salvo aquela da véspera da morte que, embora de publicação plástica, não há indicação de que tenham sido expostos para não viarem a Piani.

"Essente de um alívio novo a alieno;
Mandando ao céu a fumaça dum cigarro,
Há mais filosofia neste escurro
Do que em toda a moral do cristianismo".

"Nas aguas do delírio-tremor,
Os bêbados alvares que na illavam,
Com os corpos cheios estrelados,
A substância prodígio dos sonhos".

"Fabricavam destas te os libidinómeros,
Em cujo repugnante receptáculo,
Minha perspectiva via o expectáculo
De uma praguinha ilísta de palermos".

Se ameniza assim um pouco a linguagem e o comportamento poético nas proximidades da morte. Lá dos parafusos donde se encontra agora, continua a gritar a sua repulsa raça humana, com toda força do seu verbo. Em "O Reformador", revista da Federação Espírita Brasileira, edição de maio de 1953, encontra um soneto recitado medianamente por Waldo Vieira, na reunião do Culto da Assembleia da Comunhão Espírita Cristã, de 25 de maio de 1950, em Uberaba-MG. Augusto (sobrenome Lenzoldina) intitulado "O Carrasco", que aqui transcrevo para a observância do inconfundível estilo:

"Mostra, além do sepulcro, em alas pastores,
Num turbilhão de faces propinhas,
Soltas das delícias extenuadoras
Assomos milhares poefres de soturnas".

"Qual, sombra do mal, junça ruínas,
Catástrofes, tragédias e terrores...
Covarde, foge as ondas tigernas
De barreiros fantasmagóricos".

Que lindos os acordes de Da Costa só em hinário ao sol, ao amor, à terra... ao Piani, que maravilha cantando a balada, a nostalga da abóbora, a fútilca tainha da moema queimada e cana para o festeiro do Alcool! Ah, e quando fala da Parnaíba, seu sôlo, o rio das Garças, nomes lindos para um río sé, cujas águas, burlescas brancas de um velho monge, alongam-se e espalham pelo sertão, pelas várzeas e chapadas, o canto de exaltação da terra-bem na inspiração maior do amor cívico. Aliás, tudo em Da Costa é exaltação poética porque poesia é herança em abundância de alegria tanto faz bônus do amar, que é vida, como da morte, porque nela o panteísmo reina em tudo que estremece nas suas rimas e enjambements, sacodido nas inteligentes alterações.

Enfim, falamos de dois poetas reconhecidamente feios no sentido, que se posicionam, cada qual a seu modo, na estética da arte inspirativa: libertos ambos do radicalismo estilista das escolas que utilizam exelentemente os recursos de uma ou de outra rima, em suma, se quisermos assimendá-los numa denominação catalogal de esoterismo literário, teremos de chamá-lo tão somente de pré-modernista, em termos de cronologia didáticos-formal, em que, se pretendermos saudar a morte e saudar o mundo, vamos declarar com Augusto dos Anjos as "Ciamas do Destino", "O Deus-Verme", "Aia de Corvo", entre outras, e, se pretendermos saudar a vida, mesmo das profundezas do sofrimento, saudá-la em com Da Costa e Silva que está sempre buscando a Jerusalém remota no Nirvana".

E terminemos com o mar na concepção dos dois: Augusto vê no mar a tristeza dum cemitério, enquanto, sob a iridescência da luz, Da Costa só vê nele a vida que, "Aljofrade, a ostentar o rendado armado! Que a alva repulsa lhe borda em delicada teia! Cada vague parece um dorso de serpão! Nua, a dançar, fazendo ao sol"

XI Da Costa e Silva e a Poética de Sangue

Por Maria do Socorro Hiss-Magalhães
Professora de Literatura no IFSC, Mestranda da
Universidade Presbiteriana Mackenzie

O gênero da poesia tem predominado não apenas nos estudos de teoria e história literária, mas também nos próprios poetas. A constante preocupação com a forma de expressão é uma das maiores paixões dos poetas, onde, assim, a metafísica, o sentido se sobrepõem ao trabalho de criação. E verificamos que cada escritor tem suas particularidades em poesia contemporânea como Carlos Drummond, Mário Quintana e Júlio Cardoso de Melo. Sua expressão é sempre exímia, em diferentes momentos criativos da nossa literatura, em maior ou menor grau de consciência, a sensação de metalinguagem é possível.

E nascem-se novos gêneros, o poeta pintor: Da Costa e Silva, cuja primeira obra, *Sangue*, traz um mistério, ainda que inquietante, o pensamento do poeta sobre o seu trabalho. Além, é um trabalho que Da Costa e Silva orienta a sua poesia, trabalho esse que o poeta faz em consonância com o trabalho do homem na terra. Conforme é anotado em "Cânone de Sangue", poema de abertura do livro, o poeta planta e rega como o próprio agricultor a semente da poesia:

"Sangue" fôrdo gênero e fruto
Do sentimento quando em mim disperso
Há o que almeja e crê que mundo
As sementes da cultura do meu tempo"
(*Cânone de Sangue*, p. 10)

Então, nos muitos poemas da Igreja, nas cartas, Sangue apresenta uma concepção do fazer poético-narrativo tributária de poesia romântica. O artista Gilberto Mendes Teles anima o gesto romântico no relacionar a poesia com a natureza, unindo-a poesia a condição de mundo. No poema "Cruzada Negra", Da Costa e Silva evoca o sentimento metalinguístico dos metafísicos: lira, canto, balada - para dizer que a poesia é imortal:

"Levo a Lira no uruguai, Impassável e forte,
No sabor do Non-Ser, ante o perfil da..."

Pilar
Cartas à Irmã Augusta e sobrancelha
("Cruzada Negra", p. 19)

A mesma ideia de poesia/natureza, o de poeta/cantor pode ser encontrada no soneto "Depois da Luta":

"As melhores que, em fugulor e roqueiro,
Me mostraram os faias cur de jambô
E que contei em dure ditimbo,
Me apressaram em marcha seguinte."
(*Depois da Luta*, p. 182)

Contudo, não é somente a relação poesia/natureza que apresenta o autor de Sangue de concepções românticas da poesia. Além a metalinguagem metafísica, o poeta apresenta também como Gonçalves Dias, também conhecido como "poeta da saudade", expressa, em geral através da metáfora, sentimentos como a dor e a saudade.



Com efeito, esses sentimentos aparecem em "luto-morte" da poesia de Sangue. A saudade matizada se aplica principalmente na metalinguagem diante dos sentimentos. É assim que Da Costa e Silva evocou uma de suas saudades: uma saudade e também a morte, recordando que veio a vida e a morte da "dor e fuga dentro das olhas". Vale de Lamas, p. 62 que «...nas pressões em outros poemas, com alguma resiliência, nos convencendo a ensinar beleza: "Olhos batendo em luto e dor" (Cânone da Morte, p. 76). Morta, segue a Doce lembrar de vida crise» (Post Mortem, p. 23).

Sobre saudade, encontra-se em Sangue aquela que talvez seja a mais feia de suas metalinguagens: "Saudead! Assa de dor da Transamérica" (Saudead!, p. 41). Destaca essa imagem para justificar a fumaça e a popularidade do soneto "Saudead!", que remonta a "canção da malha" da literatura plástica, e cuja valia literária ainda não é devido ao célebre poema de Gonçalves Dias.

Resultado a sistematização da poética de Sangue é poética romântica, convém notar que Da Costa e Silva demonstra já na sua primeira obra, consciente de que o poeta é, sempre, impostor na luta com as palavras, não conseguindo obter a expressão desejada e perseguida, em seu trabalho criador. Esse ideal está presente em "Tántalo do Infinito", onde o poeta piadista, assim como Drummond, sente que a balbúcia pela expressão é um "infinito duelo", ou então, é

no poema que faz o dito, o que contraria a sua intenção. Em "Tántalo do Infinito", Da Costa e Silva demonstra, na produção de texto, a luta da poesia individual, tal como se anuncia terminada no poema:

"Pudesse eu ter as armas das escravas
Escrevendo ideias que só entendo
Deus, o poeta devia que se suspende
Na distância de mim... Pudesse eu só dizer,"
("Tántalo do Infinito", p. 96)

Concluindo, podemos dizer que unicamente não se possa apontar em Sangue uma clara tentativa de sistematização da sua poesia, e obviamente um pouco conoscida das dificuldades que envolvem a atividade criadora do escritor, o que rende a obra de Da Costa e Silva um valor de amizade só significável em outros poetas de seu tempo.

Maria do Socorro Hiss-Magalhães
Mestre em Teoria Literária pela PUC-RS
professora de Literatura na UFSC

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - DA COSTA E SILVA. Obra Completa. Brasília, Catedra/MEC, 1970.
- 2 - TELES, Gilberto Mendes. A estória do silêncio. São Paulo, Galera/MEC, 1970, p. 107.
- 3 - Referência ao poema "O lataião", de Carlos Drummond de Andrade. Antologia poética. São Paulo, Abril, 1982, p. 153.

**QUEM PERGUNTA
QUER SABER.
QUEM SABE, SABE
CONHECE BEM.**

ARRECADAR E CRESER

SENAZ. GOL. APPENDIX. FAD

**O REAL
VALOR
DA NOTA.**

ESTADO
DO RIO DE JANEIRO

XII Estudo crítico de Clemente Fortes

Clemente Fortes. Arqueólogo, professor de português e literatura brasileira e membro da Academia Fluminense das Letras, falecido.

Não tem sido fácil à crítica definir o movimento que, a partir de 1886, recebeu o nome de simbolismo, como lhe chamou, então Moréas. Ainda hoje preferem os historiadores da literatura tentar, em longas dissertações, apontar-lhe as tendências maiores e dar-lhe uma definição perfeita, quando não se contentam com incluir os nomes dos que os chefiaram entre as celebridades do obscurantismo ou preciosidade literária. Afrâncio Peixoto disse de Mallarmé, um dia, sentiu o maior ônus, que do obscurantismo moderno foi o pontífice e que, não raro, chegou ao impenetrável. Anatole France o resumiu escrevendo que a lei, a unica, da escola era "nada desver e nada nomear", o que, conclui, só poderia levar-la à completa obscuridão. Mas Anatole e Afrâncio gostavam de brincar um pouco sério.

2. Ninguém hoje pensa em dissociar as correntes literárias da época em que surgem. Ninguém mais as pode conceber como relações arbitrárias de artistas alienos ao meio e ao tempo em que vivem. Literatura, ao menos a que este nome merece, é o fruto de repercussão no espírito de artista dos problemas fundamentais que agitam a sociedade. As novidades na ordem estética, em geral, correspondem à necessidade indutiva de formas novas de expressão artística, com que se manifestam maneras outras de ser dos homens.

Dessa ordem estética, porque não é possível deixar de ver também a identidade do impulso que anima, nos vários períodos históricos, a literatura, a música, a pintura, por exemplo. Do mesmo tempo da escola simbólica não a música de inspiração wagneriana e a pintura impressionista, nas quais torna-se a crítica percebido a mesma influência.

Ora, repugnará, certamente, explicar tal coincidência como encontro de caprichos apenas a que se inclinasse, em dado momento, a tolle humana. O que se impõe é a aceitação de certo sentido do trabalho, criador subjetivo, a todos elas e de que em cada fase da vida cultural certo princípio de existência lhes traça o profundo parentesco, como ensinou o professor Hermann Cladé. A alma de um século intérprete, às vezes, o momento de uma cultura que sente a inadequação dos recursos expressivos que lhe oferece a tradição e o que se deve procurar é o que se há de encontrar, não faltando ao critico agudeza de inteligência e visão de conjunto, quando analisar os seus grandes criadores.

Não sera, portanto, com dizer-se que Baudelaire era um demente e Mallarmé um valdoso que não sei entendido dos pobres burgueses, que se terá resolvido o caso do simbolismo, depois d'elles seguidas por outros — muitos loucos e endimicados.

E nesse sentido que perde todo conteúdo aquilo de "arte pela arte" e

assim que se compreenderá toda arte verdadeira como social, sem que consentamos em confundir tal conceito com o de arte dirigida. Por outro lado, não faltarão os que nos venham lembrar ter sido a arte mais de uma vez mero brinquedo de vultos, ora de mortar o tempo para os que não sabem filhos queridos da fortuna, que fazem com de Vejantes. Mesmo refugiado à intelectualização burguesa, fechada em capelinhas, não deixará nunca a arte de impor a comunicação entre homens, poucos que sejam, e de exigir delas um clima de mútua compreensão. Foi daí que partiu José Régio para encontrar na arte autêntica aquelas virtudes específicas de sociabilidade e moralidade que tão sentiu ali e na tendência que eleva, ampliar e educar os espíritos.

Intentem criar este monstro que é a arte a serviço das modas e solicitações de um puder incontrastável e veremos que autores e público se irão, mal esse etc., porque não é possível ordenar aos homens que sintam desta ou daquela maneira. Eles reagirão sempre em face das coisas e dos seus semelhantes segundo raízes profundas de sua formação, onde tem raízes a capacidade criadora. "Ser social, ser humano, é a lição de cinquenta anos já de um grande artista, é a condição suprema da arte e não só não é concebível, mas possível, sendo assim. Uma arte, se pudéssemos admitir a hipótese, que apenas exprimisse o indivíduo, sem nemhumha influência ou reação social, seria talvez a negação da própria arte".

Se tal conclusão ser a criação artística uma das formas eminentes de liberdade do homem, é provável que logo em volta de lhe lembrar, nestes dias de prevalência da atividade política que estamos vivendo, que sub-governos despóticos não faltaram grandes artistas que os serviram e mesmo os glorificaram. Sim, podem alguns grandes artistas servir a dominador político do momento, mas é, neste caso, que por formação íntima, e não por ordem ou decretos, estarem imbuídos profundamente dos valores que fizeram a tela do seu tempo. E desta maneira que triunfou empreender aquela magnifica florada de artistas que viveram sob o totalitarismo de Luís XIV.

3. Pintando-nos o quadro dos últimos anos do século passado, recorda Lanau o descrédito em que para muitos havia caído a ciência. Não se tinham desculpado os sabios, acrescenta o autor da "Histoire de La Litterature Française". Mas as exageradas aspirações tanto tempo alimentadas pelo maior número dos que fazem a opinião pública, afinal, eram a certo pessimismo, explicável em quem via adiadas para futuro remoto, senão impossíveis, a certeza absoluta e a completa felicidade prometidas.

Tal atitude implicava, necessariamente, no desamor da razão de

cujoo poder se tinha esperado o milagre da redenção dos homens cá na terra. A fé inconsciente no progresso científico tinha deixado marcas profundas na literatura, levada aos extremos de naturalismo e do verismo em arte, a ponto de se dizer de um dos maiores criadores do tempo que a "Medicina Experimental" de Claude Bernard fora o seu livro querido. Desfeita a ilusão da ciência, as menos como a imaginavam ou que lhe não pertenciam a marcha continua, em que a sua síntese outra se segue para a inteligência de listas até então inexplicáveis, abalada eprimada das conhecimentos de ordem nacional, começou a literatura a explorar a "Hesitação do inconsciente e do subconsciente". E o mesmo critico que, interpretando Montaigne em seu recente livro "Les esais de Montaigne", nos avverte contra a excessos com que muitos escritores lancaram a instalar que "os pensamentos e os gênios na profundezas do nosso ser e nos quais a parte racional e voluntária de nós mesmos tem a menor influência", constituem essencial humano. Preparava-se, assim, o apelo ao subconsciente e regava-se a razão para segundo plan. O otimismo científico geraria uma literatura — a da estrita observação, pessimismo nou dará outra estrada intuição e as formas do conhecimento que se misturam e sobreporiam ao raciocínio. Era a procura do incômodo abandonado e ideal de harmonia dizeria que, noutros tempos, se tinha proposto à inteligência humana Completava-se o clima espiritual Simbolismo.

4. Se não podemos alcançar, vós dissemos, uma definição precisa de valha-nos, ao menos entendendo as tendências inatas nos aspectos mais. O apelo da inteligência, observação, ainda voltadas para pesquisa do mundo exterior, deixava ver as coisas muito as claras. Tentei-a despir a túnica do manto misterioso, desvelar a tez da tua honestidade. Mas o fato não estava pronto e a impaciência de muitos levou a pensar que se tomará caminho raro. As formas brutais e extremas do naturalismo ajudaram a reação de desejo, então, espiritualista. Tudo se poderia dizer com evidências nem tudo se reduz a clareza de regras. Ao homem ficara aconselhado um mundo de espécies indescritíveis, de formas de combinação imediata que se não podiam transmitir senão o concurso de o que ouviu ou lê. A pintura das coisas que pretendia ser, não esqueria realidade que se completa só com o que do mais íntimo do o vidente for extraído. E a beleza conceitual de se deixar apreender qualques léguas ou de transpôr pelos recursos universais de expressão. Sugerida, sim, é o que pode vir. A esta altura divisa-se o novo e

Mas uma experiência iniciativa, não pode ser o final

homens não de comunicar-se. Não serviam os instrumentos antigas fórmulas, pensavam os novos, sob outras crónicas. Ponto de lado o ideal descriptivo, que não daria mais que uma parte mínima do real, a sugestão apenas seria a meta. Como sugerir, entretanto, este indizível, esta beleza mais que nunca vista agora como inacessível aos vulgares? As palavras tinham sentido certo, preem, não se prestavam a traduzir as profundezas das coisas e dos homens. Os descriptivos pretendiam dizer-lhe um conteúdo comum que as abeava de toda transcendência subjetiva e faziam delas portadoras de algo que a todos pertencia, local dos indivíduos. Palavras seriam mudas, sim, como mortos, inúteis, despojadas de qualquer elemento ou pelo menos assim que se lhe desse maior importância, que se tornasse o instrumento descriptivo por excelência. Foi, então, definido um mundo de poetas. E de novo foi o simbolismo, em verdade. A intenção do movimento haveria de declarar-la, mais tarde o artigo Van Hovegem: "A poesia deve aprimorar-se mais da música que da escultura e da pintura. Como aquela, deve sugerir e não pintar ou figurar as impressões e formas; as palavras longe de intentar a realidade, que seria o ideal da prosa descriptiva ou analítica, não devem ser mudas senão com algum desprezo".

Etudo se fez sem qualquer risco de transpor os limites da compreensão e do senso comum. Até finalmente Donald de Carvalho tinha razão de perceber aqueles anseios do orgulho individualista com que tão bem se pôde caracterizar o movimento simbolista.

Classificaram-se as coroantes e evocatas. A mim atribuiam melhor correspondência entre as coisas e as coisas H. R. S. e V., à virtude de trazer "luminos, florais e evocações, o intuito de destruir, de triunfar, o Querer e a Ação". Integada a negação de aspectos fundamentais assim, não se deliveram os novos. Concebidas de maneira tão diversa as palavras, era claro que não podia subsistir a disciplina da medida com que se haviam de dispor no verso e que o pensado racionalista e clássico não acuradamente tinha trabalhado. A versificação perdeu a rigidez e a rima adquiriu significação nova. O alexandrino clássico que, dentro das possíveis combinações, das esquemas imbecilmente conservava, todavia a sentença forte na sexta e na décima segundo milha obrigatoriamente, modificando posteriormente, pelos românticos, que, muitas vezes, deslocavam a tensão central, o alexandrino, diziam, cede o passo ao iambônico: Nem todos, porém, levaram a tanto a reforma. Mas a verdade é que Mallarmé proclama sem rodeios, que o novo ideal de beleza se alçaria pela fuga a qualquer pensamento ordenador. Condenava-se a revolução anticlásica com esta estranha exultação do individual:

3. No Brasil não foi grande a crise e não encontrei escrita crítica autênticos simbolistas entre nós. Impressionado, como as demais escolas, inicio poetas que, ou não chegaram a formar

puras de movimento, ou nele deram os primeiros passos, seguindo-se uma crescente libertação que os levaria, alinal, a conciliar-se com a tradição.

Antônio Francisco da Costa e Silva nasceu no Alazânto, Piauí, em 1885. No Recife, cursando já a Faculdade de Direito, publicou o seu primeiro livro de versos - "Sangue".

Dele disse, mais tarde, Croro Beviláqua: traçando a funda impressão que lhe causara a obra: "Poeta dos mais distintos. É mesmo um grande poeta. O seu primeiro livro produziu sensação e passou admirativo. Era a estreia de um estudante e a revelação de um veredicto artístico".

Da Costa e Silva foi um simbolista. Foi ele que no lo diz nas repetidas homenagens aos grandes orientadores do movimento. Verlaine, Mallarmé, Cruz e Souza, Anna Nosta e Pôe, transparecem nessa primeira versão, quando não reverenciam, a apelo direto do jovem poeta. Outras vilas não querem encontrar após a morte, como disseram aqueles versos do soneto "Josaphat". Mas, sobretudo, o que se percebe na bútura da poesia do principiante Da Costa e Silva é aquele encanto das formas musicais que, mais de uns anos, o colocou acima do interesse de ser entendido logicamente. Mario Rodrigues lembrou-se com a maravilhosa harmonia da poesia "Sangue" de Wagner, porque, explicava, os acordes mágicos podiam ser entendidos por arcanos ritmológicos. O poder do simbolismo, recitava, chega ao mais alto ponto no livro parece-nos, num o soneto "Tarântula", onde o reflexo de tristeza e alegria, a experiência transcendente abrem-na forma curiosa e, ao primeiro contacto, nos leva a certo inefável sentimento de Amor que o poeta vai buscar ao Sol.

Mas se este livro, a uma, revela o gênio criador de Da Costa e Silva e a poderosa influência das mestres simbolistas, não impede a cruta as limitações em que ainda se debate o artista. Nascedo à margem do Parnalha, as impressões do rio paga tributo pesado. O rio não o abandonou. Ora se restaura na mente do poeta a paisagem completa da infância, ora, esfumando-se-lhe o contorno, deixa o rio, como imagem aonde vão encontrando expressão quase todos os sentimentos do poeta. Assim, o Parnalha é o:

"Rio da minha terra, unido de tristeza,

Refletindo o meu ser à flor móvel
das águas"

A mãe, piedosa, e triste, é a inspiradora de "Mater" que vemos:

"De lágrimas de mãe formou-se um
rio..."

No célebre soneto "Saudade" é o rio que volta a compor o admirável quadro simbólico:

"Saudade! Olhar de minha mãe rezando

Il pranto lento desfizando em Rio...
Saudade! Amor de minha terra... o Rio
Canigas de águas claras soluçando.

Saudade! O Parnalha, velho
mönge..."

Não vai muito além que não volta.
Agora é o "Flumen Amoris".

"O rio ideal do sentimento,
Que sinto fluir nas minhas veias,
Vive num doce inundamento,
Enquanto as ninfas e as sermas
Cantam ao Sol, mudando as cheias.
Do rio ideal do sentimento".

Responde em "Flor d'orla":

"Tua angustiada polidez sonharia
lembra dor, tristeza e saudades.
— Ninfas, sermas, fadas e nádades
Do rio tora-azul da nostalgia".

Eis "Terris eburnea", a cabaleira
loira e amada e assim que aparece:
"Lembrai assim, Formosa,
adurmeida,
Presa aos sonhos, entregue aos
pesadelos,
Uma cidade fulgida, construída
Por sobre o rio de ouro dos cabelos".

A impressão do rio o acompanharia
toda a vida, ainda em "Zodiaco" e
"o "Veronica".

A mãe, a imagem da mãe não o deixa, como a primeira, no livro de estreia. Desaparece nos dois seguintes para surgir, comovedoramente, dessa vez apena em "Fec-me poeta o deus", e "Mater admirabilis" que se leva no "Veronica". Vejam-se estes versos em que na propria densa procura compreender a deus filha da:

"Se te amei na ventura, na desgraça
As tuas mãos de lagrimas mundo,
Porque o afuso os limites ultrapassa.

E mais alto, mais vasto, mais profundo.

Desde que vi meus filhos sem a
graca
Do melhor bem que se possui no
mundo".

E impossível negar a extraordinária beleza de muitos dos versos de "Sangue". Mas não há faltar a reconhecer certa pobrezinha de inventiva, bem assim de meusmos de expressão, o que se evidencia sua repetição.

Poeta dos olhos, do olhar, poderia chamar-se o Da Costa e Silva tanto quanto poeta da Sonhada. Ocupando: "O encantado olhar do sol" (Tarântula); farão de esperança que "olhos nos instarem" (Argos); as evoluções do olhar "Num clauso que compõe" (Lacy Macbeth); "O olhar, o hábito, a voz" (Amanhece); "o fôto dos belos olhos" (Olhos da Crença) virtudes teológicas; "A luz dos meus olhos apagados" (Consolatrix afflictorum); "Os teus olhos em lágrimas baixando" (Lactitiae amplexi); "veludino, vagos, rasos de água" (Flor d'orla); "olhos tristonhos, dúbios e magoados" (Olhos magoados); "A inquietação do olhar" (Esperanças atroz); "os olhos cativos" (Maus impercetivos); "olhos rasos de água" (Canção da amante); "arrulhos de columbra meus olhos a rir" (Jousphat) e, por fim, o grande soneto:

"Quando os meus olhos aos teus olhos
volvem.

O almo candor das lágrimas emilia

"Quando os círculos olhos aos teus olhos
volvem.
O almo candeas das lágrimas chafuda
No teu olhar e ensombra-te a pupila
A névoa ideal do mundo em que me
envolve.

Um mistério de amor que eu não resolva
Pois sei que é em teu olhar se acha,
Mistério ideal que enleava e que
andiquia
Num doce abraço entregou de polvo.

Quem me decifraria todo esse enigma
Que em sinto e não compreendo o que me
mostra
Através desse olhar, como um estigma?

Quem há que o teu segredo me desvende
Ferida que a alma oculta como as estradas
E que no olhar em pétulas esplende".

Após o poema "Verhaeren", de 1917, homenagem ao grande poeta das tripulações da vida moderna, apareceu o "Zodiaco" no mesmo ano. Atrela-se o artista, evidentemente, que ali se faz o canto dos elementos e ainda copiamente, se sucede das alterações tão da índole da escola a que, então, ainda muito o deve. O "Redemoinho" é uma autêntica aplicação do que recomendavam os mestres no que respeita com o uso dos termos constitutivos. Só a leitura completa dele poderá revelar a excelência com que ali se usam destes técnicos profundamente angustiantes. Quem não conhece o "Besoio" e a "Maenda" que "ringe, range, rosqueinha"? E o "Caramujo", preciosíssimo exemplo e tormento dos meninos em suas de lutas.

"Lerda e lórida a lema a rastejar de
roxo..."
"Reta o briso bixaro..."
"Condiz cobrindo o corpo a curva
enrolha em cujo

Concavo, em contruções, coleia
o caracol..."

O poder de expressão do poeta aumenta sensivelmente. Não mais as tempestades tão comuns do "Sangue".

"Zodiaco" é também o livro semi-mulher, como mais de uma vez já se observou. Mas contaria o poeta entre os elementos do seu "Zodiaco" aquele:

"... corpo alvo e sensual de mulher
jovem
Nua, empinando os seios nus..."

que acrescentou ao quadro de "Luz no Mar".

O livro "Pandora" surge em 1919. Vinga-se ali o poeta da ausência de amor a que se condizera em "Zodiaco". Ninfas nuas, saídas e formosas, as mais lindas orações mal podem contentar o desejo de posse que lhes inflamam o coração. Aparece-nos o poeta do Amor.

Liberta-se, então, dos principais da escola. Afirma-se a métrica tridimensional. Faz-se o "verdadeiro técnico do verso" que tanta admiração mereceu de Tristão de Athayde. Por este tempo começa a reforma de muitas

das poesias dos anos anteriores, insuficiente, à procura de perfeição. Um exemplo é o convidadíssimo soneto "Saudade". Vejam-se as versas como aparecem no "Sangue".

"Noites de junho. O caboré com frio.
Ao luar, sobre o arvoredo, piando,
piando...
E à noite, as folhas lívidas cantando
A saudade infeliz de um sol de estio"

Depois, aparecerão assim:

"Noites de junho... O caboré num fio,
Ao luar, sobre o arvoredo, piando,
piando.
E ao vento, as folhas lívidas cantando
A saudade imortal de um sol de estio".

videntemente, os versos atingiam à perfeição. Poderiam multiplicar exemplos. Não temeremos alongar-nos excessivamente.

O Mário Leão lembrou há pouco a influência do pai, grande professor da Escola do Recife, na geração de que fez parte D. Costa e Silva, que lá se formou em 1913.

Que filosofia trouxe o velho Laurindo justificada na alma dos moços estudantes todos sabemos. Mestre do evolucionismo, alcançou seu prestígio mesmo os alunos menos dedicados aos estudos jurídicos, como foi o novo poeta. Não se preocupe, entretanto, se que escreveu um sistema filosófico defendido, exposto ordenadamente. Não tenham poesia. Mas certas locuções de convicção íntima, hauridas no ambiente mental da Faculdade transparecem na maneira de ver as modificações, o ir e vir das coisas e através delas se mostra ao poeta o mundo nos aspectos inquietantes que preocuparam os homens inteligentes de todo os tempos. Lá estão os sonetos do "Eterno ciclo".

"A morte é a própria vida na infinita
Transformação das formas da
matéria".

E da religião da meninice, do catolicismo tradicional fez-lhe apenas a imagem da mãe que, em penitimento, roeu sempre rezando.

Já muito mais rico de expressões e com olhos muito mais penetrantes para o mundo, como que se prepara para aquelas meditações do "Verônica" que daria à luz em 1927 e onde, se perde a alegria paga da fase anterior, ganha em profundidade de pensamento. É ali mesmo que nos pinta a passagem em lindíssimos versos:

Quando fui, com a meu sonho
ingênuo e lindo,
Pelas estradas amplas, bonitas,
Vinham as Garças desfolhando
rosas...

Ergui os olhos para os céus sorrindo.
A beleza da vida presuntimida...

Quando vim, com o meu tédio
miserando,
Pelos estreitos e áridos caminhos,
Iam as Parcas espalhando espinhos...

Bati os olhos para o chão, chorando.
E fiquei para sempre meditando..."



"Verônica" é um livro triste. Amargos são os frutos da Sibéria. É uma tarefa para o poeta. O autor do "Zodiaco" anima a aproximação da plena maturidade. É a hora da maternagem. Os vultos de mulher elatam-se como outras queridas nunca alcançadas. O orgulho de quem disse em "Pandora":

"Ninfas não há, talvez, nestas ribeiras
que pudesse fugir ao meu desejo
E ao contacto fascino do meu belo
Ao meu amor não se entregasse
integra".

Cede à resignada confissão:

"Vendo-te ou não o meu olhar divaga
Sempre a seguir-te e as vezes que te
veja,
Comi que te diluis, visão pressagia;
Quando te encontro aum fortuito
encontro,
Sinto que é uma sombra que
se apaga
Ao sul erupcional de meu desejo".

Sabe-lhe a humanidade. De que serve para este livro ter gosto de criação definitiva, já não se corrige mais, não emenda mais, como fiz eu tantos dos versos que enriqueci nos primeiros volumes, agradecadamente no "Sangue". Pena é que, para maior do artista, nembrinha crença definida surja a compensar as tristes e as tristes dividas que o assaltam ainda. A morte parece-lhe um fim. Chegando a saudade da amada que se levanta id para sempre, teme também morrer. Assim temo, a evocar-te a imagem Linda,

Que após a morte vinya a eternidad.
Esta separação tornar infinita".

"Verônica", o maior livro de D. Costa e Silva, nos deixa imaginar obra que nos daria alívio, não se iludindo a lucidez nos quizes ali que lhe precederam a morte, a 28 de junho desse ano. Folheteado, o trecento, presentela.

"Bêbedo, eu vivo de ilusões formosas
E tanto, algumas vezes, que endoides
Minha triâns e feissima cabeça
Coroada de estrelas e de rosas".

XIII A mulher Esfinge em Sangue

M. do Socorro Neiva

Após o esfinge sugere a ideia de enigma, de mistério. Como subentendido, a "Esfinge Tebana" propõe um enigma aos que passavam.

"Ou me decifras ou te devoro" - dizia a mulher de pedra que era também um ser heterônomo: rosto e busto de mulher, corpo de leão, cauda de dragão e asas de ave.

As tradições primitivas apresentam a esfinge como opressora, causadora de angústia. Essa mesma ideia vamos encontrar nos textos poéticos. Affonso Romano de Sant'Anna lembra que a mitologia da palavra Esfinge remete para opressão, afogamento, tormento.

Muito foram os poetas parnasianos que colocaram o tema da mulher esfinge em seu verão. Em "SANGUE", primeira obra do poeta plauense Os Costa e Silva, encontramos alguns sonetos em que a temática da esfinge enigmática e terrorizadora se faz presente...

Para o nosso estudo, levaremos em consideração as sinétiias: "Ignota Dea", "Lady Macbeth" e "Supremo Enigma".

O próprio título "Ignota Dea", ou seja, "Deusa Desconhecida", sua retórica para a ideia de enigma, de incapacidade de decifração, que vai reforçada pelo primeiro verso: "Anjor-silêncio ou mulher, risão que almeja" - e pelo último terceto:

"Debalde amontoi o coração e os olhos.

— Quem é tu? Quem é tu? De onde vieste?

E não conheço enigma essa a quem dirijo.

Convém lembrar que o uso da metáfora "deusa" em relação à mulher foi uma constante entre os poetas parnasianos.

Há um certo temor em relação à amada, o que configura a ideia da esfinge como opressora.

Por quem vivo de amor - a quem tocaço.

Existe na mulher algo superior que a prende. Há nela uma força, um encantamento que o faz desejar-lhe mais e mais, mesmo querendo esquecer-lá.

"Alheio ao gozo e à desventura alheio,

Não te vejo e te evito a todo ensejo
E tanto mais de ti me sinto cheio.
Mais te busco olvidar e te desejo".

A "Ignota Dea" é ainda um ser ambíguo. Aparece cínica entre o bom e o mal, entre a virtude e o pecado, o que faz gerar no poeta sentimentos contraditórios.

"É-me o meu ser, satânico e celeste,
Origem de alegria e de martírio..."

Em "Lady Macbeth" volta a aparecer a imagem da esfinge. O poeta é o "Poeta-Edipo", (3) aquela que tem um enigma a decifrar. Mas a fagulha

do "Edipo Tebano" não se repete neste soneto. A mulher permanece indecifrável, apesar de o poeta-amante ter "olhos de leão", animal que, segundo uma crença medieval, possuía o poder de, através do olhar, atravessar muros e muralhas. Acredita-se ainda que o leão percebia nas imagens o reflexo dos objetos que lhe eram ocultados. (4)

"Não me posso entender, senhora,
amante ou serva:
Amo-a, e não sei dizer se ama,
desdinha ou flingue"

"Flaz nos olhos seus os meus olhos de leão,
é um vago e estranho encontro o avô das formas lhe urge
De uma graça mortal que não
lhe quem destrinche..."

Além de esfinge a mulher é estátua, o que leva a ideia de inabilidade, de inexistência, de impotência.

"Conto minha dor, mas a voz não
alarga
Seu coração quieto, e inativo
se conserva
Na impiedosa nudez dolorosa
de estatua
Nema atitude real de estátua de
Minerva"

E a estátua é de Minerva, a deusa da sabedoria, da guerra, das ciências e das artes. Uma divisa que apresenta um ar grave e marcado de nobreza, de força e de majestade. (5).

Fica, assim, bem delimitado o distanciamento entre o sujeito e o objeto amado, uma vez que há um desenrolcamento entre eles: uma relação entre um ser divino e um ser humano.

Vale, ainda ressaltar, em "Lady Macbeth", a convivência das duas vertentes: a paga e a crise. A princípio, a mulher é aguadada a esfinge, a estátua de Minerva - no final, "Lembra Nossa Senhora survolada num ninho".

Em "Supremo Enigma" persiste a imagem da mulher-esfinge, da mulher enigmática e indecifrável. Destaca-se, em todo o soneto, a ideia do poeta como um ser impotente, desanimado e incapaz de decifrar "o mistério do amor", o mistério da amada.

"Um mistério de Amor que eu
não resolvo
Pousou teu ser e em teu olhar
se assila."

"Quem me decifrará todo esse
enigma
Que eu sinto e não comprehendo
e que me mostra
Através desse olhar,
como um enigma?"...

"Quem há que o seu segredo
me desvende"

A mulher é também aqui apresentada como um ser ambíguo, como fonte de prazer e de dor.

"Mistério ideal que envolve
e que insinua"

Destaca-se, ainda, em "Supremo Enigma", uma insistência no emprego do verbo olhar e do substantivo olhos, o que confirma, no plano estético, o culto do objeto plástico à distância e, no plano psicanalítico, um distanciamento, marca da intradição do desejo. (6).

No último terceto, há uma metáfora bem característica dos textos da época, uma metáfora de natureza mineral, dura e fria.

"— Pérola que a alma oculta
como as outras
E que no olhar em pérolas
esplende"

A pérola é um símbolo ligado à mulher. Representa a sublimação dos instintos, a espiritualização da matéria. Ela é atributo da perfeição angelical. (7).

Alfonso Romano de Sant'Anna, atuando na poesia parnasiana, mostra que a mulher continua a ser, nesse período, um objeto reprimido e repressor, mantendo a mesma linha de intradição do desejo de outros estilos de época de literatura. (8).

Em "Ignota Dea", "Lady Macbeth" e "Supremo Enigma" persistem metáforas da intradição do desejo - a inabilidade, o estremecimento, o distanciamento. Em todos eles é delineado o retrato de uma mulher estátua/esfinge, uma mulher que é endeuada, calunada a distância e recelar, provavelmente, o olhar e a gesto do poeta-mirante.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

(1) SANT'ANNA, Affonso Romano de. *O Canibalismo Amoroso*. Brasiliense. São Paulo, 1984.

(2) COSTA E SILVA, Antônio Francisco da. *Poesias Completas*. Cíteda, Rio de Janeiro, 1976.

(3) SANT'ANNA, Affonso Romano de. *O Canibalismo Amoroso*. Brasiliense. São Paulo, 1984.

(4) CHEVALIER, Jean e CHIERS-BRANT, Alain. *Dictionnaire des Symboles*. Seghers, Paris, 1974.

(5) COMMELIN, P. *Nova Mitologia Grega e Romana*. Tropocript. Rio de Janeiro, s.d.

(6) SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Por um novo Conceito de Literatura Brasileira*. Eldorado, Rio de Janeiro, 1977.

(7) CHEVALIER, Jean e CHEERS-BRANT, Alain. *Dictionnaire des Symboles*. Seghers, Paris, 1974.

(8) SANT'ANNA, Affonso Romano de. *O Canibalismo Amoroso*. Brasiliense. São Paulo, 1984.

Professora de Literatura Portuguesa e Brasileira da FUPPI.

PARNASIANO E SIMBOLISTA

A poesia de Du Costa e Silva inseriu-se em duas escolas: simbolista, interpretada nos poemas de *Sangue* (1908), e parnasiana, que determinou fixação de suas inclinações. Há, entretanto, a presença da poesia na tradição pós-modernista, instantânea que passou a produzir poemas livres e, por isto, incluindo-se entre os promotores dessa nova ordem literária.

A respeito da filiação do poeta as escolas literárias concordam que se desenhou o roteiro do professor Carlos Evandro, assegurando que "acreditou no poeta maturitário interpretando as houguas contemporâneas, partilhando e simbolizando". Sobre essas formas de expressão poética ressalta um autor influente da nova disciplina: «delineia bem como se prenunciar da poética moderna».

Ao editar *Sangue*, em 1908, Du Costa e Silva pensou a receber sucessivas elogios das suas brillantes novas da poesia, da surrealismo e da poesia dura e quânta Clóvis Beviláqua, que garantiu: "Ponta das minas é mesmo um grande poeta. O seu primeiro livro proclama sensação e paixão admirativa. Era a estreia de um estudante e a inauguração de uma verdadeira arte".

Compreendido por Mário Rodrigues, em grandeza, a Edgar Allan Poe, Cruz e Souza e Alves de Arevalo, o poeta de Amoreiras recebeu de Silviano Hummels elogio idêntico, que o situou ao lado de Vicente de Carvalho, Emílio de Menezes, Guedes de Andrade, Amália Amendoeira e Costa.

Clemente Furtado, um dos mais lúcidos e brillantes críticos plaudentes, falecido no final de 1975, foi quem denominou de Poesia da Sanidade o seu amarelinho. Desenvolvendo-se numa ampla continuidade da obra de poesia, disse de Verônica: "Já muito rico de expressões e com almas muito mais penetrantes para o mundo, como que se preparava para aquelas meditações de Verônica que daria a luz em 1927 e cuja, se perde a seguir, passa a fase anterior, ganha em profundidade de pensamento".

Verônica é um livro triste. Atravessa não só fases da subjetividade. É uma luta pura à poesia. O soler do Telesiano se mostra a concretização da plena maturidade. Os valores de maior sabedoria como suadear queridas assumem alcances.

De maneira já apresentada para um seu leitor mais organizado da Obra de Du Costa e Silva, paremos que o preparado pelo mestre Baldimmo de Deus é a que mais se aproxima da identidade de sua poesia. O autor de um substantivo estudo da obra de Du Costa e Silva sugere três referências para a melhor compreensão da sua evolução poética: POEMAS DA TERNURA, era que "é" e "tudo distante", os libos, artes, e agora morto, e artifício como elementos de funda significação na sua arte. No plano do DESALENTO, os poemas revelam "o cansaço do autor, o piorão agu", através de poesias reacionistas de suas angustias, de suas inquietações mais literárias, das sotivas e descrepantes. Aqui também projeta a luta literária, de uma poesia preocupada com o destino humano e o poeta, também como disfarce de um mundo abusivo. E os amores, mais ou menos, reconstruindo sonhos e esperanças, ressuscitado na poesia um sonho de um futuro interminável. No plano Final, Baldimmo de Deus destaca a NATURALEZA, o ritmo das coisas, as vozes do vento distante e a grandezza do poeta na demonstração de paisagens que a memória impõe, descorvando-o impressões.

Nesse plano, a natureza consegue na sua

grandezza absoluta o poeta se mover e questionar sobre a infinitude dos crimes e os crimes da ecologia.

A PRÁÇA E O POETA

Em Setembro de 1955, em editorial da revista do Caderno de Letras Meridianas, O. G. Régio de Carvalho ressalta que "nenhum elogio enternecido mais o coração do poeta amarantado, do que ter um livro seu rebatido numa literatura de História a alguma era, mestra, e o antigo admirador de Antônio Francisco da Costa e Silva questiona o valor da sua obra e encontra o último exemplar de *Sangue*". O mesmo O. G. Régio de Carvalho, confessa, contudo, que Du Costa e Silva merecia no mais ambicioso das enquadramentos, um meio de admiração de um mundo fascinante e eterno".

Decisivamente avançou com suas valentes e expressivas, e sociedades plausíveis costuma aplaudir, num mais órfano os "idólos" e "mártis" de outros poetas.

Da Costa e Silva é um exemplo desse avanço. Na capital do Estado, por exemplo, até há pouco tempo, não existia nenhuma obra resumida, lugubrina que honrasse o poeta. E o pior: nos vestibulares da Universidade e nas escolas secundárias e primárias o nome do poeta era desconhecido, apesar da fama de alguns intelectuais munidos que ignorava prevergente.

Felizmente, porém, no dia 5 de dezembro de 1977, o Professor Wall Ferreira e o governador Décio Aranha entregaram ao museu a Prêmio ao homenagem ao Poeta.

A praga Du Costa e Silva, uma das mais belas da capital plaudente, está erguida em feste, ao riso Parnônico - "velho menino", urbanizada com plantas autóctones e organizada com plantas de uso inestimável, grossas em suas raízes enraizadas com os muitos belos versos do poeta selecionados por Tito Filho. Hoje a praça é um campo de atração. Sede de movimentos artísticos e culturais, algumas vezes o seu charme é maculado por concreto estrutural no seu destino, como a infeliz ideia de um festival de dança break, numa praça que ridícula desrespeita que a América exporta para o mundo. Da Costa e Silva deve ser glorificado no seu mundo.

Mas a memória do poeta está sendo resgatada. E as esperas das comemorações dos cem anos de seu nascimento, há em todos os plaudentes um orgulho justificável pela imortalidade de um dos mais ilustres poetas da história literária do Brasil.

SANGUE, ZODIACO

Da Costa e Silva fez sua estreia na literatura em 1908, com um livro de narrativa, influência simbolista. Sempre comuns prediletos distanciados do tempo em que estudava no Liceu. Obra composta de 46 poemas, predominando a forma alexandrino expresso em 34 versos, podendo classificá-lo como das últimas obras dos simbolistas vinculadas à geração de 1905.

Nove anos mais tarde o poeta retorna com novo livro: *Zodíaco* (1917), alinhavado ao pós-simbolismo, sem, no entanto, deixar transparecer, numa e muitas poesias, resquícios bem-focados de influência simbolista. E possivel que significativa parte dos poemas publicados em *Sangue* possa ter sido organizada a partir de 1908.

A intenção nuclear do livro é a numeroso agente, e unidade, a vida, a geografia lírica da sua terra. Na plana da fozma, o poeta pode ser considerado um dos primeiros a realizar experiências do que veio a ser o narrativismo brasileiro. Uma tese, aliás, que poderia despertar a Universidade brasileira para estudos mais profundos.

Embora listado como livro, Verhaeren (1917) não é propriamente um livro. Trata-se de um poema em homenagem póstuma ao grande poeta e intelectual belga. Publicado inicialmente no Correio da Manhã, foi reunido em folheto e editado pela revista Apolo.

Pandora (1919) é, provavelmente, a obra de maior rigor técnico de Du Costa e Silva. Retomando a linguagem do classicismo de Camões e Francisco Manuel de Melo, o mito e simbólico grego, o poeta soma a concepção do saber moderno ao conhecimento das origens do arte e dos autores, dos mistérios do homem, de suas raízes religiosas. Inclui neste livro poemas extrados de *Sangue*.

Silva Verônica (1927) é bom marco e depoimento de Clemente Furtado: "Já muito mais rico de expressões e com outras muitas penetrações para o mundo, como que se preparava para aquelas meditações da Verônica, que daria à luz em 1927 e onde se perde a alegria pugnai da fase anterior, ganha em profundidade de pensamento". Baldimmo de Deus, no dia seu primo de comemoração, escreve: "É um longo viver que estampa o resto sofrido da poesia. O livro de uma vida dolorosa e cruel". Nas linhas mestras da poesia da Verônica, o subjetivismo intenso de um poeta mais rico, de uma filosofia amarga, lútrica, elegiaca. Foi o deserto impacto da morte de Alice a depurar a arte poética.

Alambiques reúnem poemas publicados no intervalo entre os anos de 1925 a 1930. Foi o princípio da morte do sublú que nela cumpria. Antônio Villegas, em árgua mísia da obra de Du Costa e Silva, assim sente: "Encharca-se o caixão do seu destino. Ficaria 18 anos em silêncio, treco pela melancolia". Aqui o poeta adota prucessos modernistas, alinhava-se ao simbolismo da arte. Obra malsaudada, o poeta ceasou de colocar no papel o seu mundo, marginando num transmutado vertiginoso de imagens inexpressivas e desencheradas.

Clitado por Félix Aires como obra publicada, Cleópatra foi apenas um projeto editorial. De acordo com o segundo argumento de J. C. Coutinho, Cleo te poemas desse projeto foram incluídos em *Pandora* e *Zodíaco*. A imprensa brasileira havia antecipado sobre a organização do livro, dando destaque aos poemas de natureza e "elogio das olho", cujos trechos se acham incluídos nas obras citadas.

Em 1934 a Editora Civilização Brasileira organizou uma seleção de poesias de Du Costa e Silva e editou uma Antologia.

Em 1950, ano da morte do poeta, a Revista Graciosa reuniu numa edição os Poemas Completos de Du Costa e Silva. Mais de 20 anos depois, o filho do poeta, Alberto da Costa e Silva, organizou e editou novo livro, incluindo as poesias inéditas e um almanaque e seguro depoimento sobre a arte e o poeta amargurado.

Vale a pena transcrever aqui o que disse Mário Albuquerque, ilustrante da obra eterna e permanente de Du Costa e Silva:

"Se ele faz um livro no sol, há outro à sombra, outro ao fogo, outro à terra. Se ele conta uma das esquinas, conta também as outras três. Se tem a beleza de mancha, nota também a do meio-dia, a da tarde e a da noite. E, assim, em tudo se vê um esquema de composição metódica e metódica".

Se é verdade que cessou no poeta o saber que exerceu, é verdade também que o seu cargo, assimilado hoje pelas suas contemporâneas, permanece entre a redoma algazarra que que ameaçava as mesmas e investia-lhe fúrias.

Conferência pronunciada no Encontro Nacional de escritores em Brasília

João Emílio Falcão

Jornalista e escritor; membro da Comissão de Comunicação da Costa e Silva.

A poesia é um dom divino e o Apóstolo, um santo-Dom. Pode-se apreciar a poesia, mas não pode apreciar a poesia, nem transmitir a essência da poesia, o que é mais importante e a transmissão em profecia e testemunho. A verdadeira poesia é, pois, espírito, chama que devora e purifica.

O poeta tem, em consequência, uma grandeza única, que dá ao poeta um dom especial, apesar de os versos serem, quase sempre, tão simples que nos admiramos, ao lê-los, de como pode se pensarem e fizessem imaginação de certos poemas.

Cada poeta é dividido em quem que se pôde se identificar com os antigos poetas, carregando de suas mágoas e experiências, amores e desamores. Quando soube esta unida, sempre rica, porém difícil, o poeta ultrapassou o sufrimento e se impôs em cada homem de seu poeta e em cada profeta do clero, como se renascesse em todos os cristãos e fosse herdeira sua terra.

Assim aconteceu com Da Costa e Silva, o poeta Flávio. O foi alcançado entre os intelectuais de seu tempo, que lhe reconheceram o talento e o perfeccionamento, não só a esse só, mas expressou quando entrou nessa fase, quase 20 anos depois de escrever seus versos, rudes e suados, quando chamaram o Pernambuco de velho, moço das lascivas iranhas, porque assim o definia a poesia. Velho, moço, juventude, juventude no interior e exterior, homens juventude apurada com que vai ascendendo e abandonando-se com suas maravilhas, como sugeriu o professor Antônio José Tito Filho, Presidente da Academia Pernambucana de Letras, na calice da nossa patrimônio histórico-cultural.

Há primeiro com Da Costa e Silva, entre ele e seu poeta, as águas do Pernambuco, que embalam nossas sementes e entregam-as às angústias, e outras no dia de seu nascimento, a alegria, no nome das grandes esmeraldas, mazulando-nos pelas recorrências das destrutivas. Como linda foi quase um século, os meus dias de juventude, quando vi ser ascendendo pelo horizonte os céus, luminosas luces de alegria que todos os anos sentiam subindo e vendo-nos correndo de nossas esperanças, dominadas somente, aliás, que renascem para serem novamente concebidas, a encantos que a vida é portuguesa em sua constante em suas transformações.

Aprendemos, nossa juventude, com o Ladrão-dos-olhos, o rapaz amaldiçoado por haver expandido a mão, a arrogância para o leito de condenação quando passa, e aprendemos todos, logo, que se o Pernambuco é fonte da vida, também, da morte, com a mesma intensidade, ou abraço com que nascem muitos de nossos heróis. Por isso o rio é triste, como somos tristes, e que Da Costa e Silva expressou nesse verso:

"Eu sou tal qual o Pernambuco. Existem dentro em mim ser uma tristeza inata, igual, talvez, à que no rio assola: ao refletir as árvores, na mata..."

O seu destino em roteirizar consiste, porém, o rio nôo que reflete, de alegria que era, val hirmando triste no fundo espelho móvel de ouro e prata.

Parece-me que o rio tem saudade, como eu, que também sou desta mancha, saudoso e triste em plena monarquia.

Devo em mim o sentimento semântico da reflexão das árvores da beira, na superfície tremula do rio.

Atrás da saudade é a saudade de Da Costa e Silva. Nela não se encontra triunfante delírio, alegria exultante em expectativa impetuosa e doce no futuro resplendo. Os seus versos são a Flávio. A nós, nós prados, vinhedos e cascatas saudade, com a terra queimada pelo sol ardente e os rios secos e estes mortos em seus leitos. Invictável, poi, o amor ao Pernambuco impessoável, a buscar seu destino por entre crevas, a correr leito em curvas quase sempre largas, mas invictáveis.

Da Costa e Silva, como seu Rio, nasceu para anunciar-se com a glória, seu destino, idealizado como consumariza a amargura, longamente a Flávio no final do século passado e no Amazônia, pequena cidade, com 8.300 habitantes, onde um jovem superava dificuldades perenemente para compor suas primeiras versões, almejando nas processões frequentes, como essa: "Cora meu, almejado/a da Virgem Mãe de Jesus". Como se disse brancos de giz: "nunca fui de lá". Seu filho, Francisco Alves da Costa e Silva, realizando das águas de seu nome o de permanecer à escola diplomado, encontrou-se em Lisboa, em 1906, transformado em fada, em terra de Manuel de Almeida, que podia ter se inspirado nas versões do romance de Azurara, o poeta Da Costa e Silva.

O Acadêmico e ex-senador Luís Mendes Filho Gonçalves, seu aluno de primeiros letenos, informa que foi, mesmo assim, pintor, cantor, artista em que expressava sua religiosidade e, sua freqüência, numerosas "Carreiras Fantásticas", nuns de suas últimas produções, pela qual mostrava grande apreço, em que reverencia à infância e infância Amazônia, o poeta embriago e se cegaria de um lado amazônico.

"Eu fui o mais feliz dos meninos de meu tempo: gravava todas as moedas das imagens que fazia (ja tinha o dom divinício de um criador de imagens) a dar voltas e voltas nos cassos de madeira, que galopavam automaticamente, feitos cassos árabes".

Reconhecimento, respeito pela consciência da arte, que sabia identificar, admirar, nome a alma de poeta. O anelito "Saudade", dos mais importantes da nossa literatura, levou de sua alma, das recordações, desse dom que em momento levou-o a cair, não esvalide aguas, mas crise imagens em sua arcada.

Costa Chaves Castello Branco, dissim-

inguidor, homem de letres, um dos maiores cultores pioneiros, necessariamente fascinado, pelo imortal Carlos Castello Branco, esteve entre os jornalistas, que em 1901, cerca muito, por volta das 23 hs, ele e o poeta alzamaram os esaudos jurídicos e saíram a passar pelas ruas caminhadoras de Recife, e lá refletindo-se no Capibaribe, lá cordeiram, e baixaram a mesma razão, a beijar o mesmo olho adorado de seu Poeta.

Ao separamos, Da Costa e Silva, andando de um lado para outro, esfregando as mãos, segundo Joaquim, "um voo, se há um céu sobre a terra", disse "Saudade", em que malha contam a influência de Antônio Nobre e outros, modicamente, procuram plágio nela há semelhanças乍然, no percurso social literário. Assim preferia recorrer à poesia, diante, sentindo no nascer do verso a matiz lírica que protege.

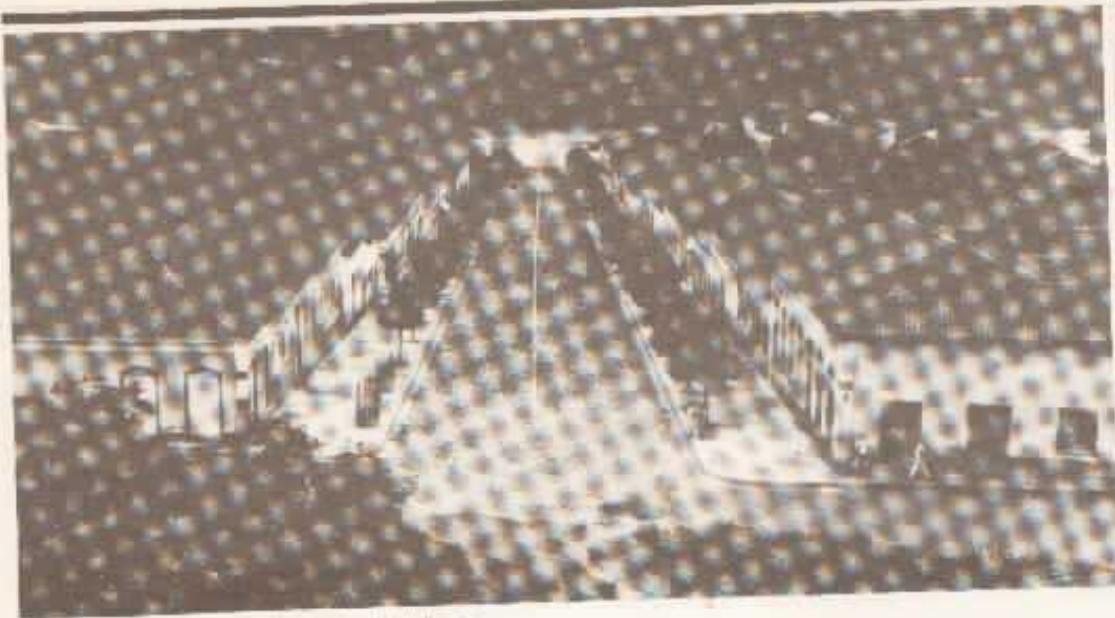
Graziano, tocando, sua flauta: Debaixo das águas e histórias são muitas. Pedro Nava, relata quando o encheram churrasco de "Quase-morte" e bateu a "cara amarela que parecia um bolo de melão da praia, com os lumes das olhas, das canelas e da boca". Chaves, fraterno, registra o encontro com o poeta: Maria Rodrigues, amiga de Pernambuco, descreveu como "rapaz amônio", de espaldas eretinas e olhos estrábicos, rubor e luminosidade feia". Para Antônio Sales era um "menino magro pálido, desengonçado, um pouco estrábico, de frigidez amarela", e Franklin Sales observou-lhe em Recife: "viveu sempre em Recife, comunitário, e que tinha contra ele".

"Eu", Nada, meu amigo: Assi gosta de seu verso e apreende seu talento. Conta permanentemente o que está é seu fision. Eu só lhe encontro na carreira honesta de talento, que seja também todas honras. A diplomacia exige isso. Desse modo sua sorte em 1906 Agosto, no Itamaraty, não. O senhor aqui n'entre. Tua seu sacrifício de chova.

Na veia mais íntima, a explosão desse em alongo que terminou, como a finalização pouco diplomática: "Da Costa passou um mês".

O poeta tinha consciência de sua Juventude, de suas versões de Ego: "Sou, talvez, o mais triste ser humano! Que vivo só e só sou só e só! Porque posso o espírito Apolo / se fez mestre de Vítorino". I outros versos, proféticos sobre o seu destino observou: "Já bobeado ou vivo de illusões". E, nesse verso, "enfomeado". Minha noite é festejada como Cozida de seteiras e de rosas", disse Sangue, editado em 1908. "Ego" faz parte do Pau-brasil, publicado em 1919.

Continua na página 76...



Autorre - Eugenio Zorzan (angola) - foto: Luiz Fernando - Rio de Janeiro

Zangão foi escritor, em grande parte, em Teresina, onde chegou, em 1909, com 15 anos, para concluir os preparatórios no Liceu Piauiense. Nota-se, desde logo, sua cultura, apurada da aldeia e o conhecimento profundo da língua, o que fornece um paralelo natural sobre a educação moderna. Sume-se, no maior verso sua Edgar Allan Poe e Dante Alighieri, revela, de acordo com a opinião dos críticos, influência de Colet e Döderlein, Antero de Quental, Verlaine, Francis Jammes, Arthur Noyes, Cesaire Verde e Mallarmé, a pecar sua sofreguidão do leitor.

Lançado em Recife, pela Livraria Francesa, o livro foi sucesso de público e de crítica. Andrade Muricy aconselhou que "trazia uma assimilação humana, um interessantíssimo comunicativo" e considerava alguém que havia visto nela virtuosidade literária, um belo imponente arrebatado. Para Olegário Mariano foi das "mais expressivas artérias que põe a aliança em sua obra". Mário Rodrigues comuniu-a a Edgar Poe, Lampião, Cruz e Souza e Álvares de Azevedo. Em conferência sobre grandes cultos românticos, Chicoine Caspelo Branco descreve:

"Num horizonte estéril... no Recife, quem desonrava-se com o poeta de Sampaio apreendia, misturado por velha gente curiosa e encarregada perfeita de arte e da poesia. O seu retrato, ampliado, pelo fotógrafo e iluminado pelos expositores de sua obra, serviu exposito durante um mês na Livraria Francesa."

Nunca, desde a estória, os três grandes fones de imprensa e amor concorreram - o Parnasista e Amazônico, e nisso em que cunhou em 23 de novembro de 1915, os Flus das Flores. A poesia terrena dominou o verso, dálhos um ritmo peculiar, um discurso tripto, clávio, conciso, sem exuberância, por isso, alegre, alegria, como seu título. Em carta ao Desembargador Escrivão da Fonseca, reproduzida por O. G. Rizzo de Carvalho, dedicado literário piauiense, numeroso o poeta e mestre, expõe a almeja: "A nostalgie de minha terra vem-me, quando em vez, meus sonhos de rota. E tivemos ideias de rota e vontade de Andrez: experimentar o vistoso mundo do rio, penetrar os jardins das sibílias de mata e mar, a vida em roça, e amigado das folhas".

Esse sentimento terreno reflete-se muito bem no livro Zodíaco, lançado em 1917, em que transborda o orgulho do poeta seu amor pela natureza. Mais da que presencia de modernismo um polo encantado de coleção de poemas em que não se fala de amor, Zodíaco mereceu famaço como um canto de defesa ecológica, antecipando-se a uma consciência que amanhã agarraria o mundo.

Interessante constatar a vida paulista, a consciência da responsabilidade humana no mundo, a convicção permanente e inatares. Tinha a humildade de perceber a solidão da existência, houve o suspiro da solidão que descreve: "Centrai as tuilhas, num instrumento brusco e sonoro de maderas equitivas, no mesmo tempo tristeza e alegria! E comecem os meus sonhos e alegrias! E comecei de um modo violento". E tornou indagando: "Eso?", mas, no segundo ato, abriu-se alma que vibrava, aturdida e em jejunismo de pulsos tan justos?"

Zodíaco é desventura, pois. Nas linduras de poemas da fauna, vede o ritmo das palavras identificadas e expressas os animais, visões para manifestação de carácter. É primor de ironia e sarcasmos de "O Sapo", num este trecho: "Tudo é o perfílio e o res das rias, rincões, alinhos e inclinos, a coxas no lagoado do charco, e em o se malo chorbo e singulo do mundo". O poema "As Arvores", com clara constatação animalista, expressa desde o inicio: "Contemplando esse arvoreiro infantil sentimento de vida em que se infundem Panam que também sentem, também amam/ quando via florindo o prado verde".

O seu gênero poético encadeia-lhe algo apurado a paixão da fruta, o sabor de fruta, mas levou-o a uma interpretação romântica notável para sua época e, ainda hoje, encanta-lo a ser percebido pelo leitor, que mal consegue a ser desmentido. A compreensão de que o homem não está isolado de Lusitânia e suas plantas e animais, corroboram o tratado a seguir, de almejou alta inquietude do espírito, avide de conhecimentos, e da busca incessante das caixas da solidão. A sua amizade é, muitas, da incompreensão da vida, do querer interpretar o destino.

Em Zodíaco, também, hácos ansi, amar a terra, matos no campo, como

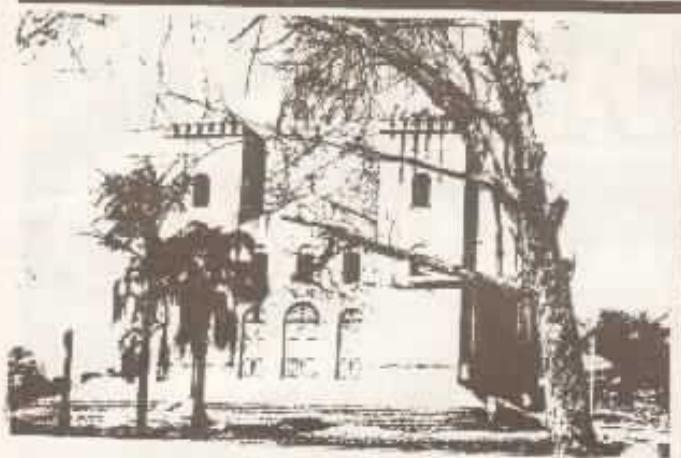
"Madrigal de um Lamen", prosélula da paixão, invadido em "Sangue". Seria provável que em Zodíaco se prestaria diversão d'queer chicanear sua arte? Escreveram no mal passo sólido quinhentista e olivcentista e era por isso proibida a escrita no português antigo, que combinação não bom.

De Costa e Silva tem sido classificado como simbolista. Preferiu viver a contraria num seu poeta que independe de escola. Não se pensava a convicções, não se recolhia em limites obices. Por isto, seu trabalho étilico sempre surpreende, destrói, marca de várias correntes literárias, influências dissidentes. Encontra nela, mais do que milhares, o homem que sabe expressar si terça e terça. Isto é que mostra que o homem é um mestre que tem um segredo poético. Zodíaco, onde ensaiam suas firmas abertas exímios poetas, trazem sua indústria, pura e someta que dedica à Amazônia, pequena cidade, q transfigura em escuridão de telas q nasceram em céus perpétuos, intercessando pelas forças da terra, tornam a imagens.

"A infinita terra e sua terra, se lhe amar [sobre a terra] é um eu sólido e intenso, tão límpido e tão [brilhante] que escuro sussurra, que escuro é [que] escuro é sussurrar sobre o vale mortal, que o solio à base [poder]

Que encanto natural o seu aspecto amea [junto] e práticasas verde, a Igreja branca [pela] das rosas, que se vira, pouca a pouca, [japogn] num e necessário perfil metálico da [sua] Cunha o seu peito feito, que ri das propriedades, [japogn], Livre em terra, tendo tua ilha, ali [foi] a cidade vorinendo uns osinhos das águas

Terra para se amar com o grande amor [que eu te]



Terra onde tirei o berço e de onde esperei
[final] Sete palmas de glória e deus levara de
[final] [final]



A vida de Du Costa e Silva foi pungente e sacrificada, desonrante, mas indissociável à tradição constituinte do batalhar, atingiu a glória sonhada desde a infância, atingiu claramente perceptível em vários de seus poemas. Aproveitando um momento que malheirosamente trouxe ao mundo, quatro anos depois passou a integrar os quadros do Ministério da Fazenda, servindo em Belo Horizonte, São Paulo, Mariana, Rio de Janeiro e Porto Alegre, onde se encantava em 1930. Não chegou à Revolução porque exercia cargo de chefia e lhe vedava, como avançava no discurso com que arredadeu os homenageados ao despedir-se dos companheiros da "alta formatura" e valer que o seu trabalho lhe assegurava, sem indagações de suas qualidades, sem pecado que nome pudesse tirar e ministrantes, sobreponha a menor consideração quanto suas cruezas e sanguinárias políticas.

Tinha, portanto, visão liberal, denunciava, que o fez defender, em carta a Esmeralda de Britto, "o regime de consciência e liberdade, idealizado pelo Vizinho Rio" e por esse princípio obteve a autorização para ingressar na chapa do Partido Republicano Liberal do Piauí em 1933, quando não punha mais exercer atividades políticas. Não frangiu essa a defesa da moralidade pública

e muitos reconhecem que a luta contra a corrupção na Delegacia Fiscal da Transito, em São Paulo, agravou seu processo de declínio, iniciado com a morte da primeira esposa, Alice, em 1929.

Vestindo o diário dessa saudade, editado em 1927, é repleto de ternos e sentidos poéticos de desencanto, sofrimento. Todas, porém, são lembranças, certas, em que o poeta sua presença compõe, nem dormeza as memórias, mas longe-as na maternidade da vida e, se conseguia essa parte da dorosa angústia que o levou a escrever: "Ah, cum que é resignação maldita" ou a insinuar que os céus o uniram "sem roçar nem de malha mortalha".

Admirável e exílio penitência de que se separava - longe provado de honra, quando obteve em um verso que "saudaria em meu pensamento" e, em outro, "de sonhar de adorar. Um agora amadur". E, nenhuma vez em que sua nova esposa, Cândida, em que se casou em 20 e teve três filhos, envolveu-a em ternura - sua quase carilheira perdidamente degradada com leis de lucidez. Descrendo como porta ables de compreender o amor, seu ultimo romance, "O Coronel Fuchas", em que retomou a infância "porque a saudade me levou à longínqua Amoreira" que clama, talvez, por mim, desbenhada sobre as aguas lúidas e sonolentas do Parnaíba, a talher para o mar como eu para o mato...

Até morrer, em 25 de junho de 1955, Du Costa e Silva foi prenunciado, e muitas poesias conmemorativas que falam em sua passagem

para o encontro, ver o poeta. Ele podia estar morto para todos os conterrâneos, ignorado por todos que conheciam de seu único poema, cuja era pra mim, como hoje, "será amada, uma promessa real, parte de um só dia, entrelaçada com oceano e, amanhã, crescente da Paixão".

Certe haja lamentos, a evocantes de matéria que foram vista lá em Fortaleza, onde todos o homenageavam: "Ela já não escrava, já não faga vezas. Morreu em mim a saudade que evocava..." Engano-só. Seu nome é dos que não morrem, dos que Brami no art. "Oversatir" evocava louçar quem recita seu soneto que permanece, como fogo sônia, o poema Saudade, ditado em 1937 a seu amigo Christina Catão Bracé.

Saudade! Olhar de minha mãe evanescendo. E a premio leito deslizando em fio...
Saudade! Amor de minha terra... O riso
Cartões de águas claras solitários,

Notas de jumbo... O caboclo com feio,
do bar, solte o xaropeado; piando...
E, ao vento, as folhas lividas cantando
A saudade imortal de um sol de estiva...

Saudade! Aza de dor do pensamento;
Gêmidos vãos de curvâncias no vento...
Os escoitinhos de meusso sobre a serraria...

Saudade! O Parnaíba, velho magre
As hortas brancas alongando. E, ao luar,
o magide das boas da minha terra,



POEMAS

A Vingança dos Deuses A Da Costa e Silva

Hoje embora o curvalho o azul do céu
com a tempestade,
e embora esteja o poeta em sonho o
céu Azul.
ainda assim tem aquela as raízes
na lama
e o último tem os pés plantados no
pau...
.

Só a noite, que passa, entrela:
um instante apena,
a cabeca do trô cansado da floresta:
o curvalho, que reflete as estrelas
sermas,
câi na chama do chão como um riso de
festa...
.

Enquanto o vento, uivando, erica a
ruiva árvore que da sombra, e fruto, e
abriga aos timbres,
a agna passa cantando uma canção
festiva
por entre as relvas mias de acerados
espinhos...
.

E no rubor, que toca o céu com o
próprio galho,
e intenta no alto o sol, como um fruto
maduro,
e as estrelas também, como gotas de
curvalho,
que o raio cai como uma praga de
esconjuro...
.

Si ainda queres viver, verga, como a
carne,
a fronte à tempestade... Humilha-te,
com fome,
vendo a pender do ramo o furto
fruto uirginal...
— Apaga-te no pô, ento o teu gênio e
o teu nome...
.

Ser muito grande ofende os deuses
mínimos,
e ser muito maior que o comum dos
mortais

tira-nos o sosiego e arranca-nos a paz,
para nos esmular de pragas e
estigios...
.

Ser grande, entre os deusinhos, ainda é
um pecado contra a natureza... E ser
maior que os outros já-de,
por força, meu timor, si isso raro se
encontra,
ser um pesado contra a própria
divindade...
.

Graça enorme é sentir a divina
beleza —
primavera do céu sorrindo à alma da
gente, —
que a tudo empresta um sentimento
de surpresa,
porque a beleza crê as coisas
novamente...
.

Poder sentir o sortilegio indefinido,
deslumbramento, encanto, amarro o

fascínio, —
que vibra em luz no olhar, e em
música no ouvido,
ver a lua subindo, e o sol no seu
declinar...

a terra em flor, e o mar: os passarim e
os aurores,
que é um gênesis folhado cada manhã do
mundo
e, de máscara negra, a noite, que
devora
em lagrimas o dia; e ainda olhar, bem
ao fundo,

atônito, a alma humana, — é uma
alegría inesva,
um consolo seu par a todas as
torturas,
uma incalável e suprema recompensa
ao mal de ter escondido entre as outras
criaturas...
.

Si alheia rosas no chão, verdadeiras e
belas,
quando o corpo de um santo é mortado
de aquela,
a alma do poeta é como o seu chão de
estrelas,
porque no coração do poeta é sempre
noite...
.

O poeta é uma rota de estrelada de
rosas:
chega o vento e sacode-a, e ela atira
no chão,
de um só vez, as suas petulas
radiosas,
gotas de sangue do seu próprio
coração...
.

Criaste de novo o mundo, a feição do
teu sonho, enquanto os deuses o
criaram uma só vez
e por isso, talvez, o castigo medonho
como o raio que cai no curvalho
montês...

Abriste a copa no vento e cada folha,
ao vento,
expalhou-se no mundo, arrebatando
em verso,
qual si a gente estivesse a ver, em
pensamento,
como arvore de lux, esfolhar-se o
universo...

E, no rubor que tocou o céu com o
príncipe gelho,
e ostenta no alto o sol como um fruto
maduro,
e as estrelas também, como gotas de
curvalho,
que o raio cai como uma praga de
esconjuro...

Tua cérebro anfibio, om sombras... E
a esperança
diz, rindo, ao meiação os últimos
adens...
.

A democria é, de resto, ainda a
melhor vingança
dos deuses, contra quem foi maior do
que os deuses...
.

MAIO, 1955

MARTINS NAPOLEÃO
Extrado da Revista da Academia
Piauiense de Letras - Ano XXI -
Nº 17 Teresina - Piauí.

Moenda (2)

A memória de Da Costa e Silva

Môl, moenda, mortifera metralha
no martelhar metálico e mortal!
môl, e mata-me o sonho vertical
ao marejar matriz dessa mortalha!

Môl, o motor moveante universal
no mundo provário que nunca falha
môl, mocinha, mentira que agita
no corpo levantado, triunfal...
.

Môl, o maf, e moendo muitas vidas
no macabro desse belo matar,
môl de mim totalmente essas feridas...

no entanto teu bôi a ruminar
môl e remor lembranças bem afinaladas
no trágico tormento a triturar! ..

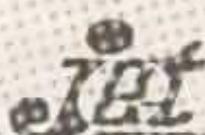
Cid T. de Abreu

prof. de Filosofia da Educação da UFPI).

NA *JET* VOCÊ
COMPRA A PREÇOS
BEM MAIS EM
CONTA DO QUE
VOCÊ IMAGINA



Máquinas de escrever e calcular,
máquinas de escritório e residencial, fogões, geladeiras,
televisores, equipamentos de som,
telefones e muitos outros.
As melhores marcas e os mais variados modelos,
em exposição em qualquer loja *JET*.



Esta marca você conhece.

Moritz - Peissandu-1033 - Cekrio - Alvaro Mandes-1173

One-Jato São - Alvaro Mandes-1172 - Filial - Rui Barbosa-113

